

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Adeilson Toledo Torres

**INFLUENCIADORES NA SOCIEDADE EM REDE: UMA ANÁLISE DO
PROGRAMA RODA VIVA ESPECIAL DE 30 ANOS**

Bauru
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Adeilson Toledo Torres

**INFLUENCIADORES NA SOCIEDADE EM REDE: UMA ANÁLISE DO
PROGRAMA RODA VIVA ESPECIAL DE 30 ANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru-SP, para obtenção do título de mestre em Comunicação Midiática pelo aluno Adeilson Toledo Torres, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Bauru
2019

Torres, Adelson Toledo
INFLUENCIADORES NA SOCIEDADE EM REDE: UMA
ANÁLISE DO PROGRAMA RODA VIVA ESPECIAL DE 30
ANOS / Adelson Toledo Torres – Bauru, 2019

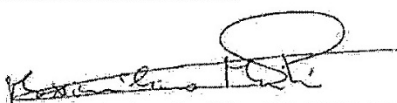
147p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru
Orientador: Maximiliano Martin Vicente


1. Comunicação. 2. Influenciadores. 3. Sociedade em rede. 4.
Roda Viva. I. Título

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ADEILSON TOLEDO TORRES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

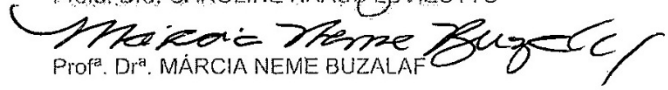
Aos 06 dias do mês de março do ano de 2019, às 00:00 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO do(a) Departamento de Ciências Humanas e Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, Profª. Drª. MÁRCIA NEME BUZALAF do(a) Centro de Educação Comunicação e Artes / Universidade Estadual de Londrina, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ADEILSON TOLEDO TORRES, intitulada **Influenciadores na sociedade em rede: uma análise do programa Roda Viva especial de 30 anos**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE



Profª. Drª. CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO



Profª. Drª. MÁRCIA NEME BUZALAF

TORRES, Adeilson Toledo. **INFLUENCIADORES NA SOCIEDADE EM REDE: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA RODA VIVA ESPECIAL DE 30 ANOS**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru-SP, para obtenção do título de mestre em Comunicação Midiática pelo aluno Adeilson Toledo Torres, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Área de Concentração: Comunicação Midiática

Linha de Pesquisa: Processos midiáticos e práticas socioculturais

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente (presidente/orientador)

Instituição: FAAC

Profa. Caroline Kraus Luvizotto

Instituição: FAAC

Profa. Marcia Nem Buzallaf

Instituição: UEL

Profa. Raquel Cabral (suplente)

Instituição: FAAC

Prof. Rozinaldo Antonio Miani (suplente)

Instituição: UEL

Resultado:

Bauru, 06 de março de 2019

Agradecimentos

Agradeço a Deus que ao mesmo tempo que soprou fôlego de vida em minhas narinas, me deu seu maior dom: o de amar. Como se não bastasse, também deixou dentro de mim sua maior capacidade: a de criar. Ser um criador é ver o mundo além da lógica física material, e é este traço criativo que me torna basicamente diferente de qualquer tecnologia que opera dentro de uma lógica algorítmica, da qual sempre serei capaz de compreender por ter um pouco de Deus dentro de mim.

Agradeço a minha filha Clarice Suzanna Rosa Torres, que me fez entender que é possível amar sem nem mesmo precisar de uma primeira vista. Essa menininha que encantou o mundo, que nasceu durante esse tempo de estudo e me fez perder o chão, ao ponto de não conseguir as vezes nem mesmo sintetizar a ideia mais simples.

Agradeço a minha amada esposa Vanessa Suzanna Rosa Torres com quem tenho dividido meus dias e com quem pretendo dividir minha vida e amor até o fim do último compasso, da última canção. A ela também agradeço por me fazer ser alguém mais disciplinado e organizado, sei que tenho muito a melhorar, mas muita da evolução atual devo a ela.

Agradeço a meus pais, Absalão Vieira Torres e Cinéia Toledo Torres, que em seus gestos simples e humildes me educaram e me ensinaram valores extremamente valiosos de integridade que pretendo honrá-los, levando e contagiando a todos que eu puder enquanto eu viver.

Agradeço a meus irmãos, Claudinei Toledo Torres e Claudineia Toledo da Silva, que foram os primeiros a me ensinarem a importância de partilhar, lhes agradeço, pois, sei que posso contar com vocês sempre, e sem dúvida torcem com seus corações pelo meu sucesso onde estiverem.

Agradeço a meu orientador, Maximiliano Martin Vicente, que me deu liberdade de pensar e me respeitou em todo o tempo, mesmo quando minhas ideias eram imaturas, teve paciência de me orientar com muito zelo e fez com que tudo fosse leve mesmo quando eu me senti desesperado.

Agradeço também a meus sogros, minha cunhada e meu concunhado que me apoiaram diretamente e indiretamente, além das constantes palavras de incentivo que foram combustível imprescindível neste processo.

Agradeço a todo o corpo docente do programa de pós-graduação em Comunicação da UNESP de Bauru, instituição que promove a diversidade de pensamento e o respeito as diferenças. Sem dúvida, há muito que eu possa me inspirar e me espelhar enquanto professor, a partir do que vi e vivi nesse período.

TORRES, Adeilson Toledo. **INFLUENCIADORES NA SOCIEDADE EM REDE: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA RODA VIVA ESPECIAL DE 30 ANOS.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru-SP, para obtenção do título de mestre em Comunicação Midiática pelo aluno Adeilson Toledo Torres, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade analisar o programa comemorativo de 30 anos do Roda Viva, da TV Cultura. O programa teve como entrevistadores influenciadores digitais e duas pessoas no centro da tradicional roda: o historiador Leandro Karnal e o filósofo Luiz Felipe Pondé. A dissertação tem como principal objetivo responder duas questões: O que motivou a mudança de formato no Especial de 30 anos do Roda Viva? Quais as repercussões que essa mudança gerou ao programa? Para tanto se procura entender o conceito de esfera pública tal como expressado por Habermas (2017) e sua articulação com a visão de Castells (2007) relacionada com a sociedade em rede. Para realizar as análises e responder as perguntas se levou em consideração a participação dos envolvidos no desenrolar do tempo de duração do programa. Para a interpretação de dados, foi utilizada a metodologia da Hermenêutica de Profundidade, conforme proposta por Thompson (2011), notadamente a interpretação discursiva. Os resultados obtidos apontam que a mudança se deu mais em função de uma tentativa de se adequar às redes do que propriamente contribuir com conteúdo inovador.

Palavras chave: TV Cultura, Roda Viva 30 anos, influenciadores digitais, sociedade em rede, hermenêutica de profundidade.

TORRES, Adeilson Toledo. **INFLUENCIADORES NA SOCIEDADE EM REDE: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA RODA VIVA ESPECIAL DE 30 ANOS.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru-SP, para obtenção do título de mestre em Comunicação Midiática pelo aluno Adeilson Toledo Torres, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Abstract

The present work aims to analyze the 30 years Roda Viva Commemorative Program, from TV Cultura. This Commemorative program had digital influencers and two main interviewers: Leandro Karnal historian and Luis Felipe Ponde philosopher. The main purpose of this dissertation is to answer two questions: What motivated the format change in the program 30 years Roda Viva Commemorative Program? Which repercussion this change had caused to the program? To answer those questions it is necessary to understand the public sphere concept which has been expressed by Habermas (2017) and relates it to network society by Castells (2007). In order to analyse and answer the questions it was taken into consideration the people participation and the length of the program. For the data evaluation the Depth Hermeneutics methodology proposed by Thompson (2011) was used, specially the discursive interpretation. The results obtained indicated the format change was motivated in order to be suitable to networks instead of contribute with innovative content..

Keywords: TV Cultura, Roda Viva 30 years, digital influencers, network society, depth hermeneutics.

Sumário

1.	Introdução.....	9
2.	Esfera pública/espço público deliberativo e a sociedade em rede.....	12
2.1	A formação da Esfera.....	12
2.2	Tecnologia e Esfera Pública: desdobramentos.....	16
3.	Elementos estruturantes da Sociedade em Rede e os influenciadores.....	31
3.1	O conceito de rede: definições, perfis e tipos de interações.....	31
3.2	A sociedade em rede	38
3.3	Influenciadores individuais na rede.....	42
4.	TV Cultura e o Programa Roda Vida.	49
4.1	A trajetória da TV Cultura	49
4.2	O programa Roda Viva	53
4.3	O Roda Viva especial de 30 anos.....	59
5.	Metodologia: a Hermenêutica de profundidade	65
5.1	Análise Formal.....	67
5.2	Análise de conversação.....	79
6.	Conclusão	86
7.	Referências bibliográficas	90
8.	Anexos.....	91
1.	Anexo 01: Transcrição do Roda Viva 30 anos.....	91
2.	https://youtu.be/rivj8gpeAFU	91
4	Anexo 02: Transcrição da entrevista com Rachel Vieira Belo de Azevedo.....	134
3.	https://goo.gl/hKNf3L	134
5	Anexo 03: Transcrição da entrevista com Luiz Felipe Pondé.....	140
4.	https://goo.gl/mfyFfh	140
6	Anexo 04: Depoimento de Augusto Nunes (ex apresentador) sobre o Roda Viva	144
5.	https://goo.gl/m2U8nf	144

1. Introdução

O programa Roda Viva é talvez o programa de entrevista mais tradicional na televisão brasileira, sempre recebendo convidados de destaque (principalmente no cenário brasileiro), sendo que grandes autores internacionalmente reconhecidos foram entrevistados neste programa. Além disso, a bancada de entrevistadores foi majoritariamente composta por jornalistas de peso com posições influentes nos grandes meios de comunicação.

Com isso, o programa Roda Viva sempre teve um papel representativo tanto na opinião pública, como na opinião política. Todos os presidentes do país, após a democratização, sentaram naquela cadeira ao centro do programa e se dispuseram a responder questionamentos dos entrevistadores. Inclusive, em 2016, o programa contou com uma entrevista de um presidente em exercício, o que exemplifica a relevância no espectro político até mesmo pela ótica dos políticos que se dispõem a participar do programa.

Sendo transmitido pela TV Cultura, uma emissora pública com transmissão nacional, o Roda Viva tem um espaço potencialmente livre das interferências do mercado, ou seja, não tem acordos diretos que lhe censuram no seu agir cotidiano. Claro que, por outro lado, existem interesses políticos (internos e externos) como em qualquer organização pública, porém, o programa tem sobrevivido e resistido arduamente a essas pressões, marcando sua reputação nos debates públicos e nos círculos intelectuais.

Um programa com esse formato e projeção, em muito pode ser relacionado com o mundo contemporâneo, mediado pelas tecnologias, que tem buscado cada vez mais a racionalização, principalmente através de formas deliberativas de debates públicos, que tem procurado ampliar as maneiras de participação política. Neste sentido, um programa que é transmitido em televisão aberta pode ser agregador para essa busca por interpretações variadas diante dessa transformação constante da esfera pública.

Mais do que isso, há também a necessidade do comunicólogo observar as formas com que os *medias* transitam, conversam e convergem¹. Assim, quando um programa tradicionalmente conhecido e reconhecido se propõe a tomar rumos inovadores, isto deve ser alvo da observação dos estudos das comunicações.

Com isso, chegamos ao episódio especial de 30 anos do Roda Viva, transmitido pela televisão e pelo Youtube em 31 de outubro de 2016. Por se tratar de uma data tão representativa, é sempre uma expectativa de como um programa com um formato tão consagrado pode se

¹ Sendo que nem sempre os *medias* se convergem.

diferenciar ao ponto de surpreender e ser ainda mais marcante a sua audiência cativa e ampliar seu público. A partir destes desafios e expectativas, a produção do programa se dispôs num processo colaborativo, pensar num formato diferenciado que não causasse estranheza aos telespectadores fidelizados, mas que ao mesmo tempo fosse diferente e leve para todos que assistissem. Tudo isso sem perder a profundidade intelectual que é a marca registrada do programa.

Assim, decidiram convidar influenciadores digitais, principalmente Youtubers para compor a bancada de entrevistadores, e buscaram um tema que tivesse relação com os anseios destes e ao mesmo tempo lhe desse alguma credibilidade. Com isso, chegaram ao tema “Dilemas Contemporâneos”, um assunto com possibilidades de articulações com as novas mídias, e os questionamentos que as gerações mais jovens tivessem interesse.

Porém, quando a produção pensou em quem poderia responder tais questionamentos, não quis ter um convidado central único, pois isso remeteria ao formato tradicional. Ter um debatedor no programa especial de 30 anos, representaria que aquele convidado é importante para o programa, razão pela qual teria sido o escolhido. Com isso, convidaram dois professores que já tinham boa relação com a emissora, e participavam em outros programas da grade de programação: o professor historiador Leandro Karnal e o filósofo Luiz Felipe Pondé.

Todas essas mudanças de formato preocuparam a produção, pois estava em jogo uma reputação construída por décadas. Além disso, também havia o fator de “conflitos de gerações”, que poderia produzir ruídos nos diálogos, para tanto, houve um trabalho de curadoria de todos os convidados participantes, apresentando a proposta e aguçando suas contribuições.

Com isso, temos uma obra com valor histórico, jornalístico, tecnológico e até filosófico. Tudo isso, em múltiplas plataformas que reverberaram dentro de uma sociedade em rede, que interagiu sobre o programa, tanto durante a sua transmissão, quanto após ela, e continuará enquanto houver interesses.

A partir da percepção da relevância deste episódio do programa Roda Viva especial de 30 anos, surgem as perguntas de pesquisa desta dissertação: o que motivou a mudança de formato no programa especial de 30 anos do Roda Viva? Quais as repercussões que essa mudança gerou para o programa? Consideramos a priori que esta mudança de formato - principalmente na composição da bancada de entrevistadores - poderia indicar alguma tendência a ser seguida, rompendo com o formato tradicional do programa e gerando uma nova visão sobre o programa. Para responder a essas questões a dissertação foi dividida em seis capítulos, incluindo a presente introdução.

O segundo capítulo pretende apresentar o conceito de esfera pública, a partir da definição de Habermas (1997). De forma geral, tal conceito foi posto em circulação com maior destaque a partir da obra “Mudança estrutural da esfera pública”, o qual tratava principalmente do percurso histórico no qual a sociedade deste a Idade Média foi moldada pela sociedade burguesa, notadamente na forma como os indivíduos compreendiam e separavam a esfera pública, privada e política.

Já no terceiro capítulo, a partir de uma visão de sociedade em rede, conforme o ponto de vista de Manuel Castells (2005), são propostos alguns conceitos e perfis que auxiliam numa reflexão mais aprofundada das relações da sociedade com os *medias*, e sobretudo com a tecnologias inovadoras que são acessíveis a maior parte das sociedades informacionistas.

O quarto capítulo trata de todo o contexto geral do objeto de pesquisa: o programa Roda Viva especial 30 anos que apresentamos anteriormente. Este capítulo também dissecar os formatos que marcam o programa.

O quinto capítulo expõe e justifica a metodologia escolhida para analisar este episódio do programa Roda Viva, que foi a Hermenêutica de Profundidade (HP), conforme desenvolvido por John B. Thompson (2011). Neste capítulo também são apresentadas as peças que foram consideradas para as análises e apresenta entrevistas de pessoas envolvidas na elaboração do programa produzidas para esta pesquisa.

O sexto e último capítulo traz uma breve conclusão a partir das inferências pessoais do pesquisador sobre os resultados obtidos.

2. Esfera pública/espço público deliberativo e a sociedade em rede.

Dentre as várias pretensões a serem conseguidas no presente capítulo destacamos duas principalmente. A primeira é apresentar o conceito de esfera pública, e a segunda abordar a complexidade que envolve a sociedade em Rede. O caminho a ser percorrido se inicia com o estudo e a contribuição de Habermas para entender como se origina a ideia da esfera pública e como ela vai se desenvolvendo e se adaptando a partir do período pós-industrial até a contemporaneidade, estabelecendo correlações de mudanças na esfera pública também numa perspectiva sociológica da denominada sociedade em rede. Mostramos como houve um avanço e aquisição de direitos e de democratização da esfera pública, onde os cidadãos cada vez mais vão ganhando espaço para poder expressar suas opiniões e manifestar seus pontos de vista. Assim, chegamos à sociedade em rede, sociedade essa que pode ser vista como a expressão mais avançada de participação social, pois facilita, evidentemente para quem tem acesso, a participação e a publicitação das vontades das pessoas. Mesmo assim, tentamos problematizar essa decantada participação democrática e mostramos como ela é, na verdade, uma sociedade tão complexa como as anteriores. Os dois subitens a seguir procuram dar conta da problemática exposta nas linhas anteriores.

2.1 A formação da Esfera.

A introdução do termo “público” de forma geral parece exigir uma associação a outro, ou mesmo uma conjugação gramatical, para que seu sentido seja melhor compreendido. Para Habermas (2003): “chamamos de “públicos” certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um”. (HABERMAS, 2003, p. 14) Similarmente, a ação de “tornar público” (publicar ou tornar comum) para Arendt (2007) é quando algo “pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível”. (ARENDR, 2007, p. 59)

Estas definições partilham da condição de que a noção de “público” cria-se a partir da percepção que algo pode ser acessado por “qualquer um”. Porém, esta lógica – quando levada em seu sentido mais amplo – leva a uma compreensão de que tratamos de um acontecimento universal transcendental metafísico na medida que seria impossível a constatação de não haver nenhum indivíduo privado da oportunidade de ter acesso ao acontecimento proposto como “público”.

A própria noção de “espço público” é difícil de ser definida. Habermas (2003) também indica que aquilo que chamamos hoje de “espço público” faz referência, na verdade, a locais mantidos por instituições do Estado, que na maioria das vezes não são acessíveis a todos

(HABERMAS, 2003, p. 14). Assim, na sua preposição inicial, a noção de “sociedade fechada” também pode ser relativizada pela variação das políticas públicas que compreendem e definem o que é “espaço público” em oposição a espaço privado.

O termo “esfera pública” é compreendido a partir da referência da *polis* grega, na qual os cidadãos atenienses livres poderiam expressar seus discursos na ágora. (HABERMAS, 2003, p. 16) Desta forma, na sociedade grega se separava a esfera privada, entendida como a casa e a família (*oikos*) da esfera pública, conjunto de atividades chamadas por Aristóteles de *bios politikos*, a ação (*práxis*), discurso (*lexis*) e a visão de negócios (*ta tón anthrôpôn pragmata*). (ARENDDT, 2007, p. 34)

Continuando com a evolução do termo, o surgimento das cidades e a intensificação do comércio, no fim do feudalismo, se cria um ambiente para formalizar outro avanço da esfera pública. Nessa fase, a emergência de uma sociedade civil está ligada à reunião de pessoas privadas com o objetivo de debater questões do estado, antes restritas aos senhores feudais e aos reis absolutistas que concentravam o poder e impediam a participação da sociedade na tomada de decisões. O modo de vida da burguesia, favoreceu o debate de ideias que ajudariam a compor a esfera pública burguesa, claramente diferente da feudal e absolutista. Deve ser lembrado que Habermas faz referência ao termo burguês no sentido de afirmar que a participação era priorizada para os que tinham propriedades e riquezas.

Um fator negativo da esfera pública burguesa, foram os controles impostos pela burguesia sobre os meios de comunicação, principalmente a “imprensa” e o correio. Se pode afirmar, portanto, que havia um sistema de comunicações que não podia ser chamado de público, porquanto as notícias não eram disponibilizadas e nem acessadas pelo público em geral. (HABERMAS, 2003, p. 30). Além disso, ainda não havia uma consolidação da publicidade, que estaria interessada em ampliar o campo de ação demandando uma forma de comunicação ampla e acessível ao maior número de pessoas.

De acordo com Habermas (2003) alguns levantamentos históricos sobre como se deram as mudanças estruturais na esfera pública, exemplificam de diversas formas como o capitalismo, patrocinado pela burguesia, foi se “organizando” e dissolvendo “a relação originária entre esfera pública e esfera privada” que impedia seu avanço. (HABERMAS, 2003, p. 167) Com isso, o que havia era um tipo de esfera pública e social resultante das tensões entre estado e sociedade, tensões essas promovidas pela atuação da burguesia que tentava implementar uma estrutura social e um poder público alinhado com seus interesses e, portanto, contrário ao tipo de sociedade dominada pelas relações e hegemonia de interesses da monarquia e da nobreza. (HABERMAS, 2003, p. 169)

A ampliação do conceito de esfera pública, fez com que a visão habermasiana fosse ainda mais enriquecida na obra “Direito e Democracia: entre a facticidade e validade”, volume II. Nela Habermas atualiza o conceito, deixando claro que “esfera pública” não é um tipo de organização ou estrutura normativa. Assim, apresenta a seguinte definição:

A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos. (HABERMAS, 1997, p. 92)

Por esta definição, podemos observar que Habermas idealiza a esfera pública como uma rede na qual haja liberdade para o exercício da ação comunicativa. Entretanto, reconhece que o processo comunicativo pode ser filtrado e sintetizado em temas específicos.

A observação do mundo contemporâneo principalmente a partir do final do século XX, demonstra diferentes relações comunicacionais mediadas por novas tecnologias. Com isso, neste estudo pressupomos que além da mudança estrutural histórica da esfera pública promovida pela sociedade burguesa, exposta na obra “Mudança estrutural da Esfera Pública” de Habermas em 1962, vivemos numa nova mudança estrutural, a qual parece não estar totalmente clara e documentável, mas que mantém a premissa habermasiana que já indicava a diluição da esfera privada, que se movia cada vez mais no sentido público. Com todas estas reflexões, Habermas conclui que a esfera pública burguesa evolui de um espaço social livre, para, com o exercício da razão crítica, um espaço de reivindicações particulares de grupos sociais diversos. E mais, ainda que se reconheça a necessidade de separação entre a esfera do público e do privado, os laços de união entre ambos e as mudanças no mundo, produziram uma crescente interligação entre as mesmas a ponto de as organizações privadas começarem a assumir tarefas próprias do poder público.

Nesse embate entre o público e privado emergem algumas mediações (por exemplo, na publicidade) que aliadas ao jogo dos setores mais poderosos, começa a tornar hegemônicas as posições de burguesia enquanto grupo de maior representatividade. Embora na contemporaneidade a burguesia não pareça homogênea, no sentido de ter um perfil único, sim, ela é tradicionalmente hegemônica em suas atuações sociais e até culturais. Por isso que as percepções habermasianas, exemplificam também, a evolução da esfera pública nas suas características de fortalecimento representativo da burguesia desde o período pós-medieval.

Partiremos de uma concordância com Habermas na compreensão de que a implementação da tecnologia na sociedade, se expandiu, criando uma pressão sobre os indivíduos de se tornarem cada vez mais públicos. Isso representa também, num primeiro

momento, uma diminuição sem precedentes da privacidade dos indivíduos e, depois, uma obrigação de tomar uma posição e se encaixar num fluxo comunicacional, e por fim se condensar a um sentido de opinião pública/política. Em outras palavras, é fato que quanto mais o indivíduo se torna público, mais ele sofre pressão sobre seus discursos públicos, e que existem agentes leitores de seus discursos que os interpretam e reinterpretam, sempre sob o uso de filtros de interesses de projetos de poder e pressupostos ideológicos.

Vale a pena salientar que além do componente tecnológico, Habermas considera importante, na evolução da esfera pública e da sociedade, as manifestações socioculturais. Essas manifestações devem ser entendidas desde a ótica da comunicação e não apenas pela aplicação de componentes estruturais e econômicos. Essa ação, é o que se conhece como ação comunicativa, e que deve ser entendida como um campo de batalha pela influência e controle social, num sentido amplo, onde estão presentes discursos de autoridades, artistas, intelectuais, além de movimentos sociais e demais setores da sociedade civil organizada.

A esfera pública não é mais um agregado de indivíduos que formam o público, mas é formada por grupos auto organizados em uma arena para a exposição de problemas, que necessitam ser elaborados pelo sistema político. Portanto, não é uma instituição, organização ou sistema. Caracteriza-se pela sua abertura, por ser permeável e se deslocar, sendo um fenômeno social. Todos os assuntos são tidos como passíveis de debate na esfera pública, desde que ganhem status político de um tema de interesse geral. Nesse contexto, deter o poder dos meios de comunicação é vital, pois eles acabavam reforçando as ideias defendidas por cada setor envolvido no debate público, pela adoção ou transformação de leis, normas e medidas que determinam o sistema social.

Como bem lembra Ana Paula Ferrari Barros (2008) ao comentar essa transformação

Desta forma, os meios de comunicação de massa passaram a ser vistos com potencial para desempenharem um papel mais político e positivo e a audiência exercer o julgamento crítico, a partir de esferas públicas mais autônomas que restrinjam o poder da mídia. Já na teoria do agir comunicativo, Habermas abandona a visão dos meios de comunicação meramente a serviço da reprodução da ordem social (como agentes de manipulação ou porta-vozes de grupos poderosos, infensos à participação democrática) e reconhece a ambiguidade de seu papel social. Percebe a construção de um espaço, temporalmente mais amplo à comunicação e disponibilização de conteúdos para vários contextos. O autor sustenta a possibilidade de a mensagem transmitida pela mídia produzir um processo reflexivo crítico por parte da audiência. (BARROS, 2008, p. 30)

A comunicação, nesse novo contexto, é conduzida e protagonizada por atores institucionais poderosos, que podem chegar até influenciar de forma decisiva na formação de ideias na sociedade notadamente interligada pelas redes sociais.

A seguir, trataremos de exemplificações destes aspectos, sempre tendo em vista a referência de esfera pública habermasiana, e as mudanças notáveis a partir da sociedade em rede.

2.2 Tecnologia e Esfera Pública: desdobramentos

A preposição quanto à influência das TIC na definição mais recente de “esfera pública” de Habermas, nos traz algumas questões. Destacaremos quatro delas. Tais reflexões visam contribuir para a melhor construção do nosso arcabouço teórico, e articulá-lo a uma observação empírica contemporânea mais abrangente, para tanto partimos das seguintes questões:

- O que torna uma rede adequada para a comunicação?
- Quais políticas públicas promovem uma rede democrática para a comunicação?
- Como se constroem as tomadas de posições e opiniões?
- Como estes fluxos se condensam em opiniões públicas?

2.2.1 O que torna uma rede adequada para a comunicação?

A partir da transformação da comunicação nas redes digitais, a confiabilidade nas informações transmitidas é questionada a todo momento. Conforme perde-se a “inocência” de acreditar que exista uma rede neutra, o interesse pela identificação de quem são as instituições e pessoas que detêm o poder sobre ela, é uma consequência racional inevitável. Assim, a dependência que criamos de uma plataforma ou interface comunicacional, deve sempre ser remetida a uma profunda análise vertical, que nos levará muitas vezes ao apontamento dos mesmos conglomerados empresariais, instituições e pessoas que nos dominam através dos *media* que usamos voluntariamente, ou por pressões externas. (CASTELLS, 2017, p. 29)

A aceitação de que as redes atendem a projetos de poder - sejam eles do setor privado ou até mesmo do setor público - gera uma pressão no usuário em decidir quais ações tomar para lidar com essa dominação aparentemente inevitável.

De modo geral, uma rede nova, tende a oferecer grande autonomia aos seus nós, ao mesmo tempo que oferece funções limitadas em sua programação. No decorrer de seu uso, as redes sofrem adaptações/atualizações em seu programa, propostas principalmente pelos próprios nós/usuários, e às vezes por iniciativa dos mantenedores. “A importância relativa de um nó não está em suas características específicas, mas em sua capacidade de contribuir para a eficácia da rede na concretização de suas metas”. (CASTELLS, 2017, p. 66) Estas mudanças a

partir das contribuições dos nós nem sempre são benéficas aos interesses comerciais de seus mantenedores.²

Quando as atualizações não agradam os nós/usuários, principalmente nas redes digitais, normalmente isso se dá por um conflito entre uma decisão administrativa e a diminuição da autonomia que os nós dispõem dentro da rede. Isso gera respostas que podem ser positivas como aumento do número de usuários, e/ou mais rendimentos financeiros principalmente para o proprietário; ou negativas como boicotes e deterioração da imagem da rede. Muitas vezes o desacordo entre os usuários e os desenvolvedores/mantenedores é levado à intermediação, e como alternativa, os usuários podem propor políticas públicas que gerem regulações, até mesmo dentro de plataformas privadas.

Neste sentido, podemos acreditar que toda rede aberta ao público é democrática, porquanto depende dos usuários para se manter e existir. Além disso, toda rede segue a lógica de mercado de ser um serviço com ciclo de vida. Se este serviço chega ao seu auge e não se tem inovações, a tendência natural é o declínio, a perda de espaço para concorrentes seguindo desta forma até chegar a descontinuidade. No Brasil podemos citar o emblemático caso do Orkut, rede social virtual que foi a maior no país principalmente entre os anos de 2008 a 2010³. Embora fosse filiada ao Google - o que indica uma grande estrutura empresarial a sua disposição - aos poucos o Orkut foi perdendo espaço para seu concorrente o Facebook, ao ponto de ser descontinuado em 2014.

Quando observamos as interconexões entre as multinacionais que detém o poder em setores como a tecnologia e os meios de comunicação, conforme levantamento feito, Castells (2007) em fevereiro de 2008, notamos que alguns fluxos de investimento e parcerias tem uma relação com a evolução tecnológica dos *media*.

Assim, a plataforma, o sistema e o equipamento tecnológico, também estabelecem formas de dominação. Se considerarmos as receitas das principais corporações citadas por Castells (CASTELLS, 2017, p. 123) notaremos que as mais valorizadas não são as empresas de *media*⁴, mas sim as empresas de tecnologia.⁵ É importante notar que os maiores conglomerados de *media* em certa medida se reportam para as companhias de tecnologia.⁴ Isso, fica mais

² Embora pareça óbvio, lembramos que a maioria das redes é também uma relação de interesses comerciais.

³ Facebook passa Orkut em número de usuários no Brasil em agosto, confirma Ibope. Disponível em: <<https://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/09/10/facebook-passa-orkut-em-numero-de-usuarios-no-brasil-em-agosto-confirma-ibope.jhtm>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

⁴ Lista Global das 500 maiores companhias, filtrada pelo setor de media. Disponível em: <<http://fortune.com/global500/list/filtered?sector=Media>>. Acesso em: 01 set. 2018.

⁵ Lista Global das 500 maiores companhias, filtrada pelo setor de tecnologia. Disponível em: <<http://fortune.com/global500/list/filtered?sector=Technology>>. Acesso em: 01 set. 2018.

evidente quando Castells aponta como estes, procuram estabelecer parcerias com empresas de tecnologia, principalmente com a Apple, que no momento da escrita deste, possui uma das maiores receitas globais, sendo a maior empresa de tecnologia do mundo.⁵

A concentração dos meios de comunicação, regido por essas megacorporações num fortalecimento de um evidente oligopólio, parece estar ainda em desenvolvimento. A tradição de construir um império dos meios de comunicação da forma com que as companhias de rádio e a televisão trabalhavam, num projeto de longo prazo, principalmente entre as décadas de 1960 a 1990, perde lugar para a inovação imposta por companhias como a Apple, Samsung, Amazon e Alphabet (Google Inc). Com isso, a tendência parece estar numa relação entre oferecer: dispositivo, sistema, interface, plataforma e a produção de conteúdo.

Atualmente, uma grande tensão sobre o mercado de tecnologia tem se dado em torno das relações de produção de conteúdo. Principalmente em como se darão as negociações por plataformas de *streaming*, ou seja, qual será a plataforma que irá impor uma hegemonia global dentro deste tipo de tecnologia, focada na produção de conteúdo.

Especulações dos interesses de empresas como a Disney de comprar outras empresas de serviços, como a Netflix, chama nossa atenção. Além disso, tentativas de criação de novos serviços que fidelizam o uso de um dispositivo específico, de uma marca específica, é uma estratégia que também está ganhando espaço dentro deste mercado, como uma tendência.

Outro exemplo disso é o crescente investimento que a Apple tem feito em criar e gerenciar conteúdos dentro de seus dispositivos. A Apple após ter especulado comprar empresas de menor porte de *streaming*, indica estar no caminho de desenvolver suas próprias estruturas de gestão de conteúdos e tomada de espaço de concorrentes menores⁶. Com isso, podemos propor que cada vez mais usuários desta marca irão ter dispositivos que exigirão login, e dentro de um espaço virtual customizado para o cliente nestes aparelhos, eles terão acesso a conteúdo *on demand*, desenvolvidos pela própria empresa. Assim, usuários deste tipo de serviço farão pequenos pagamentos para ter acesso ao conteúdo de seu interesse o que ocorre, por exemplo, com o serviço Apple Music⁷, que compete com serviços como Spotify e Deezer.

Isto já acontece também, dentro da estrutura dos dispositivos com sistema operacional Android. Este sistema operacional mantido pela Google Inc., atualmente é o mais utilizado no

⁶ O ambicioso plano da Apple para destronar a Netflix. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/05/cultura/1525554713_818878.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

⁷ Planos de pagamento pelo serviço Apple Music. Disponível em: <<https://www.apple.com/br/apple-music/plans/>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

mundo⁸, e tem nativamente softwares que facilitam o acesso aos conteúdos também mantidos pela Google; principalmente o seu buscador e o Youtube, além de outros diversos serviços oferecidos gratuitamente aos usuários.

Uma “rede adequada” é uma constatação crítica muito relativa. Como já dito, isso dependerá do perfil e dos interesses dos nós/usuários, em suas posturas mais cautelosas ou mais inovadoras.

Um critério para avaliação de uma rede é o quanto ela é horizontalizada ou verticalizada, e em quais situações e interações ela transita entre estas duas formas. Uma rede vertical expressa uma maior subordinação. Castells (2017) propõe a hipótese que o sucesso histórico que vemos nas redes verticais/hierárquicas sobre as redes horizontais, se dá pelos limites matérias e a forma descentralizada como as redes horizontais se organizam. (CASTELLS, 2017, p. 68)

Castells (2017) também indica que a força das redes está em sua facilidade e capacidade de se flexibilizar, adaptar e se autoconfigurar. (CASTELLS, 2017, p. 68). Entretanto, podemos acrescentar que esta força também é ponderada pela rapidez com que a rede sofre essas mudanças, e até o quanto essas atendem as necessidades dos nós que a utilizam.

Não obstante, outro critério para dizer que uma rede é adequada, é a forma com que os usuários avançados e inovadores são tratados, se existem programações que dão relevância para aqueles que pretendem colaborar, para que a rede seja aperfeiçoada, num programa que torna usuários da rede representantes de um cluster (ou nicho). Estes “representantes” de cluster também se encaixam no que trataremos a frente como Micro influenciadores.

2.2.2 Quais políticas públicas promovem uma rede democrática para a comunicação?

O primeiro ponto a ser questionado, quando falamos de um modelo de rede democrática ideal é a igualdade de acesso. Logo, essa questão passa novamente pelo interesse do indivíduo em se constituir como um nó em algum tipo de rede. Após respondido tal impasse, o questionamento seguinte é quanto a condição econômica que assegura ao indivíduo acessar a rede de seu interesse. Redes muito inovadoras, muitas vezes beiram o “fetichismo” tecnológico. Em alguns casos o investimento posto sobre uma tecnologia inovadora⁹ não é uma ação consciente nem mesmo por quem faz o investimento financeiro. Uma provocação possível

⁸ Android passa Windows e se torna o sistema operacional mais usado do mundo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/android-passa-windows-e-se-torna-o-sistema-operacional-mais-usado-do-mundo.ghtml>>. Acesso em: 10 ago. 2018

⁹ Podemos dizer que tecnologias não devem mais ser intituladas como de “última geração”, uma vez que uma única geração passa por diversas versões das mesmas tecnologias. Logo devemos dizer que existem últimas tecnologias ou como tratamos até agora: tecnologias inovadoras.

nesse sentido é perguntar, por exemplo, a um comprador do último Iphone (smartphone da Apple), por que ele escolheu investir no dispositivo. A profundidade da resposta por critérios técnicos e aplicabilidade dos recursos sobre a rotina de uso do equipamento irá justificar (ou não) o preço de ser inovador.

As redes com malhas de usuários que utilizam dispositivos inovadores, são restritas e têm como base de sustentação financeira a exploração do capital e/ou a pesquisa promovida pelos setores privados ou públicos. Assim, podemos dizer que esta casta inovadora não é em nada democrática, e ao que tudo parece indicar, assim não será; porquanto o tempo de desenvolvimento e implementação de novas tecnologias não são acessíveis a sociedade como um todo. É importante destacar que tratamos aqui de um nível de inovação que é estrategicamente restrito, e que não passou por um lançamento comercial, ou seja, acreditamos que já existe uma nova versão de Iphone com recursos e tecnologias superiores às versões mais novas comercializadas ao público em geral; estes equipamentos já estão sendo testados por equipes de desenvolvimento e colaboradores de alto escalão da Apple. Tanto que hora ou outra vazam fotos ou dados técnicos destes produtos que ainda serão lançados. Com isso, consideraremos inovadores produtos que são considerados como protótipos (ou conceito) para a maioria da sociedade tecnológica.

Assim, descemos um nível e chegamos às tecnologias menos inovadoras, ou que não estão nas últimas versões, que passam a atrair a atenção de usuários cautelosos. Existe sim, uma tendência global de que essa transição seja cada vez mais rápida para atender a interesses comerciais de corporações que tem políticas de sair na frente, porém há um risco iminente de que seus produtos precisem de *recall* ou atualizações após a entrega ao consumidor.

Nesse ponto, também temos interferência das políticas públicas. A exemplo disso, lembramos das aberturas do mercado brasileiro nos anos 1990, que potencializaram positivamente as importações de novas tecnologias, ao mesmo tempo que gerou, num primeiro momento, um impacto negativo em alguns setores produtivos, como na indústria automobilística.

Sem dúvida, o cenário econômico tem reflexo direto com os usos e aderências tecnológicas. Atualmente, o Brasil passa por uma crise econômica que gera um retrocesso no uso de tecnologias inovadoras, principalmente nas classes sociais D e E.

A pirâmide de Maslow que demonstra as estruturas e bases de prioridades nas necessidades gerais, tende a descartar adventos inovadores de alto custo, priorizando itens de necessidade básica mais urgentes. Com isso, temos fenômenos no Brasil que exemplificam de forma dramática tal fato, como o atual aumento do uso de fogões a lenha ou carvão no ano de

2017, ocasionado pela impossibilidade de alguns brasileiros de manter economicamente o gás de cozinha em botijão.¹⁰ Por isso, a sensibilidade do contexto econômico deve ser considerada como ponto de observação para entender as dinâmicas das redes em suas transições inovadoras.

Muitas vezes, essa fragilidade é tida como oportunidade pelo setor privado ou como potencial espaço de promoção política para o setor público. Neste contexto, os interesses no desenvolvimento de infraestruturas que promovam a difusão tecnológica mais inovadora e com isso, novas redes de conexão, são estratégias cada vez mais comuns.

Projetos como o “Facebook na Comunidade”¹¹, que oferecia a construção de laboratórios de inovação e fornecia transmissão de internet, por sinal de wi-fi aberto dentro de comunidades carentes, são projetos que exemplificam um trabalho de fortalecimento de marca dentro de uma estratégia social, enquanto fidelizam novos usuários a uma plataforma de interesse comercial.

Se tratando das redes digitais, os debates sobre a necessidade de políticas públicas que promovessem regulações no uso da internet, nos últimos anos muito transitou no poder legislativo e numa parte da sociedade civil brasileira. Tanto que o debate acarretou, após alguns anos de tramitação, na Lei nº 12.965/14, que ficou conhecida como o Marco Civil da Internet e foi sancionada em 2014.

Já em seu primeiro artigo, o texto desta lei esclarece sua função de estabelecer “princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil e determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em relação à matéria.”¹² Ou seja, esta lei pretende estabelecer relações e conexões funcionais e respeitadas entre os diversos tipos de provedores: de estrutura (*backbone*), de acesso (ou de conexão), de conteúdo (de mídia), de hospedagem, de informação e de serviços online; e suas relações com os usuários.

O que vemos de forma geral na atualidade, são discursos para tentar reafirmar que o uso de redes de internet irá respeitar as privacidades dos usuários, que as redes são neutras e não utilizarão de informações confidenciais de seus usuários. Porém, considerando todas essas camadas dos mais diversos tipos de provedores que suportam e fornecem conexão aos usuários,

¹⁰ Com alta do gás, 1,2 mi domicílios apelaram a lenha ou carvão em 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/04/com-alta-do-gas-12-mi-domicilios-apelaram-a-lenha-ou-carvao-em-2017.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

¹¹ Facebook vai pôr Wi-Fi em Heliópolis e levar laboratórios a outras favelas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/facebook-vai-por-wi-fi-em-heliopolis-e-levar-laboratorios-outras-favelas.html>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

¹² BRASIL. Lei n. 12.695, de 23 de abr. de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília, DF, abr 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 10 ago. 2018

essa afirmação parece perigosa. Além disso, alguns acontecimentos recentes demonstram como tal afirmação pode ser questionada.

Desde os provedores de estruturas, como o exemplo da gigante americana AT&T, e como tem trabalhado com a Agência Nacional de Segurança Americana (NSA), afim de espionar o que achar necessário¹³, chegando até a grandes escândalos de vigilância internacional, que podem ser citados para demonstrar como a própria estrutura das redes é usada para interesses econômicos e políticos.¹⁴

Em certa medida, leis como o Marco Civil da Internet, que pode cobrar do provedor de estrutura, informações geradas pelo tráfego de dados no período de um ano (art. 13), e do provedor de aplicações pelo período de seis meses (art. 15),¹¹ sofrem do dilema de que durante este prazo as informações podem vazarem, ou serem vendidas.

Ao mesmo tempo, o não registro de informações transferidas são também um problema. Temos no Brasil, o caso do aplicativo móvel WhatsApp, que transfere mensagens com um tipo de criptografia *end-to-end*, ou seja, não se é arquivado em servidores as mensagens que são transferidas. Isso também tem sido um sério problema, pois o único modo de se ter acesso as mensagens é tendo em mãos ao próprio dispositivo receptor/gerador, ou *hackeando* remotamente, o que pode ser configurado como um método contraditório para quem busca aplicar a justiça. O WhatsApp exemplifica uma situação da qual a lei brasileira citada não poderia garantir acesso aos dados transferidos, mesmo por meio judicial. Além disso, os mantenedores do WhatsApp dizem que este não arquivamento de mensagens transferidas, é a estratégia para reduzir o custo operacional com infraestrutura de funcionamento do aplicativo, e até garantir a privacidade dos seus usuários.

Porém, movimentos burocráticos para definir qual conteúdo o usuário pode acessar através da internet, dificulta a concorrência entre os provedores de conteúdo, o que fortalece um grupo de interesse do provedor de estrutura. Esse debate tem tido bastante espaço na FCC (Comissão Federal de Comunicações) dos Estados Unidos, que considera acabar com esta neutralidade da rede.¹⁵

¹³ Gigante da telecomunicação ajudou NSA a espionar internet nos EUA. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1669234-gigante-de-telecomunicacao-ajudou-nsa-a-espionar-internet-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

¹⁴ 'Brasil é um grande alvo', diz jornalista sobre vigilância dos EUA. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/07/brasil-e-um-grande-alvo-diz-jornalista-que-divulgou-denuncias-de-espionagem-americana.html>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

¹⁵ Trump quer acabar com a neutralidade de rede na internet. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/11/1937008-trump-quer-acabar-com-a-neutralidade-de-rede-na-internet.shtml>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Portanto, a discussão sobre a neutralidade da rede pode não ter encontrado um ponto de equilíbrio, porém o que podemos afirmar em meio a esses acontecimentos amplamente noticiados é que, a rede enquanto estrutura operacional de transmissão de dados, pode ser considerada neutra, num sentido estrito. Mas o mais importante: a gestão de dados no que diz respeito ao acesso aos servidores nem sempre é neutra, e na maioria das vezes não é neutra. Tanto que os primeiros debates e textos do que constituiria a Lei nº 12.965/14, indicavam a necessidade de que os provedores mantivessem seus servidores também locais, para que tanto a estrutura, quando a legislação estivesse dentro das fronteiras brasileiras, garantindo uma estratégica vantagem de acesso contra possíveis espionagens internacionais, e facilitando o processo de fiscalização. Esta obrigatoriedade não se encontra no texto final da lei. Assim, a estrutura da rede em si - principalmente se tratando dos servidores - muitas vezes não se encontra dentro do Brasil. O que nos leva ao questionamento: qual a autoridade real que uma lei pode impor sobre as empresas globais de telecomunicações, que deixam seus servidores fora das fronteiras brasileiras?

Indo além dos já tratados provedores de estrutura (*backbones*), os demais tipos de provedores são tratados genericamente como organizações de *media*, e são muitas vezes também companhias de tecnologia (algumas já citadas acima). Todos esses “intermediários” entre a estrutura da rede e os usuários, serão tratados aqui de forma ampla como provedores de conteúdo.¹⁶

Para estes, as políticas públicas interferentes são as de regulação dos *media*. Para Castells é notável realizar uma distinção “entre a regulamentação da mídia e a regulamentação das telecomunicações no mundo todo”, ou seja, este cenário fica ainda mais alarmante, quando observamos os provedores de conteúdo. (CASTELLS, 2017, p. 163)

Sobre a gestão e regulação do que se é publicado dentro destas redes geradas artificialmente por estes provedores de conteúdo, é importante destacar que dentro delas criam-se programações para facilitar o controle de conteúdo, inclusive em suas próprias interfaces oferecem alternativas gerenciadas entre seus usuários como links (e botões) para indicar que um conteúdo é passível de denúncia e assim ser moderado.¹⁷ Estas alternativas, facilitam a

¹⁶ Nos referiremos assim a todo tipo de provedores que não seja um usuário e nem um provedor de estrutura. Considerando inclusive que nos parece cada vez mais difícil distinguir entre (por exemplo) um provedor de acesso ou de serviços online; ou de hospedagem e de informações. Para tanto simplificaremos tratando todos como provedores de conteúdo.

¹⁷ Porém, os métodos de moderação também tem sido alvos de grandes questionamentos, pois hora ou outra demonstram parcialidade e grandes conflitos de interesses.

retirada de postagens que extrapolam a opinião e a liberdade de expressão, com mensagens ou informações que caracterizam ofensa, injúria ou difamação.

Estes recursos são facilitadores, considerando que no Brasil o trâmite legal para tirar o conteúdo da rede e do acesso público é burocrático e desgastante, e principalmente, muito mais lento do que o potencial viral das redes digitais. Ou seja, enquanto não se dá a retirada de um conteúdo de uma rede, tal conteúdo pode gerar constrangimento público ao indivíduo, até que a justiça indique que houve um abuso e solicite a retirada do conteúdo pelo seu provedor.

Se considerarmos que “a política é o processo de destruição do poder” e que “a política é primordialmente uma política da mídia”, (CASTELLS, 2017, p. 247) as estruturas das redes e seus proprietários são essencialmente detentores de poder, logo, a manutenção do poder expresso nas redes, pode nos predispor a acreditar que “a mídia [e as redes], não é [são] neutra [s]” (CASTELLS, 2017, p. 248)

Castells (2017) afirma que estas chamadas “redes de poder”, estão nas mais “diversas esferas da atividade humana” e funcionam de acordo com os interesses e “valores de atores que têm poder”. Estas redes têm como fator crucial transparecer neutralidade, pois pretendem atingir as mais amplas audiências. (CASTELLS, 2017, p. 480-1) Utilizam até mesmo de cruzadas ideológicas, aparentemente partidárias para gerar negócios lucrativos. Assim, as parcerias para o fortalecimento de oligarquias poderosas é o principal interesse.

Castells (2017, p. 478) também chega à conclusão de que “as redes de comunicação são, em grande medida, propriedade das redes corporativas globais multimídia que também as gerenciam”. Essas redes globais compõem um sistema praticamente inatingível, se sobrepondo às regulações locais, nacionais e até internacionais. Ou seja, “as instituições de mídia já deixaram faz tempo de operar dentro dos limites de um único estado-nação”. (THOMPSON, 2011, p. 30)

Além disso, estas redes globais servem aos seus investidores financeiros, com isso, a chamada “rede financeira”, que acaba por controlar todos os tipos de redes, o que reforça o fortalecimento do chamado capitalismo informacional.

Contudo, partiremos da pressuposição de que não existe um tipo de rede que possa ser considerada democrática em *stricto sensu*, mas que existem diversas redes coexistindo e atuando dentro da lógica do capitalismo informacional, e suas articulações podem expressar alguma noção democrática.

Assim também, partiremos da crença de uma quase impossibilidade se manter anônimo dentro das redes digitais, por conta de haver recursos dentro das infraestruturas das redes que sistematicamente são associadas a recursos legais e, na maioria das vezes, podem identificar

usuários, ou pelo menos seu IP. Tanto que o anonimato é um atributo tido como trunfo para grupos de hackers (ou crackers). Mas sabemos que a maioria da sociedade não se aplica a tais práticas avançadas e muitas vezes ilegais nas redes.

2.2.3 *Como se constroem as tomadas de posições e opiniões?*

A filosofia rousseauiana acredita que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe, esta se contrapõe a hobbesiana que acredita que a maldade é natural a todo ser humano. Porém, aqui propomos observar características mais objetivas: as construções de opiniões e a tomadas de posições. Considerando que sem estas duas não se pode demonstrar nem que haja maldade em algum indivíduo, nem mesmo que este se corrompeu pela sociedade que o cerca (ou igualmente todas essas constatações de forma inversa: positiva/benéfica).

Podemos acreditar que nenhum ser humano nasce com opinião própria, e da mesma forma a condição de dependência natural após seu nascimento, o impossibilita de tomar qualquer tipo de posição por si mesmo. Aqui temos essencialmente o princípio da alteridade. Por essa lógica, consideraremos que tanto as formulações de opiniões, quanto as tomadas de posições são adições de fenômenos progressivos entre fatores externos ao indivíduo (como a sociedade que vive e seu momento histórico) e fatores internos (como sua razão, interpretação e outros elementos caóticos naturais dele mesmo).

Levy (1996), chega a afirmar que “nós, seres humanos, jamais pensamos sozinhos ou sem ferramentas”, justificando que a razão individual é uma consequência da soma de repertórios das atividades cognitivas, que obviamente acontecem diretamente ou indiretamente pelo coletivo¹⁸. Assim para ele, “o coletivo pensa dentro de nós”. (LÉVY, 1996, p. 95)

Retornando ao ponto central, cabe ressaltar que opinião (baseado no termo latino *opinio*) é um juízo sem certeza, ou o que a filosofia platônica identifica como “doxa”. (HABERMAS, 2003, p. 110) Sendo assim, todo discurso que expressa opinião não é obrigatoriamente apoiado pelo conhecimento científico, e se trata de uma visão relativista limitada à compreensão do indivíduo.

Para tanto, a publicação de uma opinião por um indivíduo é um indício para o pesquisador, mas este deve ter a consciência de que o conhecimento científico e a busca da verdade são um progresso dialógico que objetiva o consenso social. Assim sendo, a

¹⁸ Chega a soar caricato imaginar que um ser humano pode sobreviver, crescer e amadurecer sem um coletivo. Na ficção sempre o isolamento social é precedido ou sucedido pelo retorno ou contato com pares. Por exemplo, no clássico literário de 1894: *The Jungle Book* (O livro da Selva), no qual um rapaz chamado Mogli é criado por lobos.

compreensão habermasiana pragmática de verdade socialmente construída, por mais idealista - e para alguns até utópica - é exemplificada na seguinte citação:

É nisso que consiste o "agir comunicativo". Neste caso os atores, na qualidade de falantes e ouvintes, tentam negociar interpretações comuns da situação e harmonizar entre si os seus respectivos planos através de processos de entendimento, portanto pelo caminho de uma busca incondicionada de fins ilocucionários. (HABERMAS, 1997, p. 36)

A constante publicação de opiniões feitas por indivíduos com notável representatividade, nos levam a ressaltar a importância de conceitos, termos e adjetivos como: prestigiado, especialista, autoridade, pesquisador e na atualidade influenciador. Estes termos exemplificam uma relevância de conhecimento incorporado a indivíduos que presam por (ou precisam) publicar opiniões, em alguns casos baseadas em fatos cientificamente fundamentados, que inevitavelmente tem recorte suas inferências pessoais (opiniões).

Tal relação entre a argumentação científica e a necessidade de conhecimento dos argumentos cotidianos, já chamava a atenção de Habermas que indicava que Peirce já havia comprovado tal necessidade de articulação. (HABERMAS, 1997, p. 37) Em outras palavras, na leitura habermasiana o conhecimento científico deve visar ser aplicável no mundo da vida.

É interessante notar como as relações das esferas públicas e privadas, e suas articulações com as noções de representatividade (e representação) são um dilema que se transforma historicamente desde o feudalismo até a modernidade, principalmente por conta das novas mediações tecnológicas, (HABERMAS, 2003, p. 31) o que ocasiona, por exemplo, numa crise na atualidade de figuras que têm representatividade em alguma área do conhecimento, e que por serem demasiadamente públicas, podem perder (ou ganhar) notoriedade e prestígio por conta de serem observadas por uma quantidade enorme de indivíduos críticos, mediados por recursos tecnológicos. No mesmo sentido, Gadamer (1997) indica essa relação delicada sobre como a exposição de uma opinião também se agrava no momento que ela se “converte num dado fixo”. (GADAMER, 1997, p.283-4) Estes recursos gestores de conteúdo dos *media*, auxiliam estes constantes observadores de forma cada vez mais eficiente para seus interesses. Outro exemplo, são também as notáveis ondas de descrença nas instituições políticas, notadamente com o avanço das políticas públicas que promovem governos mais transparentes, somados por uma crescente difusão de notícias sobre estas instituições.

De forma geral, a esfera política por estar envolvida pela esfera pública, é vigiada cada vez mais (e em pouquíssimos casos punida). Assim, “na esfera política mediada eletronicamente, um comentário inoportuno ou um descontrole emocional pode causar a queda de um líder que tenha determinadas aspirações.” (THOMPSON, 2011, p. 28)

Nesta afirmação de Thompson, o termo “comentário” pode ser substituído por “opinião” e ocasionar as mesmas implicações negativas. Além disso, tão prejudicial, ou até mais, é publicar uma convicção opinativa que não contenha descontrolo emocional, e denote sinceridade numa pressuposição ideológica falível (ou preconceito) que seja altamente perigosa ao convívio social, e que já tenha um maior consenso social de como tal opinião é destrutiva. Ora, já é uma estratégia falaciosa clássica, demonstrada por Arthur Schopenhauer rotular, ou colar¹⁹ no falante uma alegação ruim sobre uma interpretação de uma palavra de múltiplo sentido; assim sendo, ao indivíduo que tem representatividade é essencial a escolha de palavras de forma mais precisa possível para transmitir claramente uma opinião, pois uma retratação sobre equívocos é sempre um desgaste da sua imagem pública.

Não consideramos teorias como da agulha hipodérmica ou bala mágica (é assim definida por basear-se da suposição de que todo estímulo causado por uma mensagem enviada terá resposta, sem encontrar resistência do receptor) como modelo que representa por completo o processo de construção de opinião pessoal. Embora, os *media* tenham grande influência neste processo, não acreditamos que seja possível uma total e igual transmissão de opinião e que essa seja aceita passivamente pelo receptor. Como já dito, a quantidade de variáveis dificulta a garantia de um sucesso de transmissão, aceitação e retransmissão de uma opinião conforme uma concepção exata do transmissor, considerando novamente inclusive a natureza aleatória do ser humano envolvido neste processo.

Cabe mencionar que “tomar posição” contempla por exemplo, uma compreensão da situação ideal de fala ou uma abstenção de fala, e que tal silêncio pode ser lido como uma tomada de posição. Assim, tomar posição não significa somente expressar uma opinião, mas também, saber avaliar as condições necessárias para que se expresse tal opinião. Em outras palavras, até mesmo o silêncio comunica uma opinião.

2.2.4 *Como estes fluxos se condensam em opiniões públicas?*

O propenso idealismo de Habermas quanto a sua concepção de ação comunicativa como uma motivação racional de quem quer ganhar aderência e delibera visando incluir o outro convencendo, é amenizada pelo conceito de agir estratégico. Para Habermas (1989) este outro modo de agir, é uma forma de atuar sobre o outro ou dar continuidade a uma interação, (HABERMAS, 1989, p. 79) ou seja, qualquer processo comunicativo que não tente repensar

¹⁹ A referência indireta sobre a obra de Arthur Schopenhauer, 38 estratégias para vencer qualquer debate: A arte de ter razão. Girassol Brasil, 2014. Principalmente quando a “Estratégia 32”.

um fenômeno racional anterior, dando-lhe a chance de ganhar novos sentidos, tende a ser um processo instrumental comunicativo irracional, tal como no cotidiano de trabalho operacional. Neste sentido, o agir estratégico pode ser entendido como a dominação exercida pelo *homo faber* sobre o *animal laborans*, que mesmo sendo livre exerce “voluntariamente suas funções”. (ARENDDT, 2007, p. 131)

Outra analogia possível a partir de tal diferenciação habermasiana pode ser cotejada também, com a noção apresentada por Gadamer (1997) sobre compreender *eloquentia* (eloquência) como uma fórmula de fala, sendo diferente do ideal retórico da filosofia clássica. (GADAMER, 1997, p. 61) Gadamer (1997) também apresenta o antagonismo entre o sábio e o acadêmico, comentando sobre como Sócrates na figura do leigo constrói um papel que afronta o erudito. (GADAMER, 1997, p. 62)

Essa transmissão sem critério analítico é a base existencial para o chamado senso comum. Gadamer (1997) ressalta a importância deste, também com “aquela capacidade universal que existe em todos os homens, mas, ao mesmo tempo, o senso que institui comunidade”. (GADAMER, 1997, p. 63) Ainda numa argumentação sobre a necessidade do senso comum, Gadamer (1997) cita Thomas Reid²⁰, que indica que o *commun sense* serve “para nos guiar nos afazeres comuns da vida, quando nossa faculdade racional nos deixa no escuro”. (GADAMER, 1997, p. 63)

Assim, podemos propor uma reflexão entre o “senso comum” como parte útil do chamado “sistema” – apresentado na teoria habermasiana da ação comunicativa – e uma analogia entre a racionalidade ideal que transpõe o senso comum, que é expresso pelo conceito de “mundo da vida”, também da teoria de Habermas. (HABERMAS, 1997, p. 26) Em outras palavras, temos uma dicotomia na esfera pública, onde de um lado os momentos racionais que são entendidos como estando dentro do mundo da vida, enquanto os momentos de ações naturalizadas sem reflexão, ocasionadas por uma demanda do sistema, colaboram para existência do senso comum.

Adentrando a esfera pública, já na esfera política, os indivíduos com representatividade (atores políticos) sofrem influências e pressões. As pressões internas são postas por seus pares, ou seja, aqueles que também possuem cargos representativos e articulam ações estratégicas para atingir seus interesses. Já as pressões externas partem da esfera pública como um todo, sendo que uma das principais pressões externas vem da chamada opinião pública.

²⁰ Apud. Thomas Reid, *The Philosophical Works*, ed. Hamilton, 8ª edição, 1895. Ali, no vol. II, p. 774s.

A definição clássica deste termo opinião pública, foi concebida por Niklas Luhmann que entende esta como a disseminação de informações dentro de um sistema social.

Habermas notou como a própria concepção de opinião pública foi se modelando de acordo com os sistemas representativos democráticos, principalmente nos parlamentos. Para ele a “opinião pública se forma na luta dos argumentos em torno de algo, não sem crítica, na aprovação ou rejeição, seja ela ingênua ou plebiscitariamente manipulada, em relação a pessoas, através do *common sense*.” (HABERMAS, 2003, p. 85) Com isso, a partir desta explanação de Habermas (2003) podemos acreditar que a opinião pública pode ser uma forma racionalizada do senso comum, ou mesmo que, a opinião pública se constrói através do debate público, contrapondo argumentos que surgem inclusive pelo senso comum.

Por suas características voláteis, a opinião pública é sempre um paradoxo para as pesquisas estatísticas de sondagens de opinião. Bourdieu (1973) propôs críticas a percepção da opinião pública enquanto “definição social implicitamente admitida”. (BOURDIEU, 1973, p. 1301) Para ele o perceptível e registrável são “opiniões mobilizadas, opiniões constituídas, grupos de pressão mobilizados em torno de um sistema de interesses.” (BOURDIEU, 1973, p. 1301) Além disso, Bourdieu (1973) sugere a negação constante dos três postulados nas pesquisas de opinião pública, são eles: nem todo mundo pode ter uma opinião, nem todas opiniões se equivalem e nem todas respostas iguais significam consenso. (BOURDIEU, 1973, p. 1292)

Se considerarmos estes três postulados para a observação da pesquisa de opinião pública mediada pelas tecnologias digitais, podemos considerar a partir dos dados já apresentados que, Bourdieu tem relevância para a abordagem e construção metodológica que se seguirá. Ora, se a plataforma a ser considerada para a publicação de uma opinião pública deve ser plenamente democrática, já teríamos um impasse em poder encontrar uma plataforma única para tal constatação. Em seu segundo postulado, também pretendemos demonstrar que nem todas opiniões se equivalem também dentro das *medias* digitais, porquanto alguns indivíduos ganham mais representatividade que outros. Por fim, respostas iguais, principalmente para amostras quantitativas podem não significar um consenso, mas sim falta de opções de resposta (*inputs*) para o pesquisado, ao ponto de os resultados trazerem uma falsa noção de concordância que talvez não seja real, o que pode também acontecer dentro de uma pesquisa de opinião mediada por tecnologias digitais.

Portanto, partimos de uma compreensão de que se podem notar reflexos na sociedade a partir de fluxos de opinião, e que eles se registram inclusive nas ações comunicativas de indivíduos públicos que têm representatividade. Mas que a esses não são a opinião pública

encarnada, mas sim um fenômeno de um reflexo do que pode ser entendido como opinião pública.

Consideraremos também *a priori* que existem novos modos de condensação de opiniões nas comunicações mediadas por tecnologias digitais de uso cotidiano geral, e que encontraremos rastros destas opiniões a partir da observação sistêmica destas plataformas.

Além disso, o processo interpretativo científico visa cada vez mais neutralizar as opiniões do pesquisador, ou mesmo que essa opinião *a priori* seja explicitada para que os resultados reflitam de forma transparente, um método sincero em relação à realidade factual da pesquisa social. Ou como Gadamer indica “quem procura compreender está exposto a erros de opiniões prévias, as quais não se confirmam nas próprias coisas.” (GADAMER, 1997, p. 402)

3. Elementos estruturantes da Sociedade em Rede e os influenciadores.

Neste capítulo se pretende apresentar alguns dos elementos que compõem a sociedade em rede, usando como referência alguns autores que se preocupam com essa questão, notadamente Manuel Castells. A escolha desse autor, se justifica pela relevância da sua contribuição ao conceito de sociedade em rede, assim como nas suas obras mais recentes, como *O Poder da Comunicação*, ter dado grande valor à comunicação e a sua relevância na sociedade em que vivemos. Merece destaque o conceito de autocomunicação de massas, conceito esse que desmistifica a ideia de sociedade de massas como sociedade que promove a alienação. Para Castells na sociedade em rede, todos têm o potencial de criar informação e torná-la pública. Mas, evidentemente isso não implica em dizer que, a influência que as pessoas exercem com suas opiniões seja determinante para as transformações sociais, por exemplo. Entretanto, alguns membros que atuam nessa sociedade sim têm poder para interferir e influenciar, mais incisivamente, na forma como se formam as opiniões na sociedade em rede. São os denominados influenciadores, razão pela qual o capítulo, na parte final, também explora o papel que esses agentes exercem na sociedade em rede.

3.1 O conceito de rede: definições, perfis e tipos de interações

Etimologicamente a palavra “rede” do latim *rete*, parece tratar principalmente da observação e definição de estruturas notadamente orgânicas, como entrelaçamentos de fibras, ou teias de aranhas, por exemplo. Porém, a palavra é assimilada por diversas áreas de estudo, sendo que em cada uma destas parece ter um contexto ainda mais específico em suas aplicações. Ora ou outra, a palavra “rede” associa-se diretamente a “rede mundial de computadores”, a internet, sendo também comum referir-se a internet como “*net*”, que em sua tradução mais literal do inglês deveria remeter da mesma forma a um sentido mais orgânico. Atualmente, notamos também o uso do termo *network*, para se tratar de rede de negócios, porquanto as conexões entre as pessoas podem servir um interesse de pano de fundo capitalista.

Assim, partiremos de uma definição ampla de que uma rede é qualquer estrutura de pontos que se comunicam entre si, considerando que este fenômeno comunicativo acontece entre pelo menos dois pontos (ou atores)²¹. De forma geral, podemos dizer que uma rede assume um caráter randômico quando numa ou mais pontas se tratar de um ser biológico, ou assumirá

²¹ Sem dúvida, um indivíduo pode se comunicar consigo mesmo, sendo ele mesmo os dois pontos, porém tal observação deste fenômeno só se torna possível através de uma externalização ou publicação sob algum meio.

um carácter algoritmo quando esta se dá estritamente entre máquinas/softwarewares. (BARABÁSI, 2009)

Portanto, consideraremos que qualquer estrutura de conexão mediada por um ser humano, “assemelha-se mais a um organismo ou ecossistema,” e mesmo dentro duma condição caótica, expressa um “poder das leis fundamentais que governam todas as redes”. (BARABÁSI, 2009, p. 07)

Segundo Castells (2017, p. 66) “uma rede é um conjunto de nós interconectados”. A rede é essencialmente infinita e única, e está em constante transformação. Os nós são elementos que se conectam (links) entre si de acordo com suas metas. Numa rede social por exemplo, cada indivíduo é um nó que se relaciona com outros indivíduos (outros nós) através de links. (BARABÁSI, 2009)

Consideraremos que o avanço da globalização reforça a formação de redes globais, com isso Castells indica que “a sociedade em rede é uma sociedade global” (CASTELLS, 2017, p. 71), assim uma sociedade conectada globalmente utiliza de uma rede hierarquicamente superior, a rede global.

Não obstante, a sociedade em rede, tem dentro de si grupos de interesses, que chamaremos de *clusters*. Os *clusters* são grupos de nós dentro da malha de uma rede que expressam algum tipo de elo social, ou seja, “um aglomerado de nós conectados por *links*” com metas em comum. (BARABÁSI, 2009, p. 15)

Outro termo relevante na rede é grafo. Um grafo é um conceito matemático, que tem por objetivo traçar uma estrutura de domínio nas redes. (BARABÁSI, 2009, p. 09) Ele representa uma compreensão ampla a partir de um esquema que vai além dos pontos apresentados pelos nós em si. Embora este conceito tenha surgido no campo de estudo da matemática, Barabási (2009) demonstra como é possível criar grafos que expressam uma lógica entre as conexões nas relações humanas. Com isso, torna-se possível criar um grafo que exemplifica, desde um fenômeno mais simples: como ir a uma festa onde todos são desconhecidos, mapeando como as apresentações se deram e quais os padrões sistemáticos que nos auxiliam na compreensão da decisão de conversar (ou não) com um estranho. (BARABÁSI, 2009, p.14)

De modo geral, trataremos das redes pela ótica das estruturas sociais e comunicativas, ou seja, numa observação da dinâmica dos fluxos informacionais entre os nós, nas trocas de mensagens; principalmente no cenário constituído a partir da Era da Informação, com as redes digitais. (CASTELLS, 2017, p. 69)

Acreditamos que um desafio para a comunicação no século XXI é a constante observação do surgimento de novas redes, com novas configurações e novas tecnologias. Mas, é importante salientar que, nem todos os usuários se comportam da mesma maneira diante das tecnologias de comunicação, conforme esclarece Lévy (1999):

Para dizer a verdade, cada um de nós se encontra em maior ou menor grau nesse estado de desapossamento. A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais "ligados" encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 1999, p. 28)

A partir destas indicações de Lévy, e observando os resultados da pesquisa QuISI 2017²², que identificou parte do cenário latino americano, quanto a adoção de novas tecnologias como: o uso de equipamentos de realidade aumentada/realidade virtual, dispositivos inteligentes vestíveis, carros conectados, carros autônomos, casa inteligentes e o uso dos smartphone para rotinas cotidianas. Preliminarmente entendemos necessário definir perfis de usuários das tecnologias, que se diferem numa extensa escala relativa as suas disposições de mudanças e adequações de novas tecnologias, e podem ser observados empiricamente nas sociedades pós-industriais, conforme dados que apresentaremos a seguir. Para tanto, é notável para esta discussão observar dois perfis básicos, são eles:

- *Perfil cauteloso*: Este perfil de usuário opta pela não adoção ou adoção tardia de novas tecnologias. O indivíduo que adota esta postura, pode sofrer inevitavelmente por um tipo de “auto alienação”, consequência das incompatibilidades tecnológicas utilizadas pelo seus pares e entorno social. Este perfil, tende a valorizar a sua privacidade.
- *Perfil inovador*: Noutra extremidade, está o indivíduo que está sempre em busca de novas possibilidades a partir do uso das novas tecnologias abertas ao uso comum. Embora de modo geral, este perfil obtenha uma maior produtividade, e conquiste mais interesse pelo mercado de trabalho²³, porquanto utiliza de tecnologias que promovem mais facilidades; ele pode sofrer por não ter tempo suficiente para entender a fundo as funções e recursos das tecnologias que utiliza. Ou mesmo investindo seus recursos pode,

²² QuISI 2017 – Qualcomm: estudo sobre os níveis de adoção e ou conhecimento de novas tecnologias. Disponível em: < <http://www.idclatin.com/quisi2017/brasil.html>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

²³ O Globo: Inovador, mercado digital exige novo perfil profissional. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/inovador-mercado-digital-exige-novo-perfil-profissional-19793635>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

muitas vezes, viver em constante frustração. Podemos dizer que este perfil tem uma tendência maior a não se importar com sua própria privacidade.

Um exemplo que podemos citar aqui, é a decisão de um usuário da internet em se cadastrar em sites de redes sociais (SRS): O usuário com perfil cauteloso, observa previamente seus opositores (inovadores) e como lidam com estes SRS em questão; buscam informações, e se caso decidir se cadastrar, será tardiamente, muitas vezes por consequência de pressão externa exercida pelos inovadores sobre ele; durante seu cadastro é extremamente crítico e minucioso em relação aos termos de uso da plataforma; para este, informações pessoais são arduamente preservadas e não lidam bem com alterações e atualizações que mudam o acordo inicial do cadastro. Não obstante, o perfil inovador, vai ao encontro desse tipo de SRS, aderindo e se fidelizando com muita facilidade; na maioria das vezes não leem os termos de uso, pois isso lhe tomaria tempo, logo, entrar e testar rapidamente é mais importante do que ler e entender cada parte do acordo; assim o inovador promove sua exposição pessoal dentro da plataforma de forma ampla, e despreocupada; são sempre os primeiros a testar os *widgets* e aprimoramentos.

Outro exemplo, é expresso nos resultados da pesquisa QuISI 2017²⁴, que indicou um índice de 41,9% dos brasileiros que disseram tender a trocar de *smartphone* a cada 2 anos, o que na prática demonstram além de uma defasagem tecnológica rápida, uma ansiedade por dispor de recursos cada vez mais aprimorados por parte destes usuários. Este índice também representa uma pressão comercial para que o indivíduo compre dispositivos mesmo tendo um em pleno funcionamento. Ou seja, cada vez mais o mercado de tecnologia dificulta a manutenção de plataformas operadas numa lógica cautelosa.

Em suma, estas posturas que tratamos aqui como perfis são totalmente mutáveis e podem ser entendidas caso a caso, ou seja, o mesmo indivíduo para uma tecnologia tem uma disposição inovadora, para outra mais cautelosa. Porém, quanto mais polarizado o indivíduo se mostra dentro desta escala, e esta postura se mantém num número maior de tecnologias, mais ele se distancia e compreende os que diferem dele nesta escala.

Tal realidade é observável também nos “conflitos de gerações” e suas relações com as novas tecnologias, isso é exemplificado na tendência de ser menos comum ver algum indivíduo da Geração Z ser avesso a novas tecnologias. Assim, assistir televisão por exemplo, é um conceito vago e diferente do que é para gerações anteriores. (CASTELLS, 2017, p.112).

²⁴ QuISI 2017 – Qualcomm: estudo sobre os níveis de adoção e ou conhecimento de novas tecnologias. Disponível em: < <http://www.idclatin.com/quisi2017/brasil.html>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

Um fator que consideramos relevante em relação à adoção das tecnologias de comunicação, sempre pensando nos seus possíveis efeitos sobre a esfera pública agora já em rede, é a questão relacionada com o espaço e o tempo. Tendo em vista que os avanços tecnológicos e como as plataformas comunicativas têm sido moldadas, a relação entre tempo e espaço tem sido alvo de diversas projeções futuroológicas, dentre as quais merece atenção a ideia de que se alteram esses dois conceitos em função da rapidez com que circulam as informações na sociedade em rede. Entretanto essa suposta alteração deve ser questionada, uma vez que o tempo físico e material continua o mesmo e é pautado pela existência de dias, meses e anos com a mesma duração de sempre. O que seria novidade é que a circulação de ideias sim se acelera, criando a noção da redução do espaço. Como bem lembra Milton Santos (1979)

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico. A sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. [...] Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (SANTOS, 1979, p. 42-43)

Milton Santos nos lembra que existe uma concretude nessas duas formas que estão relacionadas com o modo de produção, portanto, não se pode afirmar que essas noções se alteram e sim que elas ficam sujeitas aos modos de produção de cada época. Ainda lembra que a adoção de um modo de produção não implica necessariamente na desaparecimento do anterior e sim, muitas vezes, os dois convivem e se inter-relacionam. Assim, por exemplo: um jornal continua produzindo notícias, agora também na plataforma da web, tendo como novidade o fato de que suas atualizações (virtualização) acontecem com muito mais velocidade e permitem diversas possibilidades de interação com os leitores. Mas, ainda segue uma referência temporal, quando a notícia é publicada. E deve ao leitor esclarecimentos de atualizações da notícia, indicando quando uma notícia sofreu alteração, o que continua sendo uma errata, que não precisa estar dentro do conjunto de um novo volume impresso e distribuído posteriormente. Ou seja, um jornal continua sendo jornal, mas uma (das) diferença(s) entre o impresso e o virtual é principalmente a sua forma de atualização. (LÉVY, 1996, p. 15 e p. 35)

Porém, nos compete ressaltar – por mais óbvio que nos pareça – que sempre existe uma referência de tempo e espaço no campo de interação desde a publicação, transmissão, recepção e atualização. Por mais que a difusão das tecnologias as vezes não evidencie – ou não tenha o interesse de expor tal informação – a referência local e temporal sempre existe, mesmo que para a maioria dos usuários tal informação não pareça relevante.

Thompson (2002) indica que os meios técnicos de interação nos “permitem um certo grau e distanciamento espaço-temporal”, sendo que numa “interação face a face, há um distanciamento relativamente pequeno”. (THOMPSON, 2002, p. 28)

Além da relação do distanciamento, há também a forma e o destino que uma interação se dá, ou se segue. Neste sentido Recuero (2009) indica que as interações podem ser de dois tipos: reativa ou mútua. (RECUERO, 2009, p. 40) Sendo a reativa um tipo interação com uma finalidade específica sem condições de mudança na ponta final, como exemplo, a autora cita o envio de solicitação de amizade dentro de uma rede social virtual, ou o envio de um link em alguma plataforma digital. (RECUERO, 2009, p. 40) Já a interação do tipo mútua, é dialógica, com um destino a ser contruído pelos atores nas extremidades envolvidas, como as conversas em plataformas de mensageiros instantâneos eletrônicos (RECUERO, 2009, p. 40), temos na atualidade exemplos como o *Skype*, *Facebook Messenger* ou *WhatsApp*.

Considerando que o estudo citado de Recuero (2009) trata principalmente das interações mediadas pelo computador ou dispositivos eletrônicos, temos outras categorizações possíveis que podem acrescentar nessa busca de compreensão de tempo e espaço das interações, principalmente entre as diversas mídias.

De forma similar, Lévy (1999) indica que algumas mensagens são lineares e não alteráveis em tempo real, algumas destas são de difusão unilateral, como o rádio, televisão ou cinema. Por outro lado, para ele há também mensagens que podem sofrer interrupção ou reorientação em tempo real, como quando se fala ao telefone ou videoconferência. Por fim, ainda de acordo com o autor há também mensagens que podem envolver diversos participantes, como qualquer sistema de comunicação multiusuário. (LÉVY, 1999, p. 83)

Ainda para acréscimo desta discussão citamos Castells (2005) que diz:

Por outro lado, a mistura de tempos na mídia dentro do mesmo canal de comunicação, à escolha do espectador/interagente, cria uma colagem temporal em que não apenas se misturam gêneros, mas seus tempos tomam-se síncronos em um horizonte aberto sem começo, nem fim, nem seqüência. A intemporalidade do hipertexto de multimídia é uma característica decisiva de nossa cultura, modelando as mentes e memórias das crianças educadas no novo contexto cultural. (CASTELLS, 2005, p. 553-4)

A partir dessa relação de que simula uma intemporalidade, conforme apresentado por Castells (2005), para a discussão que se segue, são necessárias duas definições de classificações para as interações, são elas:

- Interações síncronas: se os atores estão *ao vivo*, ou seja, se existe a possibilidade de alteração no processo comunicativo instantâneo entre os atores da interação. Por

exemplo: uma conversa, na qual posso interromper um falante e com isso alterar o rumo da interação.

- Interações assíncronas: se os atores se comunicam em tempos diferentes (não *ao vivo*). Por exemplo: se um indivíduo envia uma mensagem e esta não é acessada instantaneamente pelo destinatário.

A importância destas classificações passa por conta delas se aplicarem não somente nas comunicações mediadas eletronicamente, mas também a mistura de outros tipos de interações. Assim, por exemplo, ao descer na *timeline* do *Facebook* e ver postagens de diversas pessoas com quem optei por me conectar, vejo publicações assíncronas, ao mesmo tempo posso estar conversando com algum contato no *Facebook Messenger* de forma síncrona, e ainda ter alguém próximo falando comigo pessoalmente de forma síncrona. Cada uma dessas três interações exemplificadas demonstra graus diferentes de interação, com distanciamentos diferentes e relações de tempo diferentes, mas que acontecem de forma cada vez mais naturalizada, não só para as gerações Y e Z conforme Castells (2005) aponta acima, mas de uma forma mais geral para indivíduos com perfil mais inovador.

Assim, para uma compreensão mais objetiva, trataremos das relações de interações limitando as análises entre síncronas e assíncronas, pois o espaço virtual se descola muitas vezes do espaço físico ou geográfico, porém as interações ainda assim se enquadram dentro de uma lógica de “temporalidade do relógio e calendário”. (LÉVY, 1996, p. 21)

Historicamente as interações eram predominantemente síncronas, entretanto atualmente as interações assíncronas fluem com muita naturalidade, sobretudo para usuários com perfis inovadores. A poucas décadas atrás, um telespectador só podia assistir um programa de televisão se estivesse com seu aparelho devidamente ligado e sintonizado no programa em questão no horário definido pela emissora e produtores. Hoje as programações *on demand* ganham notoriedade, principalmente nas plataformas digitais, pois permitem inclusive assistir a programas de décadas passadas, além de promover interações com outros interessados no programa através de comentários, e ampliações em outras redes. Por isso acreditamos que as relações síncronas e assíncronas coexistem e atendem os interesses de acordo com o perfil de cada usuário.

Se tratando especificamente dos debates públicos, as relações de interações assíncronas mediadas por tecnologias digitais promoveram nas últimas décadas debates considerados públicos nos quais os debatedores estão em tempos e espaços diferentes, assim tornou-se possível uma discussão pública sem a pressão de resposta imediata e muito menos com uma

pressão de constrangimento público ou até agressão física, como havia nas ágoras gregas. Essa diferença interativa temporal e espacial acentua a distância crescente entre a esfera pública em rede e o ideal de esfera pública grega.

Além disso, temos outros diversos desdobramentos tecnológicos em andamento que agravam este distanciamento na sociedade em rede, não somente nos espectros sociais, mais também em outras estruturas como: econômica, cultural e ideológica.

3.2 A sociedade em rede

Embora Manuel Castells (2005) em sua obra “A sociedade em rede”, tenha claramente se posicionado como um documentarista, se postando historiograficamente e fugindo das “profecias” que são atraentes aos que tratam das relações sociais mediadas pelas tecnologias de informações e comunicação (TICs), as discussões postas em seu texto ainda se mostram atuais, principalmente para compreensão de sociedades que adentram ao informacionalismo de forma tardia, como a sociedade brasileira. Desta forma, com o auxílio de contextualizações culturais, históricas e até mesmo econômicas, pressupomos que cronologicamente alguns padrões apresentados nesta obra de Castells, retratando países nos quais o informacionalismo já se mostrava em amadurecimento faz duas décadas atrás. (CASTELLS, 2005, p. 202)

Ainda de acordo com a obra, partiremos da compreensão de que os atores sociais estão conectados em rede, mesmo utilizando de recursos tecnológicos diferentes (alguns mais inovadores que outros). Com isso, reiteramos o fato de que mesmo o indivíduo que envia cartas pelo correio, também está fazendo uso de tecnologias. Por mais elementar que essa preposição pareça, torna-se necessário o lembrete de que falar de tecnologias, não quer dizer falar somente das “últimas” tecnologias, uma vez que estas mais recentes coexistam sempre com outras tidas como defasadas. Assim, quanto menos inovadora e mais antiga uma tecnologia se mostra na sociedade, mais seu uso é marginalizado, mas poucas vezes é totalmente descontinuada. Isso se deve claramente por conta do tempo de integração destes novos processos de produção tecnológica a sociedade (principalmente civil) que se limita economicamente e/ou no acesso às informações das últimas pesquisas.

Acontece em alguns casos, uma retomada de tecnologias tidas como defasadas, que num tempo (normalmente de curto ou médio prazo) são postas como uma opção de mercado a serem exploradas, e no momento que não se mostrarem lucrativas voltam a sua condição anterior marginalizada.

Também utilizaremos as diferenciações dos modelos de relações produtivas proposta na obra de Castells que propõe as distinções “entre pré-industrialismo, industrialismo e

informacionalismo (ou pós-industrialismo) num eixo diferente daquele em que se opõem capitalismo e estatismo” (CASTELLS, 2005, p. 51). Podemos exemplificar tal cenário observando sociedades industrialistas em transição para o modelo informacionalista; estas criam relações de acordo com a ampliação dos usos das inovações tecnológicas (autorais ou importadas) e com isso, novas alternativas de conexão para a malha da rede de sua sociedade, disponibilizando plataformas comunicativas cada vez mais interativas e dinâmicas.

Neste cenário, extremamente propiciador, a agilidade no tráfego de informações, as sociedades informacionalistas se favorecem cada vez mais, promovendo o exercício de funções que se ligam à produção e transmissão de informações, e “possibilita que a própria informação se torne o produto do processo produtivo. (CASTELLS, 2005, p. 109) Da perspectiva econômica, a sociedade informacional não apresenta grandes novidades em relação aos processos de produtividade, porém as empresas expressam um interesse “pela lucratividade e pelo aumento do valor de suas ações”, (CASTELLS, 2005, p. 136), ou seja, a empresa de maior valor nas sociedades informacionalistas não são as que produzem mais, mas sim as que são mais bem reconhecidas pelos mercados financeiros globais.

Em sequência aos questionamentos que surgem a partir das reflexões acima, inevitavelmente esta discussão nos levará aos aspectos que tratam das relações de poder impostos por instituições que detêm a maior parte do “capital informacional”. (CASTELLS, 2005, p. 55) Em resposta a este questionamento, Castells na obra o “O poder da comunicação”, registra alguns conglomerados empresariais que compõem a base desta estrutura de poder nos meios de comunicação.

Os detentores deste poder, podem ser categorizados como: “atores individuais, atores coletivos, organizações, instituições e redes.” (CASTELLS, 2017, p. 57) Tal empoderamento por esses atores sobre grupos sociais ou indivíduos na sociedade em rede, visa modelar suas mentalidades e conseqüentemente suas opiniões, pois esta é a forma mais permanente de sujeição e não requer – na maioria das vezes – intimidação ou violência física. (CASTELLS, 2017, p. 29) Uma característica desta relação é a sistemática assimetria do poder, expresso na interação entre o ator dominante e o ator dominado numa relação de dominação. (THOMPSON, 2011, p. 16) O ator dominante vende uma percepção sutil de que a influência é mútua e simétrica, mas quando o ator dominado se torna resistente, a relação é cancelada ou o ator dominado sofre ameaças de violências (simbólica e/ou até física). Quanto menor se mostra essa resistência, menor se faz a necessidade do ator dominante utilizar de recursos, como seus privilégios constitucionais e influência para intervenção do estado a seu favor, numa prática

constante de alternância “entre poder transitivo [poder sobre] e poder intransitivo [poder para]”. (CASTELLS, 2017, p. 60)

Contudo, o poder parece estar diluído entre esferas sociais e instituições diversas, de forma que “o poder é relacional, a dominação é institucional”. Logo, é possível elencar também quais os conglomerados institucionais exercem dominação sobre um ator dominado. Porém, por terem um caráter ainda mais particular, os agentes influenciadores que desempenham seu papel de manutenção do poder são praticamente indissociáveis, estes corroboram indiretamente – às vezes diretamente – para a supremacia das instituições e atores dominantes. (CASTELLS, 2017, p. 61)

Entretanto, nossa leitura avança além da visão “apocalíptica” proposta a partir da teoria crítica frankfurtiana, que tratava destas instituições dominadoras como uma indústria cultural, razão pela qual priorizaremos justificar quais pontos podem favorecer o entendimento de que as sociedades informacionalistas utilizam um modelo baseado na comunicação em rede. (CARDOSO, 2010, p. 01)

Observar só os meios de comunicação de massa como cânones de influência cultural e como principais agentes de manutenção da dominação, pode ser uma interpretação falível. Propomos também compreender as relações de troca de capital informacional – típica das relações que acontecem na malha da sociedade em rede – como uma forma mais dinâmica e atualizada para esta análise dos processos de mediação da atualidade.

Reiteremos que para Castells, existem três formas de comunicação: “interpessoal, comunicação de massa e autocomunicação de massa” sendo que estas “coexistem, interagem e se complementam em vez de se substituírem” (CASTELLS, 2017, p. 102).

A comunicação de massa historicamente é compreendida por uma transmissão do tipo “um para muitos”, verticalizada, o que inclusive, facilita evidenciar qual instituição está por estabelecer uma relação de dominação. Esta forma de comunicação pressupõe um receptor em certa medida, passivo. Nesta forma os discursos apresentados são em sua maioria, sequenciais e dispostos em uma única mídia (numa única tela, por exemplo). Embora, a comunicação de massa seja tradicionalmente analógica, ela também é possível em tecnologias digitais, porém o que vemos na atualidade é que conforme o receptor avança no uso destas tecnologias, é inevitável que perceba as possibilidades interativas, usando também a comunicação digital.

Thompson também já sentia a necessidade de encontrar um termo para não limitar a quantidade de receptores de um conteúdo midiático, (THOMPSON, 2011, p. 287) pois com a evolução da multimídia, ou seja, o aumento na quantidade de mídias (telas, plataformas e

dispositivos) que se têm, se vê e se interage; assim como a interação entre tecnologias analógicas e digitais simultaneamente, é o que Castells chama de autocomunicação de massa.

A autocomunicação de massa, é ao mesmo tempo comunicação de massa (um para muitos), e “tem também conteúdo autogerado, emissão autodirecionada e recepção auto selecionada por muitos que se comunicam com muitos”. (CASTELLS, 2017, p. 118) Tais aspectos da autocomunicação de massa, podem facilmente se encaixar nas modalidades de comunicação de massa, organizadas por Thompson (2011), principalmente nas características de: “ruptura institucionalizada entre produção e recepção”, “extensão da acessibilidade no tempo e espaço” e “circulação pública de formas simbólicas”. (THOMPSON, 2011, p. 293)

A partir de tais definições é possível também retomar os questionamentos sobre as relações de poder e dominação, e como se dão na autocomunicação de massa. Tal discussão é esclarecida a partir da articulação entre relações verticais e horizontais, e o fluxo do capital informacional. Em suma, como já tratamos acima, qualquer ato comunicativo marcado por uma relação assimétrica, é essencialmente uma relação de poder, e qualquer instituição que controle uma mídia é uma relação de dominação. Com isso, por exemplo, criar uma necessidade de consumo individual num ator dominado – recurso amplamente trabalhado no marketing – não é mais possível numa sociedade informacionalista, utilizando somente meios de comunicação de massa; porquanto para “vender” algo é necessário criar uma malha de autocomunicação de massa, ou seja, o processo de criar uma necessidade esta verticalizada e horizontalizada.

Tal tendência é expressa quando observamos que o ROI (retorno sobre investimento) no marketing digital, tem se mostrado mais eficaz nas publicidades mais horizontalizadas, ou seja, nas sociedades informacionalistas os consumidores confiam mais em seus pares do que por exemplo, num anúncio de televisão.

Tomemos os fenômenos dos vídeos virais na internet como exemplo. Este tipo de vídeo, surge muitas vezes espontaneamente, na maioria das vezes são publicados por usuários pessoais da rede. Após o indivíduo publicar o vídeo (por exemplo, no Youtube), logo, seus contatos republicam/compartilham com sua rede de contatos (terceiros), com isso, o vídeo “viraliza” e em poucas horas chega a milhares ou até milhões de visualizações. A compreensão de usos da autocomunicação de massa, faz com que as corporações que vendem produtos e serviços, tentem criar peças publicitárias que não aparentam vender o produto, mas sim entreter os potenciais consumidores, com isso, quando um vídeo publicitário se torna viral, os atores dominados apoiam inconscientemente (ou conscientemente) a promoção de seu ator dominante, e por sua vez exercem sua influência de consumo sobre quem está abaixo na estrutura de poder comunicativo.

Já noutra perspectiva, diferente desta diretamente mercadológica, estão as ações dos *media* verticalizadas que tratam da imagem dos agentes públicos, como o governo, empresas, ONGs e mídia. Ao observarmos os resultados da Trust Barometer 2018²⁵, notamos uma tendência crescente da falta de confiança nas instituições públicas no Brasil. Sendo que o maior índice de falta de confiança entre estas quatro instituições pesquisadas recai sobre o governo, o qual apresentou um índice de 81% de desconfiança.²⁶ Com isso, podemos acreditar que formas de comunicação mais horizontalizadas podem transmitir maior confiança, de modo que os próprios agentes públicos estão cada vez mais utilizando de parcerias estratégicas com atores que transitam e detém redes a sua volta, e que esse apoio a um ator dominante pode ser crucial para a construção de uma imagem menos corrompida num primeiro momento.

Esses indivíduos que ora ou outra, se envolvem em debates públicos sobre questões notadamente políticas e ideológicas, que hoje são comumente chamados de influenciadores digitais, estão na internet não só exercendo uma função de criar relações de consumo, mas também interferem em valores culturais e políticos.

3.3 Influenciadores individuais na rede

Na sociedade em rede, os discursos são gerados, difundidos, disputados, internalizados e finalmente incorporados na ação humana, na esfera de comunicação socializada construída em torno de redes locais-globais de comunicação digital multimodal, inclusive a mídia e a internet. O poder na sociedade em rede é o poder da comunicação. (CASTELLS, 2017, p. 99)

A partir da indicação de Castells (2017), podemos considerar que um indivíduo ganha destaque a partir de uma construção social em torno de seu discurso. O que também pode ser entendido como um exercício do poder da comunicação empregado por um indivíduo dentro da sociedade em rede. Similarmente a essa premissa, os estudos das redes sociais nos levam a necessidade da discussão sobre o conceito de capital social.

Recuero (2009) sintetiza tal conceito a partir das definições de alguns dos principais autores que se aprofundaram no tema:

[...] consideraremos o capital social como um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (Gyarmati & Kyte, 2004; Bertolini & Bravo, 2001). Portanto, para que se estude o capital social dessas redes, é preciso estudar não apenas suas relações, mas,

²⁵ Edelman Trust Barometer 2018 mostra o Brasil entre os seis países com quedas extremas de confiança no mundo. Disponível em: < <https://edelman.com.br/propriedades/trust-barometer-2018/>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

²⁶ Idem.

igualmente, o conteúdo das mensagens que são trocadas através delas. (RECUERO, 2009, p. 50)

A autora também apresenta uma divergência entre estes estudiosos do conceito de capital social (Putman, Coleman e Bourdieu) em relação a condição do indivíduo de “possuir capital social”. (RECUERO, 2009, p. 49) Assim sendo, partiremos de uma concordância de que um indivíduo pode perceber, transformar e operacionalizar o capital social, o que na prática demonstraria que ele o possui de alguma forma, mesmo que por um período determinado.

Com isso, partimos da premissa que a forma de compreensão do capital social pode ser notada observando primeiramente o indivíduo, e depois a rede construída sobre o interesse de seu discurso, (ou mensagem) esse que da mesma forma deve ser observado, conforme Recuero (2009) recomenda. Para tanto, pretendemos exemplificar tal fenômeno a partir da observação dos influenciadores nas redes.

3.3.1 Influenciadores sócio-políticos

O modelo mais tradicional, desde os tempos das ágoras gregas, os influenciadores sócio-políticos não dependem de seu domínio tecnológico para publicar suas ideias. Se comunicam prioritariamente com seu grupo de interesse, e suas transmissões de mensagens podem ser feitas por terceiros (pessoas ou plataformas). A figura pessoal é na maioria das vezes, uma consequência da exposição do cargo na instituição que representa. De modo geral, estes são atores dominantes que simbolizam: Estado, Direito, Ciência, Ideologia, Cultura e grandes corporações privadas.

Alguns destes influenciadores são midiáticos, quando as audiências que estes alcançam sobre atores dominados são imprescindíveis para a conservação da dominação. Steve Jobs, é um exemplo deste. Sua imagem foi amplamente trabalhada para favorecer a imagem da Apple, como uma instituição que produz uma experiência com dispositivos de alta tecnologia, ou seja, este foi (e ainda é) um influenciador que alterou a relação social global com a tecnologia nas relações de consumo.

Outros destes são discretos, pois a não identificação é sua forma de manutenção do poder. Geralmente, suas influências são projetadas em outras instituições ou indivíduos manipuláveis, que atendem diretamente seus interesses. Os lobistas são um exemplo destes num caráter de articulista político, embora esta seja uma função e atividade ilegal no Brasil, alguns escândalos de corrupção que vemos na atualidade confirmam a existência destes atuando de forma a prejudicar a integridade da máquina pública.

Há também ideólogos e roteiristas que atendem a *think tanks*²⁷ (muitas vezes internacionais), estes orquestram influenciadores menores de forma mais aprofundada, orientando até nas nuances de gestos e palavras. Com isso podemos dizer que os influenciadores sócio-políticos são também figuras de autoridade, e sobre este aspecto destacamos a definição de Recuero (2009) que diz:

A autoridade refere-se ao poder de influência de um nó na rede social. Não é a simples posição do nó na rede, ou mesmo, a avaliação de sua centralidade ou visibilidade. É uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele. Autoridade, portanto, compreende também reputação, mas não se resume a ela. Autoridade é uma medida de influência, da qual se desprende a reputação. (RECUERO, 2009, p. 113)

Portanto, a relação de autoridade e representatividade, assim como a capacidade de deter uma rede a sua volta, são os principais meios com que o influenciador emerge, principalmente para conquistas interesses, sobretudo financeiros. Contudo, como já citamos anteriormente, a relação de figura representativa na esfera pública, os influenciadores deste tipo quando sofrem de excesso de exposição tendem a serem naturalmente mais criticados. Logo, “na era da comunicação de massa, a política é inseparável da arte de administrar a visibilidade”, mas de forma geral os que possuem cargos desse nível, possuem equipe/assessoria estratégica de comunicação. (THOMPSON, 2011, p. 28) Castells (2017) tratando deste tema, indica que por conta desta difusão multiplataforma efervescente a partir dos adventos tecnológicos a partir do período pós-industrial, “já não há qualquer privacidade para os líderes políticos”, o que na prática reforça a ideia de que as influenciadores sócio-políticos se digitalizam mesmo por terceiros e/ou canais não oficiais. (CASTELLS, 2017, p. 393)

3.3.2 *Influenciadores digitais*

Ao refletirmos sobre meios de autocomunicação de massa, é natural idealizarmos como poderíamos deixá-los os mais democráticos e livres possíveis. Para Castells “a Internet foi deliberadamente projetada como uma tecnologia de comunicação livre”. (CASTELLS, 2003, p. 10)

²⁷ *Think Tanks* são centros de pensamento que pretendem influenciar o debate público sobre temas específicos que podem (ou não) interferir relações de poder e consumo já estabelecidas ou a se estabelecerem. Assim, um *Think Tank* se difere de uma ONG, pois ONGs trabalham junto ao poder público, enquanto *Think Tank* pretender intervir na forma de atuação do poder público e na opinião pública a fim de atender suas pautas e interesses. Alguns pesquisadores acreditam que a maioria dos *Think Tanks* são benéficos pois enriquecem o debate público, mas sem dúvida existem alguns pautados em temas e interpretações muito questionáveis em suas posições éticas. Fonte disponível em: <<https://projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-think-tank/>>. Acesso em: 02 fev. 2009.

Quando imaginamos a trama de fios condutores na sociedade em rede, da qual um indivíduo pessoal tem uma quantidade exorbitante de seguidores, e suas convicções de todo tipo interferem diretamente na opinião pública, notamos que tal responsabilidade é algo delicado. O caráter pessoal alocado sobre a imagem de um indivíduo na atualidade vem “ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real”. (CASTELLS, 2013, p. 06)

Os influenciadores digitais exercem poder simbólico sobre todos que se mantêm conectados a eles. Muitos destes influenciadores são jovens, com discursos carismáticos e se delimitam a falar de temas que agradam sua audiência. Eles são peças de misto de entretenimento e informação, o que Castells chama de “infotainment”, (CASTELLS, 2005, p. 255) e sua atuação teatral muitas vezes é exigida para cativar, além disso são somadas retóricas modernas, originais e joviais.

Naturalmente, estes atores se expõem nas redes, na maioria das vezes para dar suas opiniões pessoais ou entreter no sentido mais estrito da palavra. Contudo, conforme seus conteúdos são reconhecidos pelo aumento da audiência, eles se formalizam como produtores de conteúdo. Com isso, cada vez mais seus canais de comunicação vão criando uma identidade e definindo um público alvo (*target*) que se torna uma comunidade virtual interessada no que o influenciador tem a dizer (criando um *cluster*). (RECUERO, 2009, p. 147-9)

Os principais influenciadores digitais conhecidos na atualidade são: blogueiros, indivíduos que produzem conteúdos periodicamente sobre um assunto específico numa plataforma digital do tipo blog; e os *Vloguers*, principalmente os chamados Youtubers, indivíduos que publicam vídeos dentro do site Youtube (e nas demais redes sociais virtuais, como Facebook, Instagram, entre outras), estes se diferem dos anteriores por publicarem seus conteúdos principalmente em vídeo.

Alguns fatores são primordiais para que um influenciador digital tenha um número de audiência representativo.

Além dos valores observáveis nas relações de capital social que se aplicam a todos os tipos de influenciadores (não só os digitais) como: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade. (RECUERO, 2009, p. 107-114) Podemos também citar outros valores que são formas de desdobramentos destes quatro destacados por Recuero (2009), são eles:

- Originalidade: expressar uma retórica que marque sua identidade, somada a um roteiro que traga uma nova perspectiva ou leitura de temas em alta de forma ainda não disposta

na rede, ou seja, uma soma de elementos retóricos, visuais e sonoros diferenciados dos demais concorrentes.

- Presença e constância: o volume de conteúdos gerados é muito importante para ganhar relevância; postagens diárias levam vantagem sobre postagens semanais, ao ponto que um acervo de postagens é um ambiente que pode envolver um espectador, fidelizando-o ao ponto de querer ser o “primeiro” e saber quando um novo *post* for publicado.
- Domínio técnico/tecnológico e da plataforma: dispor e integrar equipamentos cada vez mais ágeis nos processos de produção, criação e publicação de postagens; interpretar os algoritmos, notando quais métodos promovem um crescimento de audiência; conhecer ferramentas e relatórios de acesso, para se ter uma métrica precisa e objetiva, sabendo quais são as postagens de maior sucesso, para caso seja necessário, tenha-se uma mudança temática estratégica;

Um Youtuber é uma figura humana, em frente a uma câmera, que quase sempre pretende transmitir autenticidade e sinceridade. Mesmo que o espectador esteja ciente que na maioria das vezes se trata de um personagem fictício, ou seja, a forma que o indivíduo se apresenta e se porta cotidianamente não condiz com tal atuação artística ali posta, e toda artificialidade provocada por diversos *takes* de gravação e muitas edições. Mesmo assim, o imaginário do espectador que assiste esse tipo de vídeo tende a acreditar que existe ali, uma aura como disse Walter Benjamin. Talvez hoje tenhamos que contrapor não somente o ator do teatro em oposição com o ator de cinema, mas tenhamos que os opor ao Youtuber em toda facilidade de reprodutibilidade midiática proporcionada pelos meios digitais.

Podemos dizer que o fenômeno dos Youtubers expressa uma necessidade de olhar nos olhos de alguém, mesmo dentro de uma tela, e a apreciar um discurso de outro humano divertido, dinâmico, sincero e acessível, além da possibilidade de controle de reprodução pela característica que a plataforma dispõe em podermos voltar a assistir quantas vezes forem necessárias. Tudo isso, acrescidos de uma fácil distribuição e difusão, são características que dão condição de tratarmos os Youtubers como detentores de um poder comunicativo numa sociedade em rede.

Pode-se acreditar que há uma tendência na qual os influenciadores sócio-políticos se digitalizem e vice-versa. Comprovamos isto quando vemos, por exemplo, um presidente ter um canal pessoal oficial de comunicação na internet com grande audiência (como o Twitter de Donald Trump); e no sentido oposto, Youtubers que falam de política se candidatam e conquistam cargos públicos.

Um exemplo, correlato ao nosso objeto de pesquisa, é o caso do professor canadense Jordan Bernt Peterson, que lecionou em Harvard e é atualmente professor titular da Universidade de Toronto. Este por se envolver em questões polêmicas, por fazer críticas ao politicamente correto, entre outros posicionamentos contra alguns movimentos ativistas, acabou por ter uma projeção de sua imagem de forma meteórica. Com isso, espaços como o do Youtube, lhe serviram para difusão de ideias. Logo seu canal pessoal passou de um milhão de inscritos, somando no momento que escrevemos esse, mais de um milhão e 700 mil inscritos. Também publicou livros que se tornaram best-sellers e ministra palestras remuneradas em diversos lugares do mundo.

É interessante notar também, como o formato do canal no Youtube do Peterson foge do convencional, ou recomendável comumente na produção de conteúdo para web, pois apresenta conteúdos densos, como palestras com horas de duração e ainda assim, consegue atrair e atingir milhões de visualizações. Com isso, em alguns casos fica muito difícil indicar se um influenciador é (ou está) sócio político ou digital.

Porém, por hora acreditamos que os influenciadores de forma geral estão numa camada intermediária, porquanto mesmo sendo agentes à serviço dos processos de manutenção da dominação exercida por instituições acima destes, se fizermos uma breve reflexão sobre os níveis verticais de superestruturas de poder comunicativo, lembraremos que as plataformas nas quais os influenciadores se publicam são mantidas por megacorporações privadas e muitas vezes, essas são reguladas pelo Estado.

3.3.3 *Micro influenciadores*

Alguns analistas contemporâneos de comunicação digital – principalmente do marketing digital – comumente utilizam também da terminologia “micro influenciador” para se referir a influenciadores de menor audiência²⁸. Se considerarmos estes de forma ampla como indivíduos que têm uma audiência próxima as suas relações *offline*, poderíamos acreditar que num sentido mais amplo todos nós somos micro influenciadores. A diferença é talvez o compromisso profissional, no sentido de ter responsabilidade produtiva em influenciar, mesmo que uma pequena rede, e que essa influência repercuta intencionalmente em algum interesse ou nicho, principalmente comercial. Neste sentido, as redes – sobretudo as redes digitais – abrem

²⁸ Meio&Mensagem: O poder (quase) invisível dos micros influenciadores. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2018/03/01/o-poder-quase-invisivel-dos-micro-influenciadores.html>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

espaço para que a maioria dos que se conectam, produzam conteúdo e sejam (micro) influenciadores em tempo parcial, simultaneamente a outras funções (*offline*).

Considerando a dinâmica das redes sociais digitais, mesmo que fosse estabelecido um número específico definidor de índice de audiência para diferenciar um micro influenciador de um influenciador digital, em alguns casos essa transição acontece de forma extremamente rápida, ou seja, um micro influenciador pode aumentar exponencialmente sua audiência. Por isso, não utilizaremos desta nomenclatura para tratar de influenciadores em geral, pois tal uso considera um registro de baixa audiência como um retrato muito pontual do momento da análise.

De forma geral, as análises e observações sobre os chamados micros influenciadores visam compreender tendências ou ondas que fizeram com que estes se tornassem na prática influenciadores (tanto digitais, quanto sócio-políticos). Um caso que exemplifica bem esse fato, é o recente crescimento de um canal no Youtube chamado “Nilson Izaias Papinho”, protagonizado por um senhor de 72 anos, que aparentemente não tinha grandes pretensões em se tornar um influenciador. Em 01 de fevereiro de 2019 seu canal possuía 1.874 inscritos²⁹, já no dia 03 de fevereiro de 2019 (passados apenas dois dias) o canal contava com 730.123 inscritos³⁰, e no momento de escrita deste, este canal soma mais de 4 milhões de inscritos e mais de 32 milhões de visualizações.

Estas ondas de crescimento acima da normalidade são de difícil previsão, pois envolvem (como no caso acima) o interesse de outros influenciadores diversos e principalmente um engajamento de uma massa exorbitante de indivíduos que se dispõe a ir num sentido. Com isso, em alguns casos as estratégias dos atores dominantes em criarem ondas artificiais é superada por ondas aparentemente mais naturais e imprevisíveis.

Aparentemente os atores dominantes têm interesse cada vez maior também nos micros influenciadores, mas o contato com estes na maioria das vezes é sistematizado ou intermediado por influenciadores com maior audiência.

²⁹ Socialblade: Estatísticas do usuário “Nilson Izaias Papinho Oficial”. Disponível em: <<https://socialblade.com/youtube/channel/UCc5gPU-GOoiXnOgaliQjiYA/monthly>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

³⁰ Idem.

4. TV Cultura e o Programa Roda Vida.

Após termos mostrado como se deu o surgimento da esfera pública e como evoluiu a sociedade em rede e, ainda, termos visto como essa sociedade é complexa e sujeita a ação de determinadas pessoas, entramos agora no recorte da nossa dissertação para verificar como a TV Cultura e o programa Roda Viva podem ajudar a alongar a participação cidadã na sociedade. Tendo informações sólidas assentadas numa emissora que, em teoria, não depende do mercado e que, portanto, estaria comprometida com a construção da cidadania. Isso é o que pretendemos mostrar na primeira parte deste capítulo historiando sobre a origem e trajetória da TV Cultura, para num segundo momento, apresentarmos o programa Roda Viva, um dos muitos programas dessa TV, que apresenta uma diversidade de opiniões e visões capazes de contribuir com qualidade na formulação de ideias. Ainda delimitando mais nosso estudo nos ateremos ao programa de comemoração dos 30 anos do Roda Viva., fato esse que será abordado na segunda parte do presente capítulo.

4.1 A trajetória da TV Cultura

Em 20 de setembro de 1960 entrava no ar no canal 2, a TV Cultura, com o objetivo de difundir o que seu nome propunha. Mantida pelo Diários Associados, que era um conglomerado midiático criado por Assis Chateaubriand, (ROCHA, 2010, p. 02) em 1965 perdeu boa parte de seus equipamentos em um incêndio. Após mudanças de sede, e uma crise dos Diários Associados devido à pressão do governo militar e a morte de Chateaubriand, a emissora seguiu em uma decadência, ao ponto de em janeiro de 1968 não ficar mais disponível.

Paralelamente a isso, em 26 setembro de 1967 foi criada a Fundação Padre Anchieta (FPA), com a finalidade de promover “atividades educativas e culturais, por meio da rádio, da televisão, da internet e de outras mídias” (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, p. 01). Mesmo em meio ao regime militar que promovia censuras políticas, a fundação visava ser livre, até mesmo dos governos que a criaram e do poder público que a mantinha.³¹ Seu fundador e idealizador foi então governador do estado de São Paulo, Roberto Costa de Abreu Sodré, que após um pesquisa na Europa naqueles tempos, notou que havia a necessidade de um espaço público cultural nos meios de comunicação de massa.³²

³¹ Site da Fundação Padre Anchieta: Sobre a história. Disponível em: < <http://fpa.com.br/sobre/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

³² Idem

Com isso, a FPA adquire a TV Cultura dos Diários Associados, e a relança em 16 de junho de 1969, num conceito de TV Pública ainda mais focada em atividades educativas e culturais. (ROCHA, 2010, p. 03)

Após esse período, em 1972 a FPA (e a TV Cultura) entra numa segunda fase. O então governador Laudo Natel, indica uma chapa encabeçada por Raphael Souza Noschese, na função de Diretor Executivo da Fundação que ganha a eleição. Noschese sofre pressão por parte do governo e se demite.

A pressão militar era intensa, ao ponto de em 1974 o diretor de jornalismo da TV, Vladimir Herzog ser assassinado, após ter sido intimado pelo Centro de Operações de Defesa Interna de São Paulo (DOI-CODI). (ROCHA, 2010, p. 07) Após isso, se seguiram anos de uma relação que transitava entre a liberação de verba por parte do governo e uma concessão de espaço para o governo na programação. Além disso, houve demissões de membros do conselho e mudanças estatutárias impostas pelo governo, ao ponto de haver uma necessidade de o STJ interferir para que o Conselho Curador mantivesse sua autonomia. (ROCHA, 2010, p. 08)

Com o fim do regime militar em 1985, a TV Cultura entra numa terceira fase com uma reformulação mais democrática de seu estatuto, mais próxima do que uma televisão pública deve ser. Mesmo com um horizonte promissor se abrindo, em 28 de fevereiro de 1986 a TV Cultura sofre com outro incêndio que destruiu quase 90% de sua infraestrutura, ao ponto de depender da solidariedade de outras emissoras para se manter no ar. (ROCHA, 2010, p. 09) Com um grande trabalho de reconstrução e adição de novos equipamentos mais modernos, sob a direção de Roberto Muylaert também se fez necessária a reformulação do estatuto, este agora propunha uma visão menos estatizante e menos burocrática para os processos e produções, e uma percepção mais profissional e menos estatal, lutando contra um funcionalismo público matriarcal (no sentido ruim) ainda tido por alguns funcionários. (SANTOS, 1979, p. 10) Além disso, Muylaert buscou alcançar independência financeira, buscando patrocínios. Isso resultou num investimento milionário que por conseguinte deixou a grade de programação mais informativa e menos educativa. (ROCHA, 2010, p.10) Essa busca por independência financeira, acabou por não se concretizar e a TV Cultura em 1989 retomou um novo ciclo de dependência político-financeira, gerando conflitos internos e disputas por vaidades, sobretudo entre Muylaert e Roberto de Oliveira coordenador de programação.

Após esse período muito profícuo, que gerou bons números de audiência, a TV Cultura entra numa quarta fase quando Jorge da Cunha Lima assume a presidência da FPA em julho de 1995, o foco de Cunha Lima era organizar as contas que estavam operando num déficit de mais de R\$30 milhões. (ROCHA, 2010, p.12) Isso somado a um corte de verbas no governo Mário

Covas, forçou a TV Cultura a adotar novas práticas de venda, com produtos licenciados, e resultou num corte de funcionários. Essa dificuldade financeira se estendeu, ficando muito evidente em 2003, com um novo corte de 250 funcionários, além de outras medidas para levantar recursos, como locação de estúdios, e um ciclo de reprises. De forma geral, a gestão de Cunha Lima foi marcada por uma defasagem tecnológica e auditorias constantes para compreender os déficits sem solução.

Em abril de 2004 Marcos Mendonça é eleito presidente da FPA, Mendonça indicava ter um maior alinhamento com o governo de Alckmin, o que poderia resultar numa melhor relação com o governo e a FPA, e com isso mais recursos. Porém, por outro lado, logo no início de sua gestão sofreu com uma greve que atingiu cerca de 90% dos funcionários e durou cerca de 10 dias. (ROCHA, 2010, p. 18)

Mendonça foi muito pressionado pelos baixos números de audiência, e ao mesmo tempo manteve a preocupação com a sustentabilidade financeira da emissora, ao ponto de passar a veicular publicidades de terceiros.

Em julho de 2007, Paulo Markun, assumiu a presidência da FPA. Seu mandato foi marcado por inovações tecnológicas, sendo que em 02 de dezembro de 2007 iniciou as transmissões digitais do canal, além de modernizar grande parte dos equipamentos. Também foram promovidas diversas parcerias internacionais para a produção de conteúdo.³³ A gestão de Markun, embora tenha gerado entusiasmo na equipe de colaboradores, foi curta durando somente o mandato de 3 anos e ao que parece a perda da eleição no conselho da fundação foi fruto de uma articulação política que partira do governador José Serra. Com isso, em junho de 2010, João Sayad tomou posse da presidência da FPA.

O mandato de João Sayad marcou uma série de reformulações administrativas, sendo que quando assumiu o cargo contava com 2.124 funcionários e em fevereiro de 2013 quando saiu, o quadro era 1.140 funcionários. Segundo ele, essa mudança no pessoal, foi ocasionada por uma extinção de “cargos ociosos e uma otimização das produções da casa”.³⁴ Sayad foi o primeiro presidente a não disputar a reeleição, e declarou publicamente que havia condutas internas desonestas, do que chamou de “corrupção pequena”.³⁵ Com isso em 24 de junho de

³³ Estadão: Markun conta que foi surpreendido por mudança na TV Cultura. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/cristina-padiglione/markun-fala-sobre-sua-saida-a-funcionarios-da-tv-cultura/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

³⁴ Meio & Mensagem: Sayad avalia seu mandato na TV Cultura. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2013/05/13/sayad-avalia-seu-mandato-na-tv-cultura.html>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

³⁵ Idem.

2013, Marcos Mendonça retornou ao cargo e também foi reeleito em 2016 com mandato até 2019.

Dentre alguns acontecimentos que merecem menção desta última era de gestão de Marcos Mendonça destacamos que, em 18 de março de 2015 a TV Cultura deixou de transmitir sinal analógico. Ainda em 2015, após ter um corte de 21% no repasse orçamentário do Governo Estadual de São Paulo, a emissora entrou em mais uma crise financeira, resultando numa greve iniciada no dia 19 de junho daquele ano, que contou com 80% de seus funcionários paralisados.³⁶

Com a persistência da crise financeira, em 06 de setembro de 2016 uma nova greve se instaurou, principalmente por conta da alegação dos funcionários que diziam ter salários congelados desde dezembro de 2013, esta por sua vez, teve um grande enfoque nas reivindicações dos jornalistas e radialistas.³⁷

De forma geral, a história da TV Cultura conta com interferências governamentais, antes mais diretas e explícitas, hoje talvez menos diretas e mais implícitas. Mas em análises mais extremas, como da Revista Carta Capital, a emissora é partidária e atende diretamente interesses do governo, sobretudo do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)³⁸ que tem sido governo a mais de 20 anos no estado de São Paulo e que talvez por isso, tenha encontrado um tipo de “equilíbrio” com a emissora (tanto no mal, como no bom sentido).

Entretanto, para esta pesquisa partimos *a priori* de uma valorização de um espaço televisivo de rede nacional pública, que persiste e luta para se manter dentro de ideais nobres como os expressos no estatuto da emissora. Entendemos que, em contraponto, a iniciativa privada de televisão sofre indiretamente de regulações e controles estatais de forma diferente, mas não há liberdade plena, ou seja, as TVs particulares também têm o ator dominante “estado” sobre elas atuando com outros recursos de controle. Além disso, a pressão econômica é sem dúvida ainda no setor privado, o que pode muitas vezes ocasionar emissoras sem ideais (missão, visão e valores) que se mantêm e se guiam de acordo com a audiência muitas vezes a qualquer preço. Por isso, o formato da TV pública expressa muita liberdade, tanto pela estabilidade de alguns funcionários, quanto pelo não compromisso direto com instituições privadas. A TV

³⁶ Uol: Funcionários da TV Cultura entram em greve por aumento e abono. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/funcionarios-da-tv-cultura-entram-em-greve-por-aumento-e-abono-8332>>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

³⁷ O Globo: Funcionários da TV Cultura decidem entrar em greve na quinta-feira. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/funcionarios-da-tv-cultura-decidem-entrar-em-greve-na-quinta-feira-20063657>>. Acesso em 25 mai. 2018.

³⁸ Carta Capital: A TV Cultura não é pública. Ela é tuana. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-tv-cultura-nao-e-publica-ela-e-tucana/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Cultura é reconhecida internacionalmente pela qualidade na sua grade de programação³⁹, e foi escolhida não por acaso para esta pesquisa.

4.2 O programa Roda Viva

Roda Viva é um programa com transmissão em rede nacional brasileira, em sinal aberto pela TV Cultura. Foi ao ar pela primeira vez em 29 de setembro de 1986, e desde então é transmitido ininterruptamente toda semana, normalmente às segundas-feiras. Com mais de mil emissões, é tido como o mais respeitado programa de entrevistas do Brasil. (MENDONÇA, 2005, p. 09)

O programa tem tradição em receber personalidades que marcam época, e que exerçam influência no Brasil e no mundo. São em geral figuras representativas em áreas como: cultura, ciências, economia, esporte e política.

Os convidados atuantes na esfera pública política, normalmente já têm algum cargo e/ou carreira, e/ou são liderança de algum partido político. Para estes, a participação no programa tem função de promoção de sua imagem pública para se fortalecerem em seu cargo atual ou emergirem como candidatos. Notamos que todos que foram empossados como presidentes do Brasil – após o ano de 1986 – participaram do programa enquanto estavam numa condição de pré-candidatos, candidatos ou ex-presidentes.

Apenas para ilustrar, no momento da escrita deste, um dos maiores índices de audiência recebido pelo programa, se deu pela entrevista de um juiz federal que ainda estava ativo no cargo no período da entrevista⁴⁰. Este programa rendeu uma média de 3,8 pontos na TV, mais de 1 milhão de transmissões ao vivo no Facebook, mais 1,9 milhões de visualizações no Youtube e a hashtag #RodaViva ficou nos *Trending Topics* mundiais no Twitter.

A estrutura de cenário do programa forma uma arena, assim os entrevistadores ficam sentados em uma roda, postos num nível pouco mais alto do chão. Já o entrevistado fica sentado ao centro, numa cadeira giratória num nível mais baixo, equivalente ao chão, de forma que gira a cadeira e olha levemente para cima para responder diretamente aos entrevistadores⁴¹. Há

³⁹ Exame: TV Cultura tem 2ª melhor programação do mundo, diz pesquisa. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/tv-cultura-tem-2a-melhor-programacao-do-mundo-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 28 de dez. 2018.

⁴⁰ Folha de São Paulo. 'Roda Viva' com Sérgio Moro foi recorde de audiência dos últimos 18 anos. Disponível em: <<http://telepadi.folha.uol.com.br/roda-viva-com-sergio-moro-foi-recorde-de-audiencia-dos-ultimos-18-anos/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

⁴¹ Durante um ano, a partir de agosto de 2010 o programa tentou um formato diferente, no qual os entrevistadores e o entrevistados ficavam no mesmo nível e num espaço menor e mais próximos. Neste período, o programa contou com uma nova mediadora, e com dois entrevistadores fixos e deixou de ser transmitido ao vivo. Este formato durou somente o período do contrato com a entrevistadora e embora a mudança de layout tenha trazido um ar mais moderno, alterando inclusive as bancadas e iluminações; depois deste um ano a emissora optou por retomar o

também um nível acima dos entrevistadores, nos quais sentam-se de forma geral uma equipe de suporte do entrevistado. No caso de políticos, nestas fileiras superiores ficam os assessores, familiares, etc.

Geralmente, os entrevistadores normalmente são jornalistas, economistas, especialistas, pesquisadores e interessados da área do entrevistado. Também é comum a presença do cartunista Paulo Caruso, que no decorrer do programa desenha charges que são apresentadas em tempo real, sempre utilizando de falas dos próprios participantes para satirizar o percurso pelo qual a entrevista passa.

As câmeras são posicionadas em pontos estratégicos do círculo, de forma que as imagens capturadas são frontais; o que valoriza as expressões de todos os participantes. Há também duas câmeras de planos verticais, de cima para baixo, que fazem as imagens dos desenhos de Caruso, e outra que gira, tendo o convidado como “alvo” central, esta última acaba por ser uma “marca registrada” do programa.

O programa utiliza de recursos interativos com o público telespectador, os equipamentos seguiram o avanço tecnológico com o decorrer dos anos de transmissão. Nos primeiros anos de transmissão, dispunham de uma central telefônica com atendentes que recebiam e transmitiam ao diretor do programa e depois ao mediador perguntas para o entrevistado; anos depois passaram a utilizar e-mails e atualmente utilizam de redes sociais virtuais, que mediante as marcações de codificações - amplamente conhecidas por internautas assíduos - são moderadas e podem aparecer na transmissão da televisão (as chamadas *hashtags*).

A equipe de produção do programa conta com um departamento específico de Novas Mídias, o qual gerencia estas plataformas, e promove parcerias com as principais redes sociais virtuais, com isso as plataformas são terceirizadas. Mesmo o aplicativo para plataformas móveis (*app*), chamado de Cultura Digital, é um espaço centralizador, que mesmo sobre uma curadoria organizada promove acesso a servidores destas megas corporações de mídia virtual, como o Google, Facebook, entre outros. A princípio isso não é um problema na opinião da produção do programa⁴². Além disso, o diretor técnico da emissora informou que a viabilidade orçamentária para se ter uma plataforma particular no momento era inviável.⁴³

formato clássico, em arena. Uol. Marília Gabriela grava amanhã o piloto do novo "Roda Viva". Disponível em: <<https://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2010/08/24/marilia-gabriela-grava-amanha-o-piloto-do-novo-roda-viva.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mai. 2018

⁴² Vide opinião da produtora do programa sobre este assunto no anexo 01. Entrevista com Rachel V. Belo.

⁴³ Em visita a TV Cultura, para entrevistar a equipe do programa, o Diretor Técnico Gilvani Moletta, informou que a emissora já solicitou orçamentos para obterem uma plataforma própria de conteúdo, mas os custos eram muito altos em comparação com o orçamento disponível.

4.2.1 *Questões de neutralidade e afirmação da relevância do programa*

De acordo com o presidente⁴⁴ da fundação Padre Anchieta, Marcos Mendonça, um programa como o Roda Viva só conseguiu se manter no ar por tanto tempo, por conta de ser transmitido em um canal de televisão público. (MENDONÇA, 2005, p. 9) Além disso, Mendonça (2005) indica que o programa não se submete a “restrições políticas ou ideológicas”, tanto que diversifica os convidados de múltiplas correntes. (MENDONÇA, 2005, p. 9) Sem dúvida, tais afirmações são de confirmação impossível, porém é fato que pelo grande volume de participantes do programa seria muito improvável que todos fossem direcionados a uma única corrente política ou ideológica.

Porém, um indicativo quanto à neutralidade do programa é definido indiretamente pelo apresentador/mediador. Assim, o quanto o mediador/apresentador dá voz ao entrevistado e ao entrevistador, e organiza o debate de forma equânime, é sem dúvida uma observação de que o debate está tentando ser justo por permitir o posicionamento dos seus participantes de forma ampla.

Além disso, o mediador tem espaço para fazer perguntas ao convidado central e intervir tirando e/ou passando a palavra a outros falantes, fazendo com que as falas transitem. Uma preposição possível é a que o apresentador/mediador, na sua função e contato contínuo com a equipe produtora poderia em certa medida representar a produção do programa, pelo fato de que uma divergência gritante com a direção do programa poderia dificultar sua permanência na função.

A princípio uma análise do mediador, em suas linhas argumentativas (dentro e fora do programa), trará indícios de seus pressupostos ideológicos. Logo, os apontamentos, interferências ou mesmo colocações durante uma entrevista devem ser imparciais, por uma questão ética, tendo em vista também que está em jogo sua própria imagem profissional (e sua carreira como um todo), ou seja, caso o apresentador publique discursos parciais e tendenciosos (mesmo fora do programa) sua imagem enquanto apresentador imparcial pode ser prejudicada o que o deixará em situação desconfortável.

Podemos citar aqui o exemplo do ex-apresentador Augusto Nunes, que deixou o posto em 26 de março de 2018. Embora, tenha conduzido quase quinhentas edições do programa, o apresentador foi demitido sob indicações de que suas conduções eram parciais (vide anexo 4).

⁴⁴ Uol. Marcos Mendonça no momento de escrita deste, cumpre seu terceiro mandato como Presidente da Fundação Padre Anchieta. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/04/11/marcos-mendonca-reeleito-presidente-da-tv-cultura-ate-2019.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Além disso, o ex-apresentador é colunista em outros canais de comunicação e não hesita em expor suas opiniões com muito afinco, o que poderia ter colocado em dúvida se sua postura seria neutra durante sua apresentação do programa⁴⁵.

Contudo, podemos afirmar que tal é a relevância do programa Roda Viva para os estudos do telejornalismo brasileiro que numa iniciativa entre Fundação Padre Anchieta, a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), surgiu o projeto “Memória Roda Viva”, organizado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (Nepp). Este projeto teve como objetivo constituir um acervo escrito das transcrições na íntegra de todos os programas que foram (e seriam) transmitidos.⁴⁶ O projeto se justificou sobre a compreensão destas instituições concordarem que o programa é uma fonte científica relevante para pesquisadores, estudantes e internautas em geral. Com isso, o acesso facilitado a tal acervo público possibilita pesquisas por termos, sessões temáticas ou por ordem cronológica.

Atualmente, o programa também é transmitido ao vivo através do site www.youtube.com.br, site de pesquisa e maior site de vídeos *on demand* de acesso gratuito da internet. Com milhares de vídeos publicados, o Youtube é a plataforma que a emissora escolheu para facilitar também o acesso a episódios a qualquer tempo, incluindo episódios antigos⁴⁷.

Por todos esses apontamentos, acreditamos que, o programa impõe um prestígio internacional nos círculos intelectuais. Também por causa de autores e cientistas renomados já terem participado, e em certa medida parece uma consagração sentar naquela cadeira ao centro do programa. Tanto que é notável quando entrevistados utilizam sua participação como oportunidade de um processo de autorreflexão sobre suas ideias, num exercício de lidar com críticas contundentes e sentir como os *media* valorizam (ou desvalorizam) sua imagem. Com isso, o programa ganha um status de ser um programa inteligente, para espectadores que estão em busca de informações de boa procedência para o momento histórico, social e político do qual passa o Brasil e o mundo; sem dúvida existem discrepâncias entre episódios com convidados menos letrados e outros extremamente eruditos, porém, a exata percepção de tal

⁴⁵ Uol. Direção da TV Cultura estuda saída de Augusto Nunes do "Roda Viva". Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2018/02/08/direcao-da-tv-cultura-estuda-saida-de-augusto-nunes-do-roda-viva.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

⁴⁶ No momento de escrita deste, o acervo conta com 731 transcrições de entrevistas, sendo a data de transcrições mais recente 27 de julho de 2009.

⁴⁷ No momento que escrevo este, o canal do Youtube, Roda Viva (oficial), tem 1.493 vídeos publicados, e 29.352.437 visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/rodaviva/about>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

grau de sapiência do convidado é um critério muito subjetivo, definido pelo espectador, a qual não pretendemos tratar aqui.

4.2.2 *Outras informações sobre o roteiro e formato do programa*

O roteiro do programa normalmente se inicia com uma locução feita por um comentarista, com imagens que apresentam o(s) convidado(s) e dando uma breve descrição de seus trabalhos e projetos mais importantes; logo após o mediador toma a palavra, dando boas-vindas a todos e faz a apresentação da banca de entrevistadores, citando seus nomes, profissões e/ou área de atuação.

Houve programas que não contavam com um convidado central, e ficaram direcionados a um tema para debate entre os convidados que compunham a roda. Normalmente neste tipo de programa, ao centro no local onde estaria o convidado, fica uma obra artística que ilustra e se relaciona com o tema.

Um exemplo deste formato alternativo foi ao ar em 17 de outubro de 2005, no programa que tratava do debate sobre o “Referendo do Comércio de armas”. Neste episódio, o centro da roda foi tomado por parte de uma instalação chamada *Intolerância*, do artista plástico Siron Franco, que contou com esculturas em pano, que formaram um amontoado de “bonecos”, numa simulação de corpos.⁴⁸ Paulo Markun, na condição de mediador deste episódio, esclareceu que a obra exposta ali ao centro do cenário do programa não tomava partido, quanto à liberação de armas de fogo no Brasil, e que a instalação poderia ser interpretada por diferentes óticas: aqueles corpos seriam de pessoas mortas pelas armas de fogo vendidas (em caso de liberação), ou (em oposição) aquelas seriam vítimas de armas usadas por bandidos contra pessoas que não tinham alternativas de defesa. Este episódio também utilizou de uma condição de convidados debatedores que já se declaravam favoráveis ou contrários à pergunta que circundava o tema posto.

Um episódio com diversos elementos fora do formato padrão, foi transmitido em 14 de novembro de 2016, e foi gravado no Palácio da Alvorada. O entrevistado foi o então presidente Michel Temer. Chama a atenção que de certa forma, o “Roda Viva foi até ele”. Foi a única edição do programa que entrevistou um presidente em exercício. Outra característica interessante deste episódio é que, o presidente não ficou rodeado pelos entrevistadores, nem

⁴⁸ Roda Viva: Debate Referendo Armas. **Memória Roda Viva**. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/72/referendo/entrevistados/debate_referendo_armas_2005.htm>. Acesso em: 14 mai. 2018.

num nível mais baixo, mas sim, todos ficaram de frente ao presidente, num formato mais próximo a uma coletiva de imprensa.

Voltando ao formato mais comum, com um convidado central. Após esta abertura com apresentações gerais, o mediador cumprimenta o convidado ao centro, e em sequência propõe ele mesmo a primeira questão direcionada ao convidado; daí então segue-se um ciclo de questões que vão girando pelos entrevistadores nos palanques superiores num sentido único. Este fluxo giratório torna o programa dinâmico, pois de forma geral, os convidados utilizam de um tempo que considere os demais entrevistadores e o tempo de resposta do próprio convidado. Vez ou outra, um dos entrevistadores marca presença com uma questão “acentuada”, o que pode gerar uma expectativa a quem assiste, de como será a próxima rodada quanto à postura deste entrevistador: ele irá insistir a questão inicial, explorando-a até estressar o convidado, ou utilizará seu espaço de pergunta numa função de tréplica a partir da resposta que recebeu na rodada anterior, ou se irá mudar o foco da discussão para outro ponto. Vemos episódios nos quais, um entrevistador esquece seu papel questionador e segue em explanações inconvenientes sem nenhuma questão.

Não obstante, o convidado central, mesmo sendo uma figura pública relevante e bem-sucedida, nem sempre está preparado para ficar “acuado” sob um círculo de questionadores que pesquisaram e conhecem sua trajetória, dos quais: alguns concordam e admiram o entrevistado; ou discordam e usam o espaço do programa para criticar pessoalmente o convidado. Com isso, em alguns episódios ficam evidentes as provocações mútuas, tanto por parte dos entrevistadores, com questões polêmicas, pejorativas ou irônicas, quanto nas respostas dadas pelo convidado, que ocasionalmente ridiculariza as questões recebidas.

Um exemplo desta aspereza entre entrevistado e entrevistador foi o programa transmitido em julho de 1995, que recebeu como convidado o fotógrafo italiano Oliviero Toscani. Este fotógrafo ganhou notoriedade por ter suas fotografias - que questionam problemas sociais - utilizadas em campanhas publicitárias da marca Benetton. Em um momento do programa Toscani indica que os publicitários seriam “uma associação de delinquentes”,⁴⁹ assim um dos convidados, sendo publicitário fica pessoalmente ofendido e a partir daquele momento este praticamente não faz mais perguntas ao entrevistado, mas sim ofende seu trabalho e sua arte, interrompendo o ciclo da roda e tomando a palavra para si de forma mal-educada. Esse tipo de perda da compostura por parte da banca entrevistadora, ou pelo entrevistado, é incomum

⁴⁹ Roda Viva com Oliviero Toscani. **Memória Roda Viva**. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/9/toscani/entrevistados/oliviero_toscani_1995.htm>. Acesso em: 10 mai. 2018.

no programa. As provocações normalmente são sutis e tratam do campo das ideias, assim entrevistadores (ou entrevistados) que usam de argumentos *ad hominem*, tendem a ficar deslocados no debate ao ponto de caírem no descrédito.

O fato de que muitos episódios do programa são transmitidos ao vivo – e mesmo os que são gravados não parecem sofrer edições nas sequências das falas dos participantes – exige ao convidado ter segurança quanto a seu domínio retórico e se preparar para todas as possíveis perguntas, para ter um bom desempenho no programa. É necessário considerar que num cenário performático negativo, o programa pode colaborar para a deterioração de sua imagem pública, principalmente se o convidado não conseguir expressar uma postura tolerante e bem articulada, quanto as questões irrelevantes ou que não acrescentem um debate benéfico, talvez em relação a sua imagem possa-se afirmar que: o convidado tem muito mais a perder ao se irritar e ser mal-educado com o entrevistador do que o contrário.

Por fim, uma síntese quanto ao formato do programa, no que tange os posicionamentos dos seus participantes foi publicada por Augusto Nunes, segundo ele:

O Roda Viva basicamente é o seguinte: estrela é o entrevistado. Quem tem que ser conhecido é o entrevistado, quem tem que expor ideias é o entrevistado. Os jornalistas são coadjuvantes, muito importantes, que devem fazer com que o entrevistado se revele, diga o que pensa e diga o que acha. Sobretudo, você deve pressionar ele sempre com elegância, como fazem os jornalistas do mundo inteiro. Agora, quem decide se o que ele falou, *tá certo, tá errado*, é bom, é uma bobagem, e tal, é o espectador, esse o juiz final. Cabe ao entrevistador o que é o papel do juiz de futebol, quanto menos aparece num jogo, melhor atuação do juiz. (Depoimento de Augusto Nunes, ex apresentador do Roda Viva, aos 00H:04m:27s - [Anexo 04](#))

O posicionamento de Augusto Nunes, reforça que cabe ao mediador a função de ter o controle das falas de todos os participantes, porém, toda a atenção deve ser canalizada a retirar o máximo de informações do convidado central. Com isso, qualquer outro participante que tiver um espaço de fala grande, de acordo com sua interpretação, estaria fugindo do formato ideal do programa.

4.3 O Roda Viva especial de 30 anos

No dia 31 de outubro de 2016, a TV Cultura transmitiu o programa Roda Viva comemorativo de 30 anos. Por dedução, acreditamos que, conforme exposto acima, um programa de tal relevância, para uma data tão significativa, teria que escolher um convidado muito especial, de muita representatividade. Da mesma forma, a bancada de entrevistadores também deveria ser seleta, pois se trata de uma edição histórica, numa data memorável.

Para nossa surpresa, foram convidados para o centro do programa, não um, mas sim dois convidados. São eles: o historiador Leandro Karnal, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); e o filósofo Luiz Felipe Pondé, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e vice-diretor e coordenador de Curso da Faculdade de Comunicação da FAAP.

É notável que estes professores se diferem da maioria dos demais acadêmicos brasileiros, por terem bons números de audiências em suas publicações na internet, também publicam em colunas de jornais, programas de rádio e por terem alguns livros com bons números de vendagem.

Boa parte dos vídeos publicados na rede que eles protagonizam, são recortes de suas palestras, ou participações em programas que debatem questões intelectuais. De forma geral, ambos conquistaram um público dentro (e fora) das mídias digitais, o que lhes rende uma agenda como oradores em palestras e conferências não só acadêmicas, mas também no mundo corporativo em geral. Assim, podemos dizer que estão numa condição no que poderíamos chamar de “celebridades acadêmicas”, porquanto movimentam pessoas em volta de suas publicações.

Sendo que para visualizar os conteúdos destes professores, basta acessar qualquer site buscador, e se terá uma lista de algumas centenas de resultados, listados com diversos temas. E para se tornar um “seguidor”, basta entrar em uma rede social virtual, procurar e compartilhar um vídeo, ou frase, ou qualquer imagem relacionada a um deles, dentre os vários conteúdos dispostos na rede, ou comprando um livro ou replicando suas falas, referenciando a eles.

O que notamos é que esta estrutura de formação de opinião, já conhecida nos roteiros jornalísticos, do qual num devido momento se é ponderada a análise de um especialista, como figura de autoridade no assunto, ou seja, a opinião de um indivíduo com formação acadêmica é um recurso necessário para amplificar um debate, sustentando uma conclusão, com base numa opinião de fundamentação empírica.

Nas redes sociais virtuais podemos propor que os indivíduos atuem de forma similar. Quando se quer tratar de um assunto de forma fundamentada não devemos nos limitar a nossas opiniões pessoais (*doxa*); pois quanto mais raso for o argumento publicado, mais rápido ele será contraposto/refutado numa interação dentro das TICs. A persistência em tratar de assuntos complexos de forma superficial, pode acarretar ao indivíduo um estigma de ser alguém “irrelevante”, irritante, ou simplesmente que não se pode ser levado à sério. Uma ação comum nesse ponto, é quando pedimos para não ver mais publicações de alguém, que até então faz parte de nossa rede de “amigos”.

Por isso, se basear em opiniões de especialistas, nos parece ser um recurso fundamental sempre válido, e importante para uma “sobrevivência” enquanto indivíduo que quer publicar e ser ouvido a partir de seu perfil pessoal, o qual pode a partir disso, ecoar/viralizar (ou não) dentro das redes sociais virtuais. Sem dúvida, este uso instrumental de opiniões que atendam pressupostos dentro dos debates pode fortalecer a formação de movimentos sociais, grupos e partidos.

Assim, tal atitude dos atores sociais na rede, que notaram a necessidade de uma pesquisa prévia fundamentada, não surgiu a partir dos usos das TICs, mas nos parece estar sendo assimilada e aprimorada a partir de seus usos (conforme pretendemos tratar a frente).

Com isso, “ter um doutor que defende o que eu acredito” é um recurso útil para fortalecer as opiniões *a priori*, e ter a facilidade de encontrar tais argumentos, na distância de um clique, podendo assisti-los de forma dinâmica, num vídeo; são características que justificam por que estes professores têm angariado tanta audiência e seguidores nas redes sociais virtuais e fora delas.

Outro motivo, pelo qual estes acadêmicos têm “caído no gosto” da audiência popular, são suas características discursivas. De forma geral, as oratórias atendem a um público mediano, expressando termos cotidianos, que integram termos mais eloquentes ou específicos, que em seus contextos frasais tornam a interpretação do que dizem acessível, dinâmica e divertida.

Além disso, quando um conteúdo protagonizado por um desses professores é consumido em plataformas *on demand*, como no Youtube, o controle temporal traz a possibilidade de voltar, parar ou assistir mais de uma vez; tais ações facilitam a absorção de um maior número de informações no processo de recepção, promovendo mais conhecimento ao espectador mediano.

Porém, todas essas características promissoras da publicação de um acadêmico através do vídeo, não justifica a escolha destes dois professores como personagens principais deste episódio tão importante do Roda Viva, considerando que há outros professores que da mesma forma tem bons números de audiência, e expressam todas as vantagens apresentadas.

Dentre os motivos pelo qual podemos pressupor que Karnal e Pondé foram os escolhidos para o programa especial de 30 anos podemos pressupor alguns. O primeiro, e talvez o de mais fácil detecção, são os indícios de que a emissora tem uma boa relação com os dois professores, e estes participaram/participam em outros programas.

Para tanto, um programa que também é transmitido pela emissora, que da mesma forma se mostra relevante como um espaço intelectual: o Café Filosófico. Este programa convida oradores para tratar dos mais diversos temas, fazendo explanações que buscam expressar

profundidade e erudição. O formato deste programa não é tão promissor para o debate público, quanto o Roda Viva, pois ao final (muitas vezes) são postas perguntas da plateia, que se direcionam ao tema abordado na explanação inicial, e os questionadores não tem direito a réplica ou tréplica, ou seja, não se têm um debate no sentido mais estrito. Ambos professores participam do programa a alguns anos e suas participações se tornaram referência.⁵⁰

Outro programa que ambos participam regularmente, é o Jornal da Cultura, que tem um formato que abre espaço para convidados tecerem comentários logo após a apresentação das notícias. Estas participações também geram vídeos, de recortes de suas participações que viraliza nas redes sociais, como exemplo de leituras das notícias que estão sendo debatidas.

Mais um indicador da boa relação entre a Cultura com ambos, são as participações anteriores no Roda Viva, e como estas participações lhes renderam boas audiências. Sendo que Leandro Karnal, participou do programa em 04 de julho de 2016⁵¹, e Luiz Felipe Pondé participou em 08 de agosto de 2016⁵².

Não encontramos até o momento de confecção deste, nenhuma confirmação de relação comercial entre a emissora Cultura e os professores, no sentido de terem um contrato formal que estabelecesse uma relação financeira e comercial direta. Porém, acreditamos que o ganho representativo no que diz respeito à difusão da imagem social destes professores, por participarem tão ativamente da grade da emissora, lhes garante ainda mais representatividade e com isso: agendas em conferências, palestras, entre outros espaços, que sem dúvida produzem sim bons rendimentos financeiros. Claro que em outros meios de comunicação, sobretudo nos jornais e programas de rádio, que ambos professores participam, a produção de conteúdo é monetizada.

Em contrapartida, esta edição do programa contou com uma bancada de entrevistadores, formado por Youtubers com grande audiência, todos são jovens da geração Y (nascidos a partir dos anos 80).

Num primeiro momento, não há um perfil temático único entre eles, porém, como já dito, eles são ligados à tecnologia e à cultura pop, porquanto têm suas carreiras dentro de

⁵⁰ Luiz Felipe Pondé, participou do programa Café Filosófico em 09 de setembro de 2011, Leandro Karnal participou em 23 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/play/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

⁵¹ No momento que escrevo este, o programa Roda Viva que recebeu Leandro Karnal, conta com 1.147.367 visualizações no seu canal oficial no Youtube, sendo o segundo programa com mais audiência publicado nesta plataforma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JmMDX42jOoE>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

⁵² No momento que escrevo este, o programa Roda Viva que recebeu Luiz Felipe Pondé, conta com 356.041 visualizações no seu canal oficial no Youtube, sendo o décimo sétimo programa com mais audiência publicado nesta plataforma. <<https://www.youtube.com/watch?v=zA04340FqZA&t=80s>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

plataformas das últimas gerações. Também é notável que estes lidam bem com a projeção pública e com as câmeras de forma geral, se comunicando de forma dinâmica e fluida.

O release emitido pela emissora já vislumbrava a expectativa criada pelo programa de captar a atenção de seus seguidores de forma bem especial. Pela relevância que tem para nossa dissertação o transcrevemos de forma integral:

“O *Roda Viva*, que acaba de completar 30 anos com foco no futuro e nas diferentes gerações, leva ao ar a edição especial *Dilemas Contemporâneos*, com a participação de influenciadores digitais, do historiador **Leandro Karnal** e do filósofo **Luiz Felipe Pondé**, que contabilizam milhões de seguidores. O programa vai ao ar ao vivo, nesta segunda-feira, 31, entre 22h e 23h30. Ao fim da exibição na tevê, a discussão continua por 30 minutos na internet ([youtube.com/rodaviva](https://www.youtube.com/rodaviva)).

Esta edição do *Roda Viva* chama a atenção dos jovens para a discussão, com o tema *Dilemas Contemporâneos*. Para falar dos conflitos que as novas gerações vivem e como diversas questões, incluindo as novas plataformas e canais de comunicação, afetam a vida e o relacionamento das pessoas, Karnal e Pondé (que estarão no centro do *Roda Viva*) debatem com os influenciadores digitais **Hugo Gloss**, **PC Siqueira** (*Mas Poxa Vida*), **Dani Noce** e **Paulo Cuenca** (*Danielle Noce*), **Taty Ferreira** (*Acidez Feminina*) e **Cauê Moura** (*Desce a Letra*). E para ilustrar o debate, o programa conta com a participação de **Carlos Ruas**, criador do blog de tirinhas *Um Sábado Qualquer*.

Entram no centro da discussão assuntos como *As Redes Sociais e o Poder do Eu* (A superexposição de si e do outro na rede; A necessidade de pertencimento e a rede social como válvula de escape; Aplicativos de paquera e suas relações (quase sempre) líquidas; A democratização da opinião na internet; o ódio e o preconceito “justo”; vida virtual x vida real); *A Busca pela Felicidade e a Certeza da Infelicidade* (A sensação de que as exigências para ser feliz aumentaram; A dificuldade de lidar com a polarização de opiniões; Os desejos do indivíduo em conflito com as cobranças do coletivo; O sujeito como outdoor em busca de status e aceitação); e *A Mediocridade e as Angústias da Vida* (A ansiedade gerada pelo medo do erro; A publicidade que vende vidas inexistentes e a ânsia pela réplica; Tipos de vida: estética x ética x autoral x medíocre; A diversidade de escolhas e seus ônus). Excepcionalmente, o programa que é apresentado pelo jornalista Augusto Nunes, será mediado por Willian Corrêa, Coordenador Geral de Jornalismo da TV Cultura e âncora do Jornal da Cultura.⁵³

Acreditamos que esse programa indica uma confluência interessante para nossa pesquisa, pois concentra num mesmo tempo e local elementos da Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) tratadas até aqui como: as construções de discursos na esfera pública e política, e como estas fortalecem a representatividade de indivíduos; a formação de redes como expressão de uma assimetria de interação na qual atores dominantes utilizam de diversos tipos de influenciadores para manutenção de poder.

Além disso, os conteúdos publicados em multiplataformas, sobretudo, em mídia tradicional (num canal de televisão) e com uma continuação numa mídia mais jovem, principalmente no Youtube, espaço no qual o programa continuou por mais 30 minutos.

⁵³ Roda Viva reúne Karnal, Pondé e influenciadores digitais com milhões de seguidores. Disponível em: http://tvcultura.com.br/acontece/172_roda-viva-faz-30-anos-e-convida-influenciadores-digitais-com-milhoes-de-seguidores.html. Acesso em: 25 dez. 2018.

Também é notável que este episódio conta com representantes de diversas redes. Isso significa sem dúvida, ter diversos tipos de influenciadores, desde os digitais: representados pelos Youtubers que atuam em diversos clusters de assuntos e vertentes ideológicas; até os sócio-políticos: representados pelos professores que estavam ao centro do programa e pelo próprio mediador Willian Corrêa.

Acreditamos que esse tipo de iniciativa de convergência ou conversa entre representantes de diversas mídias dentro de uma estrutura de televisão pública e na web, representa um fenômeno que merece uma observação profunda. Por esse motivo realizaremos uma análise mais detalhada seguindo como proposta da Hermenêutica de Profundidade (HP) tal como alvitada por Thompson (2011). Considerando inclusive que Thompson (2011) apresenta um referencial teórico para fundamentar a HP, muito próximo ao que foi tratado neste, ou seja, um tratamento que observou a evolução da esfera pública, na sociedade em rede, de uma valoração das ideologias e por fim, a criação de um percurso metodológico para articular e melhor compreender um fenômeno comunicativo.

5. Metodologia: a Hermenêutica de profundidade

Para responder as perguntas de pesquisa da presente dissertação: o que motivou a mudança de formato no programa especial de 30 do Roda Viva? Quais as repercussões que essa mudança ocasionou nos espectadores? Decidimos adotar o método da Hermenêutica em Profundidade. A escolha da Hermenêutica em Profundidade (HP) de J. B. Thompson (2011) como Metodologia deu-se pela abertura de métodos que a proposta oferece, aplicável em pesquisas sociais, históricas e comunicacionais e, também, porque ela acredita no potencial de compreensão das estruturas das mensagens e dos meios. Na definição do próprio Thompson (2011), a HP aparece como um “referencial metodológico geral para a análise dos fenômenos culturais, isto é, para a análise das formas simbólicas em contextos estruturados” (THOMPSON, 2011, p. 33). A HP busca construir um referencial interpretativo, que reveste o fenômeno pesquisado por meio do seu contexto sócio histórico e espaço-temporal.

A proposta de Thompson é, portanto, compreender de que maneiras as formas simbólicas são produzidas, construídas e veiculadas na sociedade, sendo uma metodologia analítica e interpretativa, que parte de inferências racionais argumentativas para atingirmos o resultado, interesse da presente dissertação. Essa é a forma em que podemos realizar as análises discursivas dos significados nas mensagens jornalísticas, dando um caráter crítico à pesquisa.

Acreditamos que o programa Roda Viva 30 anos expressa uma tônica informal na qual os participantes puderam de forma livre construir questões e propor argumentos. Por isso, a HP se relaciona com o objetivo central da pesquisa que é compreender os fenômenos dos diversos tipos de influenciadores na sociedade em rede, assim sendo, nada melhor do que partirmos das opiniões destes mesmo para nos aprofundarmos no tema.

Para Thompson (2011) a abordagem dos fatos deve se assentar em um tripé: a) análise sócio histórica; b) análise formal ou discursiva; c) interpretação/reinterpretação. Explicaremos, a seguir, cada uma dessas etapas.

a) análise sócio histórica

Esta análise, para Thompson, implica em reconstituir o espaço-tempo em que as formas simbólicas a serem estudadas são produzidas e recebidas. Em resumo, para Thompson, as formas simbólicas se localizam em ambientes e são repassadas em meios específicos, o que configura um importante ponto descritivo e analítico. De certa forma acreditamos que os capítulos que antecedem na nossa dissertação realizaram em boa medida a contextualização sócio histórica do objeto de pesquisa.

b) análise formal ou discursiva;

No segundo nível, consideramos os campos de interação das formas simbólicas. Thompson constrói o argumento de que devemos ver o campo “como um espaço de posições e um conjunto de trajetórias, que conjuntamente determinam algumas relações entre as pessoas e algumas das oportunidades acessíveis a elas” (THOMPSON, 2011, p. 366). Ou seja, é o local em que se encontram as regras, as convenções e os recursos da vida cotidiana, e que atuam na produção e circulação das formas simbólicas. De acordo com Thompson (2011), o contexto e suas influências sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas são o fundamento da análise discursiva, com suas características estruturais, padrões e relações. É no discurso que vemos as diferentes “instâncias de comunicação correntemente presentes” (THOMPSON, 2011, p. 371). Nessa fase, partimos do pressuposto de que “os objetos e expressões que circulam nos campos sociais, através dos quais se dão as relações, são formas simbólicas, construções complexas que apresentam uma estrutura articulada”. É o momento formal da análise.

Para desenvolver esse nível optamos por realizar também elementos da Análise de Conversação. Devemos lembrar que este segundo nível oferece ao pesquisador liberdade para escolher o procedimento que considerem mais oportuno para desenvolver sua pesquisa. Assim, decidimos por boa parte destes dois: uma análise formal que considera diversos elementos e como dito uma Análise de Conversação.

A Análise de Conversação pretende destacar características sistemáticas, ou estruturas das interações linguísticas, ou seja, compreender as ordens que se dão nas conversas, criando referências padronizadas. (THOMPSON, 2011, p. 372) Para tanto serão consideradas as falas dos dois professores acadêmicos e uma comparação em suas estruturas frasais em sua participação do programa. Além disso, nesta etapa, teremos um levantamento quanto as tomadas de fala no programa, para tanto, observaremos os tempos utilizados por cada um desses, e quais as falas mais longas e as alternâncias em permitir que seus pares tenham espaço de fala.

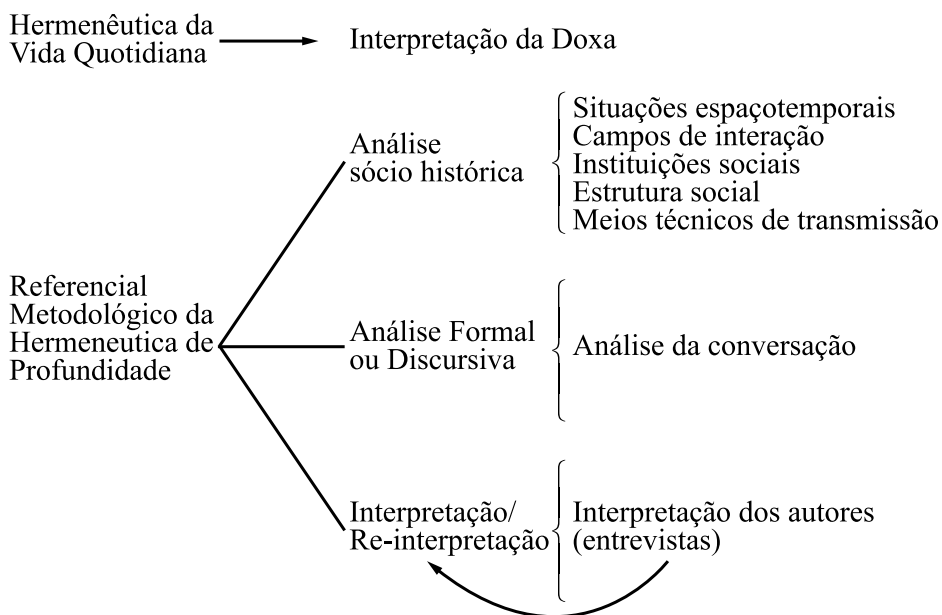
c) interpretação/reinterpretação;

Assim chegamos à terceira etapa da HP que é de reinterpretação e avaliação final dos dados feitos em função das análises desenvolvidas nas etapas anteriormente descritas. Nas palavras de Thompson, implica em um movimento de síntese, por uma construção criativa de possíveis significados (THOMPSON, 2011, p. 375). É um exercício de inferência racional do pesquisador, que dará a representação interpretativa sobre a complexidade social do objeto de estudo. A inferência que realizaremos será apresentada na conclusão do trabalho.

Ilustramos toda a forma de investigação proposta com a figura 1, abaixo.

Figura 1. Forma de investigação hermenêutica. Adaptado de Thompson (2011, p. 365)

Forma de investigação hermenêutica



5.1 Análise Formal

O percurso metodológico utilizado nesta sessão se deu a partir de uma leitura prévia inicial, que gerou duas entrevistas com dois envolvidos diretamente no episódio do programa (anexos 02 e 03) considerando seus apontamentos, além de avaliar e interpretar o desenvolvimento do programa. Todas as condições partem das situações espaço temporais centralizadas no dia 31 de outubro de 2016, quando o episódio do programa foi ao ar e avançam até as interações posteriores, principalmente nos comentários no Youtube e com as duas entrevistas a pouco citadas.

Desta forma serão considerados os meios técnicos de transmissão, sobretudo na transmissão televisiva, na transmissão no Youtube e algumas reverberações ainda no Youtube que geraram dados quantitativos a serem ponderados. Por fim, apresentaremos uma conclusão destes dados e quais as mudanças de perspectivas que aconteceram a partir da interpretação destes dados.

a) Fatores internos objetivos

Como já apresentado, no breve resumo da história da TV Cultura e da Fundação Padre Anchieta, em 06 de setembro de 2016 aconteceu uma greve que envolveu os jornalistas e radialistas, ocasionada pela constante redução de recursos repassados pelo governo estadual. Se considerarmos que o programa Roda Viva é produzido pela equipe de jornalismo, podemos

acreditar que o ambiente pudesse estar sensibilizado, claro que não propomos nenhuma falta de profissionalismo na condução do programa por conta disso, mas nesse ponto cabe a seguinte questão: *a fragilização da estrutura e dos recursos dispostos para a TV Cultura (principalmente, para a equipe jornalística) refletiu de alguma forma nas mudanças de formato deste episódio, ou na forma com que foi conduzido, ou mesmo nas falas dos participantes?*

Outra pressuposição crítica sobre a composição da bancada do especial de 30 anos surge a partir do depoimento de Augusto Nunes, em relação aos motivos que o fizeram não renovar seu contrato e assim, deixar o programa em 26 de março de 2018 (vide [anexo 04](#)). Segundo ele, havia uma pressão externa da produção do programa para indicar a composição da bancada de entrevistadores, essa pressão se dava, em suas palavras, pelo conselho da TV Cultura, o que poderia ser entendido como uma forma de pressão externa, representada pelos membros do conselho (influenciadores sócio-políticos).

O episódio especial de 30 anos, de acordo com a entrevista prestada pela produtora do programa Rachel V. Belo ([anexo 02](#), 00H:01m:25s) foi fruto de um processo de uma pauta colaborativa, entre a produção do programa e a equipe de novas mídias. A intermediação para escolha e convite dos Youtubers que compuseram a bancada foi feita por estes setores da TV Cultura. Assim, podemos observar que o programa especial de 30 anos, tinha a pretensão de ser um programa mais moderno e de fácil interpretação. Portanto, a interferência da bancada nesse caso não indica um problema político interno, e não parece ter gerado maiores problemas internos. Até porque, como dito na entrevista de Belo ([anexo 02](#), 00H:09m:23s), a equipe do departamento de novas mídias tem mais contato com influenciadores digitais do que a equipe de produção no geral. Assim sendo, essa interferência na definição dos convidados da bancada ao que tudo indica, se deu mais por uma relação de redes de contato (*network*) do que imposição hierárquica ou política.

b) Fatores internos subjetivos

O programa Roda Viva, já contou com mais de 13 mediadores oficiais, além de outros que assumiram a posição em caráter excepcional, como no exemplo citado aqui de Willian Corrêa, que apresentou o especial de 30 anos.

Mas, analisando a relação do perfil de mediador que foi escolhido para este episódio de 30 anos, nota-se que de forma geral o mediador oficial daquele período, Augusto Nunes, enquanto jornalista e comunicador, tem uma postura firme em sua fala: sua oratória pode ser interpretada como demasiadamente objetiva e marcada por seriedade e sobriedade. Além disso,

sua carreira passa principalmente pelos meios de comunicação tradicionais, o que expressa uma maior cautela em migrar para plataformas mais inovadoras.

Em comparação a ele, o então diretor de jornalismo da TV Cultura naquele período, Willian Correa, parece ter trabalhado sua construção de imagem social pessoal como um jornalista mais “simpático”, principalmente mais ligado ao digital. Correa também protagonizou projetos ligados a novas mídias, como por exemplo, o programa “Giro com William Corrêa”, que foi uma web série com mais de 60 episódios, transmitida no canal TV Cultura Digital no Youtube, um programa de entrevistas que aconteciam dentro de um carro em trânsito, numa conversa com estética e clima informal.

Esse tipo de projeto pode ser entendido como um argumento que justifica Willian Corrêa se dispor a ser mediador de um programa que recebe web celebridades e pretendia ter uma tônica mais jovial. É claro que não queremos aqui atribuir valores pejorativos ou não, a um ou outro, mas é notável por exemplo, um constante sorriso de Corrêa durante suas falas na apresentação do programa especial do Roda Viva 30 anos, o que embora possa ser puramente uma característica pessoal, pode também indicar satisfação em estar apresentando um episódio tão representativo, mas essa postura de Corrêa mais aberta a inovação, mostra um interesse em ir num sentido de influenciador digital.

Baseado nessas ponderações surge o segundo questionamento: *Augusto Nunes, por sua postura como jornalista mais “formal”, representaria uma forma de jornalismo e mídia tradicional, que não corresponderia plenamente com o objetivo do programa notadamente mais direcionado a um público mais jovem? Ou a troca de mediador seria uma casualidade?*

Afim de auxiliar nesses esclarecimentos, retomamos o detalhe do episódio do Roda Viva de 14 de novembro de 2016 com Michel Temer, já tratado anteriormente. Este é relevante, pois tinham tanto Augusto Nunes, quanto Willian Corrêa no mesmo programa, porém, Nunes estava na condição de mediador, e Corrêa como entrevistador da bancada. Também é relevante notar que este episódio em questão aconteceu a menos de um mês depois do especial de 30 anos, objeto centro desta pesquisa. O que podemos extrair disso é que, Nunes enquanto apresentador oficial cumpriu seu papel em um programa com alto valor histórico, por ser uma entrevista com um presidente em exercício. Este episódio externo de entrevista a um presidente também é importante, porque nele muito foi falado sobre o fato do programa Roda Viva estar comemorando 30 anos, o que em certa medida daria a entender que esse também era um programa especial de 30 anos, quando na verdade o programa comemorativo já havia sido transmitido e não era este que entrevistou o presidente, mas sim o que tratamos como objeto central nesta pesquisa.

Outro episódio que pode acrescentar na busca de respostas quanto às questões acima, é o do dia 26 de junho de 2017, que recebeu Rolando Boldrin. Este episódio teve como apresentador Willian Corrêa, que fez questão de ainda na abertura do programa agradecer a Augusto Nunes por ter cedido seu espaço de apresentador oficial, fala que Correa também diz no programa especial de 30 anos. (vide anexo 01, 00H:03m:23s) De forma geral, este segundo episódio apresentado por Correa, reforça a ideia de que a troca de apresentador para o episódio especial de 30 anos, foi um acordo interno amigável, que não gerou conflitos. Assim sendo, acreditamos que foi uma questão de escolha de perfil para o programa, somado a uma aceitação de Augusto Nunes em ceder o espaço sem maiores transtornos.

Ainda dentro desta questão de substituições no programa especial de 30 anos, merece um comentário também o fato de que Paulo Caruso, cartunista oficial do programa ter sido substituído por Carlos Ruas neste episódio. Não encontramos (até a escrita deste) nenhum registro de outro cartunista que tenha substituído Caruso, mesmo havendo programas que não contaram com a participação dele. Assim sendo, o especial de 30 anos foi talvez o único que recebeu outro cartunista em seu lugar. Portanto, embora a substituição de Caruso pareça bem mais rara, para esta pesquisa não notamos isso como um agravante de mal-estar interno, nem mesmo que disto possamos extrair algum dado mais relevante para nossa análise, até porque após o episódio em questão, não houve outra substituição de Caruso em se manter como cartunista oficial até a escrita deste.

c) Outras análises específicas sobre o formato deste episódio

Um fato importante a ser considerado em relação à montagem deste episódio especial, é que de acordo com o depoimento da produtora Rachel V. Belo, a bancada foi convidada antes mesmo do centro. A produção do programa queria receber os influenciadores digitais e precisava de alguém para se adequar a bancada, numa inversão do processo de composição dos convidados. Ainda de acordo com o depoimento de Belo (vide anexo 02), a produção quis deixar dois convidados para não ficar um programa marcado por uma personalidade. Assim, de certa forma, não importava quem estaria ao centro do programa, desde que soubesse responder de forma enriquecedora as perguntas feitas pelos influenciadores digitais. Para tanto, como já apontado, os professores Karnal e Pondé têm carreiras acadêmicas consolidadas, conhecem em boa medida essa geração, até porque ainda ministrarem aulas em universidades o que facilitaria a fluidez desse tipo de conversa. Com isso, a preocupação da equipe, de acordo com o depoimento de Luiz F. Pondé (vide anexo 03) é que os professores não ficassem irritados caso

recebessem perguntas banais ou superficiais, e que mesmo que recebessem esse tipo de pergunta, tentassem extrair um boa profundidade intelectual.

Em relação a essa preocupação da produção quanto ao nível intelectual que seria expresso, porquanto Youtubers não terem necessariamente compromisso com a erudição em suas publicações rotineiras, porém o resultado foi satisfatório conforme constatado na opinião de Rachel V. Belo que disse:

[...] acho que quebrou um pouco de paradigmas, foi uma das coisas que eu lembro de ter pensado enquanto nós estávamos fazendo o programa. Eu acho que muita gente talvez achou que eles iam se sentir intimidados, ou que eles não iam estar à “altura”, e para mim, na minha opinião, pessoalmente, eu acho que pelo que a gente conversou aqui, quebrou essa ideia, [...], tivemos perguntas muito legais mesmo. Anexo 02, 00H:12m:18s

Em acordo, a opinião de Luiz F. Pondé acredita “que ficou melhor do que a produção previa, o nível ficou melhor.” (anexo 03, 00H:01m:19s). Mas, ao mesmo tempo, Pondé reconhece que em alguns momentos surgiram perguntas supérfluas, o que foi contornado com naturalidade.

Outro ponto muito importante já citado, é a continuidade do programa na web. Estes 30 minutos que foram transmitidos para o Youtube, podem ter sido uma estratégia de captar audiência para a mídia alternativa, no caso o canal do Youtube da TV Cultura, pois como sabemos nas pesquisas de marketing digital, o primeiro acesso é o mais difícil. Assim sendo, após o telespectador que assistia a transmissão pela televisão ficar entusiasmado para continuar assistindo, ele teria que ir até a plataforma, e seria exposto a outros diversos conteúdos e programas dentro do Youtube.

Esta proposta de meia hora só para o Youtube, também pode ser entendida de forma ainda mais subjetiva, como uma transição de “habitat” no qual os influenciadores estariam mais à vontade, sabendo que a partir dali não estariam mais em rede nacional numa transmissão em mídia tradicional, mas sim, no mesmo espaço que eles se publicam cotidianamente. Essa segunda interpretação fica ainda mais justificada por conta de que a partir da transmissão exclusiva para a web foram abertas as questões para todos os presentes. Com isso esses últimos 30 minutos foram usados para que os influenciadores também respondessem perguntas, principalmente de quem interagia pela internet nas redes sociais. Essa virada, na qual a bancada recebe perguntas, aconteceu em raros momentos durante a história do programa, principalmente em duas situações: nos programas temáticos no qual todos fazem perguntas a todos, mas como já dito, programas temáticos não tinham um convidado, ou convidados centrais, mais sim um tema; ou, já nos programas com convidado(s) central(is) isso também aconteceu quando o

entrevistado devolveu a pergunta ao entrevistador, ou perguntou ao questionador como resposta a uma provocação. Estas duas situações se diferem da ocorrida no formato do episódio que tratamos aqui, porquanto foi proposto pela produção do programa que a bancada respondesse, ou seja, durante os últimos 30 minutos o programa se tornou um grande parlatório, incluindo até mesmo os que interagiam com perguntas pelas redes sociais digitais, algo exclusivo até então no programa Roda Viva.

d) Dados quantitativos relevantes

Ainda sobre os influenciadores digitais que foram convidados, um questionamento é o quanto eles deram importância para as suas participações no programa, e o quão relevante a participação no programa se fez para suas carreiras tanto para impulsionar sua imagem pública, como para aumentar sua rede de seguidores. A Tabela 01, organiza números de audiência dos seis Youtubers que participaram do programa e do canal oficial do programa Roda Viva no Youtube.

Tabela 01 - Números de audiência no Youtube dos canais participantes do programa Roda Viva 30 anos.

Influenciador(es)	Canal no Youtube	Total Subs¹ 30/10/16	Total Subs¹ 31/10/16	Total Subs¹ 01/11/16	Total views² 30/10/16	Total views² 31/10/16	Total views² 01/11/16	Vídeo sobre participação
Bruno Rocha	Hugo Gloss	103.08K	103.39K	103.76K	2.05M	2.05M	2.07M	Não
PC Siqueira	Mas Poxa Vida	2.17M	2.17M	2.17M	220.34M	220.38M	220.60M	Sim
Dani Noce e Paulo Cuenca	Danielle Noce	1.24M	1.24M	1.25M	113.34M	113.64M	114.38M	Não
Taty Ferreira	Acidez Feminina	1.13M	1.13M	1.13M	126.72M	126.79M	126.91M	Não
Cauê Moura	Desce a Letra	4.70M	4.70M	4.70M	426.37M	426.60M	426.96M	Não
Carlos Ruas	Um Sábado Qualquer	185.83K	185.95K	186.08K	10.34M	10.35M	10.36M	Não
Roda Viva	Canal oficial Roda Viva	221.48K	231.9K	236.52K	11.86M	11.89M	12.06M	-

Fonte: socialblade.com

Legenda: ¹ Subs = Subscribers (Inscrições); ² Views = visualizações (impressões)

Ao observarmos a tabela 01, notamos que o canal com mais audiência no período era o canal “Desce a Letra” de Cauê Moura, o qual tinha 4.7 milhões de inscritos. Além disso, também era o canal com mais visualizações, somando mais de 426 milhões. Este canal

continuou num crescente, ao ponto de no dia 17 de junho de 2017 atingir a marca de mais de meio bilhão de visualizações (*views*)⁵⁴.

Até mesmo o canal com menor índice de audiência “Hugo Gloss” de Bruno Rocha, no dia de transmissão do programa contava 2.05 milhões de visualizações, que pode ser considerado um número representativo de audiência, mesmo Bruno Rocha trabalhando suas redes principalmente em outros canais além do Youtube.

A tabela 01, foi formulada também para sanar a dúvida, se após o programa houve um pico de crescimento para um dos canais, ou seja, a partir da exposição na televisão num programa de alta respeitabilidade, usuários do Youtube se interessariam de imediato por conteúdo de um/uns dos Youtubers que ali estavam.

O que constatamos é que a maioria dos canais dos Youtubers não tiveram o pico de audiência proposto. Mas entre os que tiveram um pico de audiência após o programa, citamos o canal de Dani Noce e Paulo Cuenca, “Danielle Noce”, que vinha numa constante soma de 300 mil visualizações diárias, e após o dia do programa, recebeu um pico de 740 mil visualizações no dia 01 de novembro de 2016. Porém, a maior discrepância proporcional de crescimento foi justamente para o canal oficial do programa, que tinha uma soma média de 30 mil visualizações por dia, e para a data deste episódio somou 170 mil.

Na tabela 01, consta também uma coluna a qual trata sobre se o Youtuber fez menção a sua participação no programa em algum vídeo posterior (Vídeo sobre participação)⁵⁵, de forma geral (exceto uma breve menção de PC Siqueira), não houve um alarde em falar sobre como foi sua participação no programa. Portanto, a partir destes números, é possível acreditar primeiro que há uma diferença nos públicos de audiência, e depois que não houve uma migração considerável, gerando um aumento exponencial de audiência na internet para os Youtubers em seus canais de imediato à transmissão do programa. De certa forma, nem mesmo eles exploraram sua participação a fundo, ou ainda, numa interpretação mais exagerada: eles não valorizaram (ou se deram conta) de quão notável é a participação em um programa neste nível, ou se deram conta, não fizeram questão de externar isso numa publicação na sua principal plataforma de trabalho.

Em busca de uma avaliação social ampla dos participantes, mencionamos aqui um indício que pode trazer dados interessantes e podem esclarecer qual foi o desempenho na

⁵⁴ Fonte: SocialBlade, canal Cauê Moura. Disponível em: <<https://socialblade.com/youtube/user/descealetra/monthly>>. Acesso em 08 jan. 2019.

⁵⁵ Esse dado foi levantado a partir de uma pesquisa dentro de cada canal em questão, sobre os termos “Roda Viva”. É comum termos chave serem marcado na publicação do vídeo, o que demonstra que em algum momento o Youtuber fala sobre aquele termo, como no caso do vídeo de PC Siqueira <<https://youtu.be/6whx-WcuzyA?t=11>>

participação dos Youtubers, especialmente pela visão dos internautas que assistiram o episódio especial no Youtube.

No momento de escrita deste, o vídeo do especial 30 anos no Youtube⁵⁶, soma mais de três mil comentários. É interessante notar que o Youtube logo abaixo de seus vídeos, dispõe de um recurso de classificação de comentários, no qual se pode ordenar entre ver os “principais comentários” ou “mais recentes primeiro”. Quando se escolhe pelos principais, são destacados os comentários com grande aceitação social, isto é, os que receberam muitos cliques no “gostei”, desta forma, estes comentários representam a ideia com mais aceitação por quem passou por aquela tela e leu os comentários, embora não fiquem dispostos em ordem decrescente como organizados na figura 02. Por estes motivos, acreditamos que os comentários se tornam relevantes.

A figura 02, apresenta os principais comentários no momento de escrita deste. E os dados apresentados aqui, são um retrato muito específico de momento histórico de acesso, sendo que esses números permanecem em mudança por conta do vídeo continuar acessível, isso também significa que o espaço de comentário é em certa medida democrático, pois basta o internauta acessar o Youtube, tendo feito *login* com sua conta cadastrada no Google, e pode fazer comentários livremente.

O comentário com mais “gostei” (977), menciona uma crítica à produção do programa não ter convidado um Youtuber chamado Paulo Miranda Nascimento (Pirula), que tem um canal que trata de assuntos diversos e com um respaldo científico, uma vez que Pirula é biólogo e possui o título de doutor em zoologia. De certa forma, se um convidado da bancada fosse reconhecido como um influenciador digital que também tem autoridade para ser reconhecido como um influenciador sócio-político, ele poderia sobressair entre os demais, o que parece não ter sido o objetivo da produção do programa.

Já o segundo com mais “gostei” (762), é um comentário contraditório, que insinua que os comentários que ali estão foram escritos por idiotas. Por fim, o terceiro com mais “gostei” (644), faz menção a outro Youtuber chamado Nando Noura, que também é um canal que trata de assuntos intelectuais, embora suas interpretações sejam para muitos interpretadas como intransigentes.

Com isso, podemos notar que se dependesse da curadoria dos consumidores do Youtube, os convidados seriam diferentes, embora, mesmo nos comentários do vídeo não aja

⁵⁶ Vídeo do episódio Especial de 30 anos do Roda Viva no Youtube. Disponível em: <<https://youtu.be/rivj8gpeAFU>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

um consenso de quem seriam substituídos e por quem seriam substituídos. Por via de regra, é notável que a maior parte dos comentários são críticas vagas. Alguns comentários mais originais, apresentam alguma fala ou momento que lhe chamou a atenção, como por exemplo, o trocadilho de chamar os professores de “mentes brilhantes”.

Figura 2. Principais comentários do vídeo do programa especial 30 anos no Youtube.



The image shows a list of seven YouTube comments. Each comment includes a profile picture, the user's name, the time since posted, the text of the comment, and interaction icons for likes, dislikes, and replies. The comments are as follows:

- luri Nogueira** 2 anos atrás: Vou deixar meus pêsames pelo Pirula não ter tido oportunidade de participar, no mais, belo programa. (977 likes, 84 replies)
- thor** 2 anos atrás: "A internet deu voz a todos inclusive aos idiotas" a maioria dos comentarios aqui prova isso. (762 likes, 12 replies)
- Bruno Flamini** 2 anos atrás: os fãs do nando moura parecem aqueles fãs de youtuber teen, já vieram dar hate no video (644 likes, 35 replies)
- Gilmar Bernardo** 2 anos atrás: Tanta pergunta inútil... O desperdício foi enorme... (503 likes, 32 replies)
- Janaina Gomes** 2 anos atrás: Esses "influenciadores digitais" foram muito fracos como entrevistadores. É brutal a distância intelectual entre os convidados do centro da Roda em relação aos youtubers. Poderiam ter escolhido pessoas com mais bagagem cognitiva. (462 likes, 23 replies)
- Wellington Mattos Oficial** 11 meses atrás: Se eles são de esquerda ou de direita, pouco me importa! Eu assisto para aprender alguma coisa. Pelo prazer de ter mais conhecimento! É inacreditável saber que tudo isso é de graça e tem pessoas aqui perdendo tempo criticando, ao invés de agradecer pelas informações. (469 likes, 20 replies)
- Diego Marks** 2 anos atrás: Ver a galera pedindo o Nando Moura num programa desse nível é hilário. (374 likes, 61 replies)

Fonte: Youtube, <https://www.youtube.com/watch?v=rivj8gpeAFU&t=241s>

Como nota adicional de avaliação das audiências e suas formas, também é interessante citar que a produção e publicação de conteúdos no Youtube é um tipo de “ativo” de audiência (dependendo da temática), ou seja, alguns temas podem gerar audiência mesmo sem produção contínua, desde que isso gere interesse no público em geral a qualquer momento. O que queremos dizer, é que um vídeo postado pode continuar gerando audiência por muitos anos. Isso, fica evidente quando notamos as linhas dos gráficos de análise dos canais, que são quase

sempre crescentes. Normalmente linhas decrescentes tratam de assuntos com vida útil curta, como por exemplo, um review de um celular. Enquanto esse vídeo tiver de interesse ou valor social e a tecnologia daquele celular for relevante, ele continuará numa crescente audiência, no momento que sua tecnologia se torna defasada, o declínio de audiência é uma consequência inevitável. Logo, dificilmente alguém terá interesse em assistir (salvo por curiosidade ou pelo valor histórico) um vídeo explicativo de um celular lançado há mais de 5 anos por exemplo. O que reforça o que tratamos antes nas características necessárias para sucesso de um influenciador digital, neste caso estamos falando de: constância em publicações e atualizações de conteúdo.

Ainda dentro desta lógica, muito do sucesso de audiência destes canais, se dá pelo valor enquanto produto de entretenimento, ou serviço de transmissão de informação útil e temática de validade longa (no sentido de interessar a um público geral por muito tempo). Assim, por exemplo, se passarão décadas, e ainda assim as pessoas irão querer fazer sobremesas assistindo um vídeo do canal “Danielle Noce”, o que reforça a ideia de um produto ativo de audiência.

Essas características se diferem da televisão tradicional que explora a audiência no momento de transmissão e muitas vezes se limita a isso. O que acreditamos não ser o caso da TV Cultura no episódio especial de 30 anos, que entendeu todo este fenômeno e tenta explorar um canal alternativo no Youtube que conversa com o programa da televisão.

O programa de comemoração dos 30 anos pode ser dividido em seis partes: abertura, quatro blocos e um quinto (e último) bloco transmitido pelo Youtube.

Na abertura, a narradora fala sobre este ser um programa comemorativo, e diz que o tema será “Dilemas Contemporâneos”, colocando uma série de questões a partir deste tema central. Após isso, ela parte para as apresentações, primeiro dos professores que irão responder e depois dos influenciadores digitais. Assim, aos 00H:02m:23s, Willian Corrêa toma a palavra e repete as informações da narradora, refazendo também a apresentação dos participantes, com o acréscimo de que já são mostrados os participantes dentro do espaço do estúdio.

De forma geral, a abertura segue uma estrutura diferente da convencionada nos demais episódios que apresentam somente um breve retrospecto dos convidados centrais, podemos inclusive dizer que os convidados centrais são menos mencionados na abertura que os convidados da bancada, reforçando a proposta de que os influenciadores digitais seriam tão (ou mais) relevantes quanto os convidados centrais. Considerando que o foco do programa são os questionamentos, as análises seguirão a partir do primeiro bloco, que se inicia com a primeira pergunta de Willian Corrêa (aos 00H:03m:49s).

Durante o programa foram postas trinta e oito questões,⁵⁷ e as respostas para estas questões foram em alguns casos, concebidas por mais de um participante, principalmente para obter respostas de diferentes visões para uma mesma questão e assim, enriquecer o debate.

Somamos aqui dez participantes ativos, que categorizaremos como: o apresentador/mediador, dois convidados centrais, seis influenciadores digitais na bancada e o internauta (que será tratado de forma ampla para representar a participação dos que contribuíram com perguntas enviadas pela internet e foram postas pelo mediador).

Antes de entrarmos a fundo nas análises dos participantes ativos, houveram também dois participantes passivos, são eles: os *tuites*, que apareciam por escrito durante a transmissão, que somaram um total de 43 mensagens; e os cartoons, feitos por Carlos Ruas que somaram 10 ilustrações apresentadas em tempo real. As participações passivas não interferiram diretamente no percurso do programa, sendo que serviram como adendo para os que assistiam e ressaltando detalhes implícitos ou explícitos.

Numa breve observação sobre as participações passivas, notamos que os *tuites* que apareceram nos primeiros blocos objetivavam chamar outras pessoas a assistirem o programa, o que indicaria uma migração da web para a televisão. Também nos primeiros blocos apareceram *tuites* que elogiavam a TV Cultura, e a produção do programa; já as mensagens dos últimos blocos televisivos (terceiro e quarto), ressaltavam que o programa iria continuar no Youtube, ou seja, eram mensagens de telespectadores que pretendiam continuar assistindo em outra plataforma. Não obstante, por se tratarem de mensagens que passam por uma curadoria da produção do programa, evidentemente, não constavam mensagens críticas, já as questões enviadas por lá como já dito, serão tratadas na análise a seguir.

Ainda na observação da participação passiva, agora dos cartoons de Carlos Ruas, notamos que as insinuações começaram com uma brincadeira a partir do termo “mentes brilhantes” que foi repetido pelo apresentador William Corrêa no tratamento aos dois professores que eram carecas, como um trocadilho de humor. Ruas em sua primeira ilustração utilizou de uma frase popular “é dos carecas que elas gostam mais”, para também satirizar estas características estéticas dos convidados centrais. A segunda e a terceira ilustração brincavam com os conflitos de gerações e suas relações com a tecnologia, trazendo inclusive para uma questão de credence. Essa questão religiosa ou não religiosa, marcou outras diversas ilustrações, que ironizavam o fato de os professores serem ateus e haverem outros diversos participantes do programa ateus (principalmente na oitava charge apresentada). Destacamos aqui, a nona

⁵⁷ A contagem de questões foi feita a partir dos momentos que o participante tem a palavra e a usa continuamente, assim, questão rápidas, ou acréscimos a uma mesma questão não entram na contagem.

ilustração apresentada, que brinca com a relação polarizada “direita e esquerda”, na qual os dois professores são representados dentro de um carro, no qual Leandro Karnal pede para o Luiz F. Pondé “virar à esquerda e ele se recusa” (vide [anexo 01](#)) assim, essa penúltima charge expõe o conhecimento que Carlos Ruas tem dos dois professores que têm visões políticas diferentes.

Retornando à análise prévia dos participantes ativos, apresentamos a tabela 02, que sintetiza dados dando um panorama de como o episódio aconteceu. Os nomes dos participantes seguem o tratamento que receberam durante o programa. Sabemos por exemplo, que Hugo Gloss é o nome artístico de Bruno Rocha, mas o mencionaremos como chamado no programa.

Observando a tabela 02, a primeira constatação que podemos fazer é o alto índice de interatividade que o programa apresentou, pois, o maior questionador foi justamente o internauta, ou seja, foi dado aos que participavam através das redes sociais digitais, principalmente pelo Twitter, mais espaço de questionamento do que aos presentes. Porém, a soma do tempo utilizado para as dez questões que foram postas pela web, foi o menor (2 minutos e 31 segundos), ou seja, as questões da web eram curtas, talvez pelo fato de que naquele período o Twitter possibilitava publicações com apenas 140 caracteres, sendo que na data de escrita deste são 280 caracteres.

Tabela 02 - Resumo dos tempos de fala dos participantes do episódio especial do Roda Viva.

Participante	Tempo total de palavra ¹	Questão	Resposta
Willian Corrêa ²	00:03:29	9	0
Luiz F. Pondé	00:42:51	0	20
Leandro Karnal	00:28:01	0	20
Dani Noce	00:02:59	3	1
Paulo Cuenca	00:03:54	3	3
Hugo Gloss	00:04:28	5	1
PC Siqueira	00:04:10	2	2
Taty Ferreira	00:02:37	3	2
Cauê Moura	00:03:32	3	2
Internauta	00:02:31	10	0

¹ Foram desconsiderados interrupções rápidas (comentários entre as questões com menos de dois segundos), também foram desconsiderados os momentos de descontração, que não fazem parte de uma questão ou resposta.

² A contagem de tempo aqui para Willian Corrêa, se refere somente aos momentos em que o apresentador toma a palavra para fazer uma questão, foram desconsiderados os momentos de abertura inicial e aberturas de blocos.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Anexo 01.

Ainda observando a tabela 02, notamos que sem dúvida o papel dos professores acadêmicos foi de responder aos questionamentos. Mesmo no quinto bloco que havia uma abertura de questões de todos para todos, não houve uma ação por parte destes em fazer questionamentos.

Em relação ao tempo de fala utilizado pelos influenciadores digitais, podemos dizer que não houve uma grande discrepância, ou seja, todos tiveram espaço de fala similar, e aos que o utilizaram menos, como por exemplo, Tati Ferreira, isso parece ter se dado pela sua característica retórica (ou talvez até por timidez) em fazer questões mais curtas e apresentar respostas objetivas, sendo que não houve constante necessidade do apresentador interromper os participantes para que o fluxo de questões girasse. Salvo aos 00H:24m:46s, momento no qual William Correa orienta PC Siqueira quanto a necessidade de que as perguntas “girem”, mas no geral, não foi um momento de tensão no programa, ou transpareceu uma resposta a uma provocação, simplesmente uma retomada para seguir o formato do programa, recebida de forma respeitosa por todas as partes.

Quanto as falas dos influenciadores sócio políticos (os professores acadêmicos) que estavam ao centro, estes também tiveram espaços iguais de resposta, sendo que cada um deles teve a possibilidade de responder vinte vezes. Já em relação ao tempo de fala, houve uma diferença considerável, pois Luiz F. Pondé falou 14 minutos e 50 segundos a mais que Leandro Karnal, o que para o tempo da televisão é uma diferença grande. Também foi Pondé que teve o maior tempo contínuo de fala em todo programa, para responder a terceira questão (ao minuto 00H:10m:32s) utilizou cerca de 4 minutos e 33 segundos.

A forma como os questionadores (influenciadores digitais) tinha liberdade de escolher qual professor iria responder sua questão, tendia a manter a palavra por mais tempo com um único professor, o que foi equilibrado e corrigido pelo apresentador que transferia a questão e a palavra também para o outro professor que não tinha recebido a questão no primeiro momento.

De modo geral, por terem somente o último bloco – o que foi transmitido pelo Youtube – para responderem perguntas, podemos dizer que os influenciadores digitais questionaram mais do que responderam, embora olhando os números gerais de quantidade de questões e respostas isso não fique evidente em alguns participantes; como dito, todas as respostas apresentadas por eles foram postas no último bloco, assim, as respostas foram rápidas e o trânsito de quem tinha a palavra foi muito mais dinâmico do que os quatro blocos anteriores, mais próximo de um debate informal do que uma entrevista formal, como havia sendo feito.

5.2 Análise de conversação

Acreditamos que há características sistemáticas nas interações linguísticas que ocorreram durante este episódio do programa, portanto, a análise de conversação irá tratar destas “ordens” e rotinas que aconteceram durante as falas. (THOMPSON, 2011, p. 372)

A primeira análise neste ponto é sobre o direcionamento em relação as vertentes que se apresentaram a partir da temática central “Dilemas Contemporâneos”. Como mostrado antes, a publicação do *release* no site da TV Cultura, se deu em 28 de outubro de 2016, três dias antes da transmissão ao vivo do episódio especial de 30 anos. Entre estas vertentes, foram destacadas três ramificações do tema: As Redes Sociais e o Poder do Eu, A Busca pela Felicidade e a Certeza da Infelicidade e A Mediocridade e as Angústias da Vida. Ao que tudo indica, a produção orientou os influenciadores a criarem questões dentro destas três linhas, tanto que Danielle Noce lê sua primeira pergunta, o que demonstra uma preparação prévia para o programa (aos 00H:06m:37s).

Em sua maioria, as questões postas neste episódio tratam das relações humanas mediadas pelas últimas tecnologias, sobretudo pelas redes sociais digitais. Assim, sendo códigos interpretativos implícitos como por exemplo, saber que quando alguém mencionava “uma página”, significa uma página de um site da web e não de um livro, ou também que dizer “redes sociais” no contexto de uma conversa com influenciadores digitais, significa redes sociais digitais, e não redes sociais gerais/não digitais. Outras chaves interpretativas como estar conectado a internet (online) ou não (offline), além de que o uso do termo “rede”, que ganha um significado quase como um sinônimo de “internet”, porquanto não é clara a noção de que haja diversos tipos de rede, e logo, não há uma necessidade de se dizer numa conversa, de qual tipo de rede se está a falar.

Com isso, grande parte das questões foram apresentadas sem necessidade de uma contextualização tecnológica, considerando que todos participantes tinham o mínimo conhecimento e o contato com as tecnologias que ali estavam sendo discutidas.

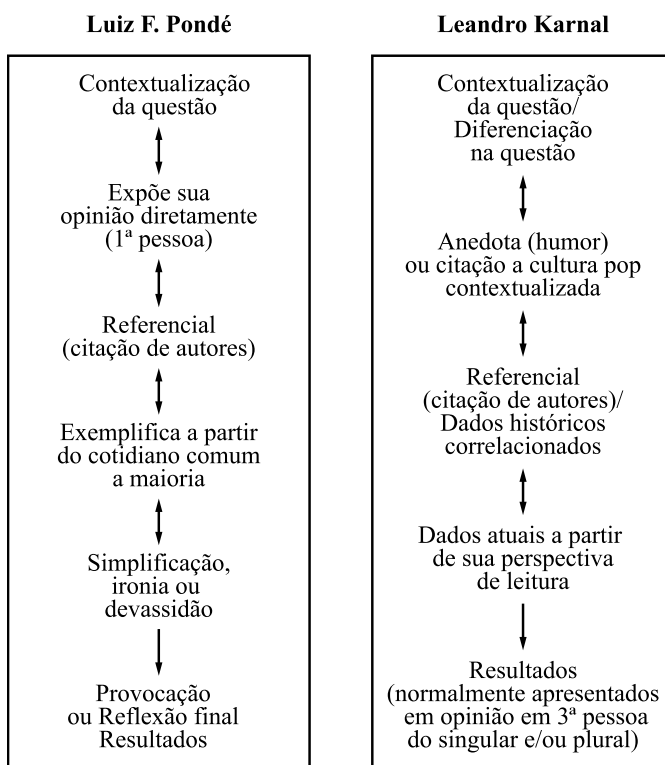
Por outro lado, houveram outras falas que tratavam das contextualizações de repertório, e que foram rapidamente compreendidas mutuamente nos diálogos. Ficou marcada, na discussão que tinha como temática a relação entre o mundo real ou experiência real, que se opunham ao mundo virtual ou experiência virtual. Nesta parte do programa, a referência citada por Leandro Karnal ao detalhe de um extinto programa televisivo chamado “Ilha da fantasia”, o qual foi produzido até o ano de 1984, ano que talvez alguns dos influenciadores digitais ali presentes, não tinham nascido ainda (00H:32m:03s, [anexo 01](#)). Em oposição, ou como adaptação dentro de seu repertório Hugo Gloss, cita um seriado *Westworld* (aos 00H:58m:14s, [anexo 01](#)) que também trata de experiências virtuais que se opõem ao mundo real ou experiências reais.

Portanto, em relação às questões apresentadas, não houve dificuldades para que estas fossem compreendidas pelos professores. Com isso, podemos partir para a análise específica das estruturas de respostas apresentadas.

Considerando que cada professor teve a oportunidade de responder vinte questões, as quantidades de formas e elementos estruturantes dos discursos de resposta são exorbitantes, ainda assim, a Figura 03 pretende destacar algumas características de elementos gerais que se repetiram durante este episódio do programa.

Em relação às similaridades entre eles, evidentemente, por se tratar de um programa de entrevista, a maioria das respostas parte de uma contextualização da questão antes de entrar propriamente nas inferências pessoais. Em alguns casos parte de uma diferenciação na estrutura ou nas afirmações sobre as quais a questão se fundamenta. Como exemplo, podemos citar a questão 2, apresentada por Dani Noce, afirmando que Leandro Karnal disse que “a democracia é a forma mais perfeita de ditadura”. (Anexo 01, ao 00H:06m:37s), assim, a resposta de Karnal parte de uma correção da afirmação, sendo que sua afirmação na verdade foi que “a democracia pode ser uma forma perfeita de ditadura.” (Anexo 01, ao 00H:07m:37s)

Figura 3. Elementos estruturantes de respostas (não sequencial)



Afim de explorar a proposta que a Figura 03 apresenta, faremos duas análises de conversação mais aprofundadas. A primeira análise será a partir de respostas sobre a mesma

pergunta, neste caso a questão 04 que foi posta por Hugo Gloss (Anexo 01, 00H:15m:08s até 00H:19m:44s). Nesta análise pretendemos também evidenciar o estilo de cada orador e como articula elementos.

A questão 4, procura entender por quê atrocidades são publicadas nas redes sociais digitais, e porque as pessoas estão publicando tal conteúdo.

Luiz F. Pondé, na abertura da sua resposta "*Exemplifica a partir do cotidiano comum a maioria*", ou seja, qualquer um pode passar em frente a um prédio no qual aja alguém que pretende se jogar dele. Depois disso ele faz uma "*Contextualização da questão*", indicando que historicamente faz muito tempo a humanidade usa as tragédias como entretenimento, neste ponto ele faz uma brincadeira com a linguagem popular (as crianças, assistem) para reforçar como o interesse pelas atrocidades era atrativo aos cidadãos mais populares e fazer uma projeção linguística de como seriam tratados na linguagem popular tais eventos nos dias atuais. Depois disso, Pondé "*Expõe sua opinião diretamente (1ª pessoa)*", pois transparece incerteza quando diz "eu tenho a impressão", e depois diz "eu acho", suas colocações fazem referência a sua interpretação de características da humanidade, porém, não são citados dados objetivos, ou seja, nesta parte se trata de sua opinião (doxa).

Após isso, usa da "*Simplificação, ironia ou devassidão*", quando fala de "fofoca, [...] quem está transando com quem, quem traiu o marido de quem" (Anexo 01, 00H:17m:28s); estes elementos também simbolizam relações cotidianas da humanidade contemporânea e são relacionados com a questão para tratar da dramaticidade e ao mesmo tempo como isso entretêm as pessoas. Por fim, propõe "*Provocação ou Reflexão final/Resultados*", quando diz: "Por isso não acho que as mídias sociais são culpadas disso daí" (Anexo 01, 00H:17m:43s). Esta fala representa uma relação de causa e efeito, ou seja, dos resultados, enquanto provoca o ouvinte e se questionar e refletir sobre se realmente as mídias sociais têm culpa dos seres humanos a usarem da forma que a usam.

Antes de Leandro Karnal responder a esta mesma questão, ele é provocado por William Corrêa, que lhe pergunta: "O Karnal é isso, a humanidade sempre foi cruel e continua sendo?" (Anexo 01, 00H:18m:00s)

Leandro Karnal começa fazendo uma "*Contextualização da questão/Diferenciação na questão*", quando diz que os valores morais e a definição do que é "crueldade" são qualificados a partir do "valor de uma religião monoteísta ética" (Anexo 01, 00H:18m:04s). Após isso, Karnal por duas vezes faz "*Referencial (citação de autores)/Dados históricos correlacionados*", primeiro quando cita o livro "O futuro de uma ilusão" de Sigmund Freud, inclusive com sua datação de escrita em 1927, e depois citando "Parerga e Paralipomena" de

Arthur Schopenhauer no trecho que diz a “única alegria da ovelha é quando o lobo, come a do lado” (Anexo 01, 00H:18m:30s). Estes elementos misturam a abertura de resposta e ao mesmo tempo um tom humorístico, de forma geral, Karnal gosta de destacar contradições ou conotações humorísticas nos autores que cita para desconstruir as respostas e prender a atenção dos ouvintes.

Após isso, Karnal apresenta sua interpretação de forma sutil, alegando que este gosto pela tragédia, é um “gosto estético”. Também vale destacar, que o termo “eu” apresentado, é sempre um “eu” hipotético, ou que faz parte de um conjunto social e o “eu” é uma forma de se incluir nessa realidade que ele destaca. Por exemplo, quando diz que “quando eu olho o acidente e tenho interesse, eu quero um acidente asséptico”. (Anexo 01, 00H:18m:38s) Karnal continua com essa técnica retórica dizendo que “quando eu vejo um carro parando, [...] houve um acidente e eu não fazia parte disso”. (Anexo 01, 00H:19m:13s) Essa forma de fala, está representada na Figura 03 na indicação de “*Resultados (normalmente apresentados em opinião em 3ª pessoa do singular e/ou plural)*”, que embora nestes exemplos estejam em primeira pessoa, ainda assim transmite uma impessoalidade. Já em sua última frase, ele retoma o uso de terceira pessoa quando diz “A humanidade, é assim, a humanidade trabalha desse jeito, há um esforço da civilização para se adequar a autos instintos, esse esforço quase sempre tem sido inútil”.

Agora partimos para uma segunda análise na qual escolhemos uma resposta de cada professor para exemplificar os elementos estruturantes citados na Figura 03.

A pergunta que destacamos para exemplificar a fala de Luiz F. Pondé, é a questão 06, feita por Taty Ferreira (Anexo 01, 00H:24m:58s). Em suma, a questão é sobre as redes sociais terem responsabilidade pelas relações líquidas atuais.

Pondé em sua primeira fala “Expõe sua opinião diretamente (1ª pessoa)”, dizendo: “eu acredito que não, não acho que as redes sociais causaram as relações líquidas.” É interessante notar como a partir daí toda sua fala seguirá justificando sua negação inicial.

Por se tratar de uma questão já com uma citação indireta de Zygmunt Bauman, Pondé utiliza deste elemento para ampliar e utilizar do elemento “*Referencial (citação de autores)*”, trazendo um detalhe específico da obra “Amor Líquido” de Bauman. Já na frase “conheço gente, que se conheceu em site de relacionamento e tão felizes durante muito tempo, sei lá 3, 4 meses já”, temos dois elementos primeiro “*Exemplifica a partir do cotidiano comum a maioria*” uma vez ele está citando pessoas conhecidas que passaram por uma relação que se torna comum na atualidade e depois “*Simplificação, ironia ou devassidão*”, é ironia imaginar que três ou quatro meses de relacionamento é um tempo longo para um relacionamento e isso

torna mais simples a exemplificação dos resultados que as relações líquidas promovem no mundo contemporâneo. Por fim, ele propõe uma “Provocação ou Reflexão final/Resultados” quando diz que há uma tendência de se “pensar no relacionamento como consumo” e que as redes sociais otimizaram os relacionamentos líquidos, ou seja, está apresentando ao mesmo tempo uma provocação, tentando mostrar uma outra forma de ver os relacionamentos, ao mesmo tempo explica os resultados das redes sociais sobre os relacionamentos. (Anexo 01, 00H:27m:35s)

Destacamos para exemplificar a fala de Leandro Karnal a questão 17, que foi enviada por uma internauta e dizia: “de onde vem essa necessidade de imortalizar que a internet tornou tão possível e acessível a qualquer um?”. (Anexo 01, 00H:50m:59s)

Karnal inicia fazendo uma “*Contextualização da questão/Diferenciação na questão*”, quando explica que a imortalização é uma noção mítica do ser humano enquanto animal racional, ou seja, ele cria uma diferenciação a partir do enunciado da questão indicando que “qualquer um”, é qualquer ser humano racional. Após isso, usa o elemento “*Referencial (citação de autores)/Dados históricos correlacionados*”, é interessante notar que Karnal por ser historiador transita por datações e articula diferentes dados históricos com facilidade. Logo ele expõe sua opinião dizendo que buscar a imortalidade é estupidez, que a mortalidade é algo belo. Na sequência, utiliza do elemento “*Anedota (humor) ou citação a cultura pop contextualizada*”, falando da família Cullen (da série Twilight, Crepúsculo, em português), com isso, faz uma citação à cultura pop para contextualizar a forma como a imortalidade é melancólica, neste caso, em vampiros.

Por fim apresenta “Resultados (normalmente apresentados em opinião em 3ª pessoa do singular e/ou plural)”, quando faz a afirmação dizendo: “Então essa ideia de sobreviver, é uma tentativa, mais uma tentativa sempre estranha. O bom mesmo é ser esquecido.” (Anexo 01, 00H:52m:18s) Como dito, os resultados ou interpretações de Karnal refletem sua opinião, mas sempre de forma discreta.

Contudo, estas análises reforçam algumas estratégias destes acadêmicos que pretendem conversar de forma simplificada e compreensível a maioria, mesmo sem abrir mão da erudição.

Na entrevista produzida para o acréscimo desta pesquisa, Luiz F. Pondé explica as diferenças nas construções de falas por conta dos processos de recepção, segundo ele:

[...] a fundamentação em erudição é um tipo de capacidade instalada. Eu posso não citar a fonte, mas eu sei do que estou falando. Então, na medida que eu cito a fonte, ou não cito a fonte, mas falo “x”, quem conhece sabe que eu estou falando corretamente, quem conhece não a fonte especificamente, mas a origem do conteúdo.

Então, assim, fica de uma forma um pouco mais implícita a erudição. Mas, é claro que o tipo de recepção é outro. Se você for ficar falando 3 horas e meia como num curso de Doutorado da PUC, citando todas as fontes, nem na PUC mais os alunos têm mais suportado esse tipo de coisa. (Anexo 03, 00H:13m:05s)

Portanto, podemos a partir desta análise de conversação acreditar que existem caminhos de fala que podem ser mais promissores aos acadêmicos que pretendem falar fora dos ambientes onde a erudição é um pré-requisito, sobretudo, dentro da academia. Consideramos aqui também as características e formas de cada professor, que escolhem a todo momento, caminhos de fala de acordo com seus interlocutores.

Finalmente, podemos notar que Luiz F. Pondé utiliza de uma linguagem mais ligada ao cotidiano e cita menos autores, exatamente pelo motivo acima apresentado. Sendo assim, no episódio em questão por se tratar de um programa de transmissão e público amplo, a escolha de palavras e exemplos foram bem corriqueiros, para facilitar a compreensão da maioria e mesmo quando se fizeram necessários termos mais complexos, os mesmos foram acompanhados de uma definição ou explicação imediata a sua fala.

Tal característica didática na fala também é marcante em Leandro Karnal, que também entendeu como necessário acompanhar o significado de algumas palavras que citou, o que é uma prática difícil para indivíduos da alta cultura, primeiro por terem um círculo social mais restrito a seus pares, que se comunicam de formas similares e essas explicações não são necessárias. Além disso, a fala complexa seguida de explicação, ao mesmo tempo que pode parecer uma forma de subjugar o ouvinte, pode também soar como prolixa, principalmente para quem já conhece os termos. Em síntese, podemos dizer que Karnal parece neste episódio ter exemplificado o que mais se aproxima da linguagem acadêmica clássica adaptada a uma linguagem acessível a maioria. Enquanto Pondé fala numa linguagem mais popular (as vezes até debochada) e passa pela erudição em momentos mais pontuais. Contudo, as duas formas de fala que foram apresentadas no episódio parecerem promissoras para conversas com uma geração mais jovem. Conforme já apontado, a atmosfera do programa transmitia satisfação em todos participantes e sem dúvida os acréscimos de autores e as citações foram justificadas por acompanharem argumentos.

Com isso, podemos prosseguir para a interpretação/reinterpretação expressos como conclusão, considerando que os processos comunicativos a partir dos diálogos aconteceram de forma eficaz, ou seja, mesmo com alguma eventual carência de uma referência citada, ou o não conhecimento de um termo utilizado, o conjunto da mensagem foi transmitido de forma que as conversas puderam ser funcionais e agradáveis a todos participantes.

6. Conclusão

Duas perguntas geraram nossa pesquisa: o que motivou a mudança de formato no programa especial de 30 anos do Roda Viva? Quais as repercussões que essa mudança gerou para o programa? Depois de ter feito a análise formal na qual incluímos a contextualização sócio histórica e a análise formal proposta por Thompson na Hermenêutica de profundidade, podemos tecer algumas considerações que respondem às perguntas levantadas. Num primeiro momento há que se considerar que a TV Cultura desejou festejar os 30 anos do programa Roda Viva. Para isso, na questão de forma, acreditamos ter descrito detalhadamente como a tal comemoração ocorreu. Não se modificou a essência do programa, que continuou sendo de entrevistas, mas a forma como se materializou sim representa uma alteração importante. Desde ter dois convidados no centro da roda, passando pela escolha previa dos entrevistadores que possuem grande penetração das redes sociais, modificando o cartunista e ampliando para as redes sociais – depois do término do programa no canal aberto – constituem alguns dos elementos que podem ser considerados diferentes à forma como o programa vinha sendo conduzido nos seus trinta anos de existência. Entretanto, a mudança de forma deve ser vista de maneira crítica pois representa, desde nossa concepção, uma clara tentativa de reconhecer que a comunicação circula pelas redes sociais, que existem influenciadores nessas redes que não necessariamente tem uma origem jornalística ou acadêmica e que ampliam sim o número de seguidores. De certa forma confirma-se o que defendia Habermas no seu conceito de esfera pública quando sustentou que a esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões, isso desde um ponto de vista ampliado, ou seja, mais pessoas podem ter acesso à esfera pública. Diante disso surge uma questão. A adoção desse formato especial para lembrar e comemorar os 30 anos foi um Jogo de marketing? ou a Possibilidade de mudança no programa para o futuro? Podem ser as duas coisas, mas nos pareceu mais um jogo de marketing, do aproveitamento dos influenciadores, para ampliar o público do programa. Mostramos que existem sim interferências externas e internas dentro da emissora. As mudanças vieram acompanhadas de alterações no apresentador, mais próximo das redes sociais do que o tradicional, identificado com temas que podemos definir como duros, o que pode ser entendido como a existência de divergências internas e externas em torno da emissora. Nossa visita na TV Cultura realizada para verificar *in locu* como se operacionaliza o programa, de certa forma, também comprovou isso. Em relação ao conteúdo algumas observações se fazem necessárias. Mesmo com as alterações realizadas o conteúdo não representou nenhuma novidade intelectual ou acadêmica por serem abordados

temas que são importantes, mas que se debatem, de maneira mais detalhada e em profundidade, por exemplo, na academia. De certa forma a ideia de Habermas de que na esfera pública todos os assuntos são tidos como passíveis de debate sim ocorreu no programa estudado, inclusive podemos afirmar que alguns desses temas ganharam status de um tema de interesse geral. Mas ficou restrito ao programa e de forma superficial. Um exemplo bem ilustrativo do que estamos falando diz respeito à questão 01 realizada por Willian Corrêa. Ele fez uma citação de Umberto Eco que se referiu em relação a internet como lugar onde se deu voz a uma legião de imbecis”⁵⁸, mas na verdade fez a citação parafraseando o autor. Assim Corrêa se referiu à internet como sendo a ferramenta que deu voz a todos, inclusive aos idiotas” (anexo 01, 00H:03m:49s) adaptando a afirmação de Eco para não soar tão agressiva a afirmação. Considerando que a frase revela uma forma de ofensa a aqueles que têm voz na internet, de alguma forma a afirmação desqualifica todos os convidados na bancada de entrevistados.

A resposta de Luiz F. Pondé para esta questão parte de uma similaridade da internet com a democracia, ou seja, ambas são tão abrangentes que podem ter dentro delas idiotas em plena atividade. (anexo 01, 00H:03m:49s).

Observamos pela resposta que Pondé se utiliza do saber e experiências clássicas para responder à indagação do ancora, não se remete ao conteúdo das redes. Mais ou menos equivale a afirmar que se encontram todos os tipos de pessoas e comportamentos na rede como se encontram na vida cotidiana. Observamos que não existe mudança social nenhuma na resposta, embora a pergunta tenha o intuito, desde nosso ponto de vista, de buscar algum componente diferente na rede para essa indagação.

Ainda dentro dessa tendência de não encontrar diferenças entre a rede e o mundo real, na questão 03, Paulo Cuenca direciona uma pergunta a Luiz F. Pondé. A ideia central da resposta é criar um paralelo entre a democracia, na qual figuras políticas tentam agradar uma base (segundo ele de potenciais eleitores) e as redes sociais digitais na qual o influenciador digital, ou produtor de conteúdo tenta agradar para ganhar visualizações e *likes*. (anexo 01, 00H:09m:21s). Essa questão remete ao que Castells salientava em relação a importância da rede que deve estar direcionada para atingir as metas de maneira eficiente. Em tese essa seria uma das funções dos influenciadores digitais e da vida encontrada na rede capaz de decidir politicamente.

⁵⁸ Uol: Redes sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

A resposta de Pondé também vai num sentido Niilista, por não haver uma resposta para tal impasse nas relações na contemporaneidade. Emergir como um representante de uma rede significa suportar uma pressão constante por sofrer com a superexposição, ao mesmo tempo tentar retomar sua personalidade e temperamento pode significar uma perda de audiência irremediável.

Essa tendência à crise de personalidade ou existencial, que sem dúvida é uma característica que não poderia ter sido prevista pelo desenvolvedor de uma *media* como o Youtube, passa a ser uma questão de extrema atenção para os influenciadores digitais, que muitas vezes não suportam a fama que conquistam rapidamente. Mas devemos lembrar das colocações de Castells quando enfatiza que os atores que se expõem na rede dando sua opinião, desde que sejam reconhecidos eles se formalizam como produtores de conteúdo. Contudo, pelo fato que já comentamos de eles não persistirem pós-programa com a temática levantada nos faz relativizar o papel desses influenciadores.

PC Siqueira, que é um dos Youtubers com mais tempo de carreira no site dentre os que estavam na bancada do Roda Viva especial de 30 anos, seu canal está disponível desde 2010, já expôs em seu canal diversos vídeos falando sobre depressão e suicídio⁵⁹, há também um vídeo produzido pela TVFolha, no qual ele declara “não sei quem sou, não sei se gosto do que faço”⁶⁰, ainda neste vídeo ele declara que encara a fama tomando remédios e “enchendo a cara”.

É interessante notar que durante o programa, a questão 05, a qual tem como tema a superexposição na internet PC Siqueira fala dessa transição entre “não estar superexposto e estar sendo”. (Anexo 01, 00H:19m:58s) Logo, na resposta Leandro Karnal demonstra que a busca por originalidade também pode estar em produzir um “*look* alternativo”. (Anexo 01, 00H:20m:14s) De forma geral, essa ideia de que há um mercado de audiência também para aqueles que sofrem, embora pareça cruel, se mostra real. Podemos exemplificar pelo próprio canal “maspoxavida”, que numa pesquisa interna do termo “depressão” gera um resultado de mais de 100 vídeos⁶¹.

Pelo exposto já podemos afirmar que as mudanças feitas no programa não implicaram em abordar ou incorporar novos conteúdos por se tratar de um tema chamativo para apresentar

⁵⁹ Vídeo de PC Siqueira falando sobre Depressão e Suicídio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mj9fuaSQVjM>>. Acesso em: 09 de fev. 2019.

⁶⁰ TV Folha: PC Siqueira: "Estou num limbo, nem de youtuber quero ser chamado" PENSANDO ALTO #16. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ILUvLgVbk>>. Acesso em: 09 de fev. 2019.

⁶¹ Ao acessar um canal pessoal no Youtube, ao lado há uma “lupa” na qual se pode fazer uma pesquisa interna, assim foi digitado o termo “depressão” e o resultado foram mais de 100 vídeos relacionados. Isso não significa que todos falam desse assunto, mas normalmente esse tipo de marcação é aplicada pelo produtor através de palavra-chave, pois tinha alguma relação com algo que foi falado no decorrer do vídeo ou mesmo com uma temática central ampla.

novas propostas ou visões mais críticas. Entretanto um fator que confirma ainda mais essa afirmação é o fato de que os entrevistadores, como mostramos no transcrito da dissertação, não capitalizaram sua participação no programa para ampliar permanentemente seu número de seguidores. Isso ocorreu momentaneamente, inclusive parece ter tido a aprovação dos seus seguidores, mas não verificamos a continuidade crescente destes.

Mais uma vez se confirma que, a repercussão do programa foi momentânea e pautada pelo marketing e pelo atrativo de continuar na rede após o final do programa. Mesmo assim, após essa saída da programação do canal aberto e a continuação na internet, mesmo esperando que os youtubers pudessem contribuir de forma original com sua experiência nas redes sociais isso não ocorreu. Foram contribuições rápidas, superficiais que pouco acrescentaram a tônica do programa. Pelo exposto concluímos que não se aproveitou a oportunidade para aprofundar a experiência e novidade da proposta, o que resultou em uma proposta chamativa, mas sem novidades em termos de ideias ou posições capazes de chocar a sociedade.

7. Referências Bibliográficas

- ARENDDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BARABÁSI, A.-L. **Linked: a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo, 2009.
- BARROS, A. P. F. L. A importância do conceito de esfera pública de Habermas para a análise da imprensa - uma revisão do tema. **Universitas: Arquit. e Comun. Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 23-34, jan./dez. 2008.
- BOURDIEU, P. A opinião pública não existe. **Les Temps Modernes**, Paris, n. 318, p. 1292-1304, Janeiro 1973.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. I, 2005.
- CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2017.
- FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. Estatuto Social. **Site Oficial FPA**. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/upload/fpa/sobre/20180511154711_20180423132118-20180219-novo-estatuto-fpa-registro18-04-2018.pdf>. Acesso em: 05 Janeiro 2019.
- GADAMER, H.-G. **Verdade e método**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, v. I, 1997.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. I, 1997.
- HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade, volume II**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. II, 1997.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- LÉVY, P. **O que é virtual**. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MENDONÇA, M. Prefácio. In: MARKUN, P. **O Melhor do Roda Viva: o mais antigo e respeitado programa de entrevistas da TV: cultura**. São Paulo: Conex, 2005. p. 9-10.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, L. V. A história da TV Cultura em quatro fases: de 1969 a 2006. **I Encontro de História da Mídia da Região Norte**, Palmas, Outubro 2010.
- SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade - Uma teoria social da mídia**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

8. Anexos

1. Anexo 01: Transcrição do Roda Viva 30 anos

2. <https://youtu.be/rivj8gpeAFU>

Abertura

00H:00m:09s

Narradora: O mais tradicional programa de debates da televisão brasileira, O Roda Viva chega aos 30 anos sempre com o foco no futuro e nas diferentes gerações. Para marcar a data, levamos ao ar esta edição especial dedicada ao tema: Dilemas contemporâneos. Quais são os conflitos vividos pelas novas gerações? Como as mídias sociais afetam a vida e o relacionamento das pessoas? O historiador Leandro Karnal e o filósofo Luiz Felipe Pondé, vão responder às perguntas de influenciadores digitais, que tem milhões de seguidores na rede são eles:

00H:00m:41s

Bruno Rocha um dos maiores nomes da internet brasileira o jornalista Brasiliense é o criador do perfil Google que traz novidades do mundo pop mostra tendências revela Segredos dos famosos e dá dicas de beleza e viagem. Seu site Hugo gloss.com conta com mais de 27 milhões de visualizações por mês

00H:01m:04s

PC Siqueira um dos grandes vloguers da primeira geração PC tem mais de 2 milhões de inscritos que buscam notícias de entretenimento em seu canal mas poxa vida.

00H:01m:14s

Dani Noce e Paulo Cuenca Chef confeitadeira, produtora e diretora de filmes, é autora do livro “Por uma vida mais doce”. Danielle Noce criou, com o marido Paulo Cuenca, o maior site de confeitaria do Brasil: “I could kill for dessert” e um site de moda e estilo que atrai multidões de internautas.

00H:01m:35s

Taty Ferreira, Acidez Feminina, dicas de comportamento e relacionamento tudo que é preciso dizer mesmo que é difícil de um vir para quem busca as respostas a conversa é com a Tati

00H:01m:47s

Cauê Moura, as notícias mais inusitadas, o mais engraçado, o mais surpreendente. A linguagem Debochada e coloquial é marca registrada de um dos principais comunicadores das novas gerações.

00H:02m:00s

E para ilustrar tudo isso o criador do blog de tirinhas “Um sábado qualquer”. Carlos Ruas, com muito humor e ironia ele explora o lado cômico da existência e tem suas próprias versões para explicar a origem do mundo.

00H:02m:23s

Willian Corrêa: Boa noite, estamos no ar em todo o país pela TV Cultura pelas emissoras afiliadas e pelo nosso canal no YouTube. Hoje, excepcionalmente além do tempo normal do programa de uma hora e meia teremos mais 30 minutos pela internet no YouTube. Nesta edição especial dedicado aos 30 anos do programa como falamos na apresentação vamos debater os dilemas desse mundo digital e os conflitos das novas gerações.

00H:02m:47s

Para o centro do Roda convidamos o historiador Leandro Karnal e o filósofo Luiz Felipe Pondé e a bancada de entrevistadores é formada por: Bruno Rocha, do Hugo gloss.com, Taty Ferreira do canal Acidez Feminina, Danielle Noce e Paulo Cuenca do Nose Daniele, PC Siqueira do canal, “Mas Poxa Vida” e Cauê Moura do canal Desce a letra. Contamos também com a participação especial do cartunista Carlos ruas um sábado qualquer você pode participar é só um comentário para #rodaviva no Twitter.

00H:03m:23s

Primeiro eu queria agradecer ao apresentador oficial Augusto Nunes, e o cartunista oficial Paulo Caruso que nos permitiu aqui ocupar o espaço a casa deles muito obrigado pelos dois. Hoje é um programa diferente temos duas cabeças brilhantes no centro

do Roda, que são influenciadores também e contamos também com influenciadores digitais. E muito obrigado pela participação de todos vocês.

1ª Bloco

00H:03m:49s (Questão 01 - Willlian Corrêa)

Eu gostaria de começar apimentando o nosso debate aqui, com uma frase do escritor Umberto Eco: “a internet deu voz a todos inclusive aos idiotas”. Eu queria perguntar para os dois, se os dois concordam com isso e o que tem de ruim em dar espaço também para os idiotas.

00H:04m:08s (Resposta 01 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Então, acho que o que ele disse é verdade, em termos de quantidade não é assim, Umberto Eco. Nelson Rodrigues falava alguma coisa semelhante sobre a democracia e de que quando você amplia a base das manifestações acontece tudo.

00H:04m:26s

O que eu acho interessante não é tanto a fala do Umberto Eco nem a do Nelson que seria a democracia de forma semelhante, mas como que isso gera uma comoção gigantesca. É porque a gente numa época em que as pessoas se ofendem com tudo eu acho que isso tem a ver também com grau de comunicação muito amplo que a gente tem hoje, então todo mundo se ofende, todo mundo quer ser reconhecido, sei lá, na sua paixão sei lá por bananas cor-de-rosa, então tem que ter, a gente fala e Sociologia o conceito de reconhecimento. Todo mundo quer ser reconhecido por aquilo que ele caracteriza.

00H:05m:01s

Então acaba se eu muita gente ficou ofendida para falar do Umberto Eco, mas ao mesmo tempo é uma fala que denota um certo mal-estar com processo de democratização dos meios de comunicação, típico de intelectuais, típico de acadêmicos de pessoas que têm o hábito de circular em ambiente mais aristocrático e a última coisa que eu diria é o seguinte: Acadêmico normalmente não gosta muito do Povo, apesar de dizer que gosta.

00H:05m:30s (Resposta 01 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Bom é um prazer estar nesse Especial de Halloween, eu acho que existem as duas vertentes na fala de Eco. A primeira vertente é matematicamente correta, qualquer ampliação de qualquer processo que implica incluir, todo mundo e todo mundo implica incluir: idiotas, brilhantes, medianos, originais, medíocres, racistas, preconceituosos, gente que odeia e assim por diante todo mundo.

00H:05m:58s

A segunda, e complementando muito no caminho do o Pondé iniciou, é que há a resistência de grandes intelectuais como Umberto Eco de que o conhecimento não pertence mais ao grupo que ele tenha se capilarizado, pertence democratizado no sentido positivo e negativo da palavra, que ele tenha se atomizado e que se a 60, 70, 80 anos apenas intelectuais de peso por emitir opinião, hoje ao alcance de um toque todos podem emitir opinião. Isto para nossa desgraça e para nossa glória e o mundo contemporâneo.

00H:06m:30s

Willlian Corrêa: Vamos fazer então a roda girar com Dani Noce começando com você.

00H:06m:37s (Questão 02 - Dani Noce)

Dani Noce: Boa noite, tudo bem vou ler aqui tá me pergunta: Karnal, mais pra você mais o Pondé pode responder também. Você diz que a democracia é a forma mais perfeita de ditadura, pela falsa noção de que o povo tem voz e que é ouvido por seus representantes hoje na rede social que tem um ponto 6 bilhões de usuários enfim cada um tem uma página e todos podem se expressar é a democratização e o acesso aos meios de comunicação que até dez anos atrás ficavam concentrados nas mãos de quem detinham o poder, ou estudiosos como vocês. Mas o problema é que cada vez mais o algoritmo trabalha para me agradar, pra te agradar, para nos agradar para construir um mundo que é um eco das minhas preferências pessoais e das minhas posições políticas.

Não seria então os algoritmos das redes sociais a forma mais perfeita de ditadura na medida em que é uma falsa noção de expressão e de alcance social que não necessariamente se realizam na política e na vida real.

00H:07m:37s (Resposta 02 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Uma questão interessante, que eu não disse que a democracia é, mas que a democracia pode ser uma forma perfeita de ditadura.

00H:07m:40s

Quando há uma ditadura existe uma resistência, ela pode durar 70 anos como na União Soviética, ela pode durar uma vida inteira com a vida do Stroessner no Paraguai, ela pode durar 21 anos como no Brasil.

00H:07m:53s

Quando você faz como no México, a cada tempo um presidente que não pode ser eleito pelo único partido que pode eleger que é o, PRI, o “PRI”, você faz uma forma de dominação super sofisticada em que as pessoas são chamadas as urnas existe liberdade de imprensa, *habeas corpus* e não há nenhuma chance de indicar alguém de fora do sistema.

00H:08m:16s

Como o sistema de funcionar como uma algema de seda. Quando você enfrenta e faz uma ditadura fechada a chance que ela tem de acabar caindo é muito grande, quando você dá liberdade para as pessoas serem felizes dentro do algoritmo, ou seja, que ao invés do cidadão nós estamos elegendando o consumidor.

00H:08m:35s

Porque existe o algoritmo porque uma pesquisa que eu faço sobre uma passagem aérea vai continuar frequentando a minha página. Porque não há mais interesse nos cidadãos ou a interesse no consumidor.

00H:08m:46s

E hoje a incorporação a rejeição de alguém não é pelo princípio da cidadania, mas é pelo princípio do consumo. É o que acontece quando se debate racismo nos Estados Unidos, que ele diminui muito menos por causa da lei de direitos humanos de 64, direitos civis, e ele diminui muito mais pelo acesso ao cartão de crédito Black, Master, Super, Ultra comprador.

00H:09m:10s

Ou seja, no capitalismo preconceito sobre o dinheiro e não sobre a condição de alguém exercer ou não um direito.

00H:09m:20s

Willian Corrêa: Muito bem Paulo Cuenca.

00H:09m:21s (Questão 03 - Paulo Cuenca)

Paulo Cuenca: Boa noite, queria perguntar para o Pondé. Você também fala que é tanto democracia como o capitalismo eles tem que agradar a base porque eu não preciso agradar para vender e outro precisa agradar para votos. Então na verdade você não passa necessariamente informações verídicas do mundo real você passa mensagens editadas para você conseguir aumentar sua base.

00H:09m:46s

E eu vejo o que é muito parecido *modus Operandi* das redes sociais. Então o criador de conteúdo normalmente tanto profissional quanto uma dor ele é uma mistura do desse processo, porque tem que agradar a base para ter mais likes e tem que ter uma fala polida, para agradar possíveis anunciantes esse tipo de coisa.

00H:10m:07s

E daí fico um pouco em cheque que eu penso a tal fala a verdadeira, que o novo acesso democratização dos meios de comunicação deveria dar para as pessoas viverem mais reais.

00H:10m:20s

Como você enxerga? Existe uma forma mais real de comunicação se não o pessoal que tá o fim desde os profissionais até o cara que vai viajar com a família e posta a vida e tal?

00H:10m:32s (Resposta 03 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Olha eu acho que, começando pela ponta então pelo final, acho que não há dúvida aqui para uma pessoa que nunca teve acesso a se tornar visível no mundo contemporâneo, as mídias sociais elas fazem isso, então você posta pizza que você comeu você posta a praia que você foi tal.

00H:10m:49s

Agora eu não sei se as pessoas querem tanta realidade assim acho que a realidade nos na maior parte do tempo pode ser *boring* ou entediante pode ser é um pouco infeliz pode não ser tão divertido pode ser muito complicada.

00H:11m:04s

Então eu lembro nos anos 90 meados anos 90 quando a internet começou a ficar mais comum e tal, o debate mundial se imaginava que você ia pegar um jovem de Madagascar e um jovem de São Paulo e um de Nova York eles não discute política, e aliás ai ser muito chata se a internet fosse assim.

00H:11m:22s

E aí ficou todo mundo ficou desesperado por que os caras discutiam, ténis, falavam de música né.

00H:11m:29s

E então acho que existe uma coisa que se chama da lenda da Democracia, é que as pessoas são tão racionais, assim eu elas estão a fim de discutir coisas tão sérias.

00H:11m:43s

Na verdade, a gente discute coisa séria muito raramente. Gente que só discute coisa séria na sua vida cotidiana com as pessoas com os amigos acaba enchendo o saco de todo o mundo com isso. Que eu quero dizer o seguinte e que o fato das mídias sociais das redes sociais elas ofereceram imagem da humanidade banal é porque a humanidade a gente é assim mesmo e se a gente não fosse assim eu vivi assim talvez muito pesada.

00H:12m:07s

Agora, com relação a essa coisa que você falou de agradar este fato é uma prisão né então escritora portuguesa chamada Agustina Bessa-Luís e tem um tempo maravilhoso chamado “Contemplação carinhosa da angústia” que ela diz isso em 74, que todo mundo queria agradar.

00H:12m:21s

O professor que agradar, o metafísico que agradar, o padre que agradar todo mundo que agradar porque todo mundo quer ser amado todo mundo aqui é ser visto como uma pessoa legal e quer vender.

00H:12m:33s

Então, acho que a democracia não só tem um problema de mito em relação à atividade racional dos personagens, não acho que as pessoas voltam racionalmente a maior parte do tempo. Acho que quando você adere uma teoria política uma visão política de mundo é porque ela já aderiu a você você adere a ela porque ela é simpática suas ideias.

00H:12m:53s

E a dificuldade que a democracia tem com a tal da Verdade é uma coisa que é contada desde a Grécia, os sofistas já falavam, a Platão já usava a democracia, que era uma reunião de condomínio na época, já acusava a democracia de não ter vocação para verdade.

00H:13m:09s

Então a busca na verdade ela é democracia eu já disse algumas vezes inclusive o jornal cultura, eu tenho impressão que daqui uns 500 anos, quando olharem para nossa época eles não vão entender da onde a gente tirou tanta fé na opinião das pessoas, na democracia como regime maravilhoso, eles vão olhar e vão achar essa nossa fé na democracia parecida com a fé que os antigos tinham de ler futuro em vísceras animais. Eles vão achar que uma coisa assim, meio quase um fetiche, isso não significa que democracia não seja o melhor regime que a gente conhece até hoje porque ela limita o poder.

00H:13m:45s

E aí com relação ao mercado Paulo, assim aí a prisão não tem saída mesmo né, você tem que agradar o consumidor, porque senão consumidor não compra o que você quer você quebra, e aí você pára de comprar livro, ou para de comprar carro, para de pagar salário. Então não tem e eu acho acredito Paulo que nos dê muita raiva que você tem no capitalismo é por conta desse dado de realidade insuportável que ele traz, de que você precisa convencer pessoas a prestar atenção em você no seu produto e comprar.

00H:14m:18s

Então no final das contas resumo da obra eu diria: a verdade na democracia ela é um pouco mito na verdade ou atrás aparência. Hoje se procura político “Santos” né se imaginava, por exemplo, que o PT já teve esse lugar de Santo, o PSOL tentou o pai tenta ocupar agora então a coisa assim diz que o político honesto transparente maravilhoso. Mas é democracia e não quer saber de verdade, principalmente no mundo como nosso você tem uma capilarização de informação que passa por redes sociais achar que é verdade está em algum lugar quase procurar Papai Noel.

00H:14m:52s

Isso não significa que a gente não tenha uma busca por um conhecimento um pouco menos retórico, um pouco menos falso, não acho que a gente não tem essa busca, agora, a democracia não tem uma vocação natural para verdade.

00H:15m:06s

Willian Correa: Muito bem, vamos Hugo Gloss, sua pergunta.

00H:15m:08s (Questão 04 - Hugo Gloss)

Hugo Gloss: Boa noite, minha pergunta é pro Pondé também, fica livre para responder. Você falou que a realidade não é atrativa, mas eu pensei: muitas vezes nas redes sociais as pessoas têm uma necessidade de compartilhar crueldades. Cenas assim, que a gente não deveria aceitar tá vendo aquele negócio, é um prazer de passagem para frente.

00H:15m:30s

E eu queria... às vezes me pego tentando entender: qual é a necessidade, se a realidade não é atrativa? Por que estamos compartilhando coisas assim tão afrontosas?

00H:15m:39s

Luiz F. Pondé: Tão terríveis?

00H:15m:40s (Resposta 04 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Então, engraçado porque hoje me perguntar uma coisa muito parecida com isso, era uma alguém que tinha passado por um prédio e tinha uma pessoa para pular e as pessoas gritavam: pule, pule, pule e inclusive querendo filmar, e de fato a pessoa pulou, né. Então, assim, a gente tem informação que já tipo século 15, 14, 16, as pessoas levam as pessoas, levavam inclusive filhos, para assistir gente ser queimada na fogueira, jogava a ovo podre, tomate podre, levava “as criança”, sabe para “assistir”, gente ser queimada, que nem passeio no Ibirapuera.

00H:16m:24s

Eu tenho a impressão a Bruno, ou Hugo Gloss Bruno, eu tenho a impressão que a gente nos últimos, últimas décadas, grosso modo últimos 200 anos a gente transferiu uma certa expectativa de santidade via era mais ou menos alocada em Deus, e a gente transferiu para o ser humano mais perto de humanismo como religião.

00H:16m:51s

A humanidade é assim mesmo né, então a gente partilha, então coisas ruins e coisas feias que teoricamente não devia partilhar, mas isso ocupa nosso tempo. Eu acho que a espécie aprendeu a falar mais para falar, tipo fofoca é falar mal dos outros e falar coisa séria entendeu.

00H:17m:09s

Então a idealização da espécie humana muito comum nos últimos 200 anos nem parece, causa em nosso tempo em ter uma expectativa de que estamos todos nós aqui reunidos para fazer com que o ser humano seja melhor, e a realidade seja melhor, em algumas coisas ela melhora outras coisas, ela piora.

00H:17m:28s

Mas esse gostinho pelo sangue, pela fofoca, falar quem está transando com quem, quem traiu o marido de quem, sabe, o que me roubou grana, não sei de quem existe um gosto aí que inclusive, eu acho que ajuda a passar o tempo.

00H:17m:43s

E as mídias sociais elas refletem e torna-o isso mais transparente. Por isso não acho que as mídias sociais são culpadas disso daí ela se ela tem uma culpa é porque elas transformaram a humanidade em algo ainda mais evidente e transparente do que existia.

00H:18m:00s

Willlian Corrêa: O Karnal é isso, a humanidade sempre foi cruel e continua sendo?

00H:18m:04s (Resposta 04 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: É que você definir, que é humanidade é, a partir de um sistema moral, então dizer que a humanidade sempre foi cruel é verdade, a partir do momento que ele determine o valor de uma religião monoteísta ética.

00H:18m:15s

Freud, no livro que o Pondé também gosta muito, sobre o qual dei aula hoje de manhã, livro de 1927, que é “O futuro de uma ilusão”, ele falava de que se desse impulsos sádicos e masoquistas, impulso de dor nosso e como ele é forte entre nós.

00H:18m:30s

O Schopenhauer no livro “Parerga e Paralipomena” dizia que “a única alegria da ovelha é quando o lobo come a do lado”, não é, a única alegria que ela tem.

00H:18m:38s

Mas, complementando o que disse o Bruno, eu acho que o gosto pela dor, pela tragédia, pelo sangue, é um gosto estético, é um gosto teatral. Porque quando eu olho o acidente e tenho interesse, eu quero um acidente asséptico: separado, isolado.

00H:18m:54s

Se eu for dar um beliscão em você que está olhando as três forçar sua dor insuportável. É uma questão que a filosofia traz a muito tempo, né. nós suportamos muito estoicamente, a cólica dos outros, nós temos uma grande capacidade de suportar a dor alheia, agora se essa dor fosse real seria uma outra coisa.

00H:19m:13s

Quando eu vejo um carro parando, ou diminuindo para ver o acidente do lado eu penso: na frase Schopenhauer: “Eu sou a ovelha que dessa vez foi poupada pelo lobo do acidente” e a minha alegria é essa, que houve um acidente e eu não fazia parte disso.

00H:19m:27s

E volto a insistir, que eu acho que julgar isso como o bom, ou ruim, é um esforço moral. A humanidade, é assim, a humanidade trabalha desse jeito, há um esforço da civilização para se adequar a autos instintos, esse esforço quase sempre tem sido inútil.

00H:19m:45s

Willian Corrêa: PC Siqueira

00H:19m:46s (Questão 05 - PC Siqueira)

PC Siqueira: Boa noite, tudo bom? A minha pergunta sobre superexposição na internet, está todo mundo sempre superexposto, né, e suas fotos, se tem um filho coloca foto desde que nasceu a partir do parto e tudo mais.

00H:19m:58s

A gente aqui todo mundo faz parte dessa fase de transição da superexposição. Já não teve superexposto, mas estamos sendo.

00H:20m:06s

Vocês acham que ceder a isso, é natural ou lutar contra isso talvez seja querer ficar no passado?

00H:20m:14s (Resposta 05 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu acredito que se você está lutando contra você está querendo uma originalidade para talvez ganhar mais likes.

00H:20m:23s

Eu acho que no momento que eu estou dizendo eu não dou bola para tudo isso você funciona como a pessoa que diante do espelho se desarruma cuidadosamente e leva tanto tempo para produzir seu *look* alternativo quanto aquele Mauricinho que leva horas para produzir seu look enquadrado.

00H:20m:40s

PC Siqueira: Então não tem escapatória?

00H:20m:41s

Leandro Karnal: Vai ser uma coisa muito parecida com vetor contrário né.

00H:20m:45s

A superexposição é uma maneira de você não expor. Eu coloco muitas fotos das minhas viagens das minhas refeições da minha família, para que ninguém veja o pergunte sobre as coisas que realmente importam.

00H:20m:57s

Funciona como um cenário, eu estou falando da minha vida a todo instante porque eu não tenho nada a dizer sobre ela em geral. E eu não quero que as pessoas vejam essa minha vida.

00H:21m:07s

Eu acho que muitas vezes em psicanálise a gente nota que a fala, muito fluida e muito intensa é para não dizer alguma coisa, para não contar alguma coisa né. Só que isso é de fato é uma questão importante do nosso tempo né: ser é publicar, existir é aparecer, então essa é uma questão do nosso tempo. Não é melhor ou pior não, será mais feliz ou menos felizes apenas mudamos o critério dessa felicidade

00H:21m:38s (Resposta 05 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu acho assim, complementando o que o Karnal dizia, assim por mal estar na modernização, que a gente vai de mal está romântico, que é um sentimento que a modernidade, ela é meio brega, ela é meio de gente demais, tipo sabe aquela história: todo mundo no aeroporto de alguns anos atrás, dela tem churrasco na laje no aeroporto.

Então assim a modernidade ela tem problema com a tecnologia, desde sempre a ideia de que a técnica falseia vida então os românticos tipo Paulistano quer pisar na areia pura da Praia do Nordeste. E aí começa a ter problema que não tem wi-fi aí ele não consegue porque o wi-fi não funciona.

00H:22m:19s

PC Siqueira: eu passei por isso.

00H:22m:20s

Luiz F. Pondé: Então vai pra Gonçalves, quer ir pra aquela vida natural na montanha, mas quer o wi-fi. Esses conflitos, a gente chama em filosofia de conflitos românticos, que a gente normalmente pensa em romantismo pensa em “eu te amo” e tal. Mas o romantismo é um movimento muito maior do que a questão do amor.

00H:22m:36s

É nesta chave de estar sempre aparece, e ele aparece por exemplo quando a gente associa a ideia do pensamento e de crítica, e por isso que eu dizia que intelectual, muitos intelectuais falam que adora o povo, mas é uma das maiores mentiras do mercado né.

00H:22m:51s

Então com relação à sua disposição especificamente é eu diria o seguinte: todo mundo o ser humano tem a necessidade de ser visto, de ser visível. Uma sensação que inclusive a psicanálise se refere como: eu existo na medida que o outro me vê, se o outro não me vê eu sou invisível.

00H:23m:13s

O mundo contemporâneo e moderno enorme as pessoas são anônimas, tem um lado legal, mas tem um outro lado que faz com que você tem pressão que você é invisível, as redes sociais elas dão visibilidade a pessoas que não vão mente não teriam visibilidade para fora da sua vida cotidiana de trabalho e tal.

00H:23m:33s

Então a superexposição que, que se busca é uma forma me parece, de você produziu o mercado para você mesmo, porque você, e eu concordo inteiramente com que o Karnal dizia que assim, a uma das formas de você fazer mercado é você falar mal dele. Uma das formas de você ganhar dinheiro é fala mal do Capitalismo.

00H:23m:53s

Uma, existe coisa mais chique do que você dizer que não tá nem aí para o mundo, tá pouco se lixando, para o que os outros pensam de você e não sei o quê. Então tudo isso tem espaço, a internet é um grande mercado de visibilidades as redes sociais é um grande mercado de visibilidade e nesse mercado tem lugar pra todo mundo que o mercado uma das razões que ele é irritante época era um sábio, ele identifica necessidades e oferece soluções.

00H:24m:20s

E aí a superexposição é uma forma de gozo que as pessoas têm, algumas as caras mais famosas ou outras.

00H:24m:29s

E aí eu acho que é o eu terminaria dizendo isso, quer dizer, se você tem uma superexposição e dá certo você vira um *Case*, você vira um influenciador, se você tem uma superexposição e dá errado, você é um sujeito ridículo que fica mostrando na internet você vomitando para ver se alguém te ama.

00H:24m:46s

PC Siqueira: Posso complementam a pergunta?

00H:24m:50s

Willian Corrêa: Me desculpe temos que rodar, depois a gente volta depois. Vamos à pergunta da Taty Ferreira, depois do Cauê Moura e depois a gente volta PC.

00H:24m:58s (Questão 06 - Taty Ferreira)

Taty Ferreira: Boa noite, a gente é o que eu quero entender: foram as redes sociais que desencadearam esse padrão, quase sempre de relações líquidas que a gente vive hoje em dia? ou a gente ia passar por isso de alguma maneira e o que as redes sociais fizeram foram, só sei dar vazão mostrar mais com maior clareza e maior quantidade, que a gente ia chegar nessas relações líquidas de qualquer maneira?

00H:25m:24s

Leandro Karnal: Complicado isso.

00H:25m:28s (Resposta 06 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu acredito que não, não acho que as redes sociais causaram as relações líquidas.

00H:25m:34s

Se a gente pegar um exemplo só para pegar um exemplo assim, se você observar a obra do Bauman, que é o sujeito que põe de circulação e de líquido.

00H:25m:43s

Ele põe essa circulação ideias de líquido, digamos assim, antes do grande “boom” das mídias sociais como tem hoje e depois ele vai atrás delas, das mídias sociais como quem diz assim tá vendo aí o que eu falei eu avisei que ia dar nisso.

00H:26m:00s

Então se a gente vai por exemplo ao Livro dele “Amor líquido” né, que é um livro do começo dos anos 2000 onde ele tem uma primeira parte que eu acho um dos melhores textos do Bauman, mas que é apaixonar-se, E desapaixonar-se, onde ele fala de amor líquido. Ele diz assim você entra numa relação hoje então lá no começo anos 2000, como que olha o mercado e acho que essa palavra é importante, porque se eu tô com ela depende estão investindo numa figura e tem o mercado todo comprador aí né tô perdendo tempo.

00H:26m:31s

Então eu acho que é esse caráter líquido que as mídias sociais, elas vão oferecendo formas e você ser mais ágil ainda, ele compara com o Mercado de Ações, né um relacionamento.

00H:26m:42s

Então, você vai oferecendo cada vez mais fórmulas, para que os vínculos sejam mais ágeis. E eu continuo achando que tem pessoas que se conhecem. Conheço gente, que se conheceu em site de relacionamento e tão felizes durante muito tempo, sei lá 3, 4 meses já.

00H:26m:59s

Estão super felizes, então assim, continuam super felizes, então não acho, acho que ela otimizou, potencializou, mas a função líquida, que fala o Bauman no amor, inclusive é resultado de uma, ah de você ter maior oferta de relacionamento você tem uma tendência ao sujeito pensar no relacionamento como consumo, essa ideia dele você o Marxismo lá de fundo, Na verdade eu perdi instrumentalização do afeto, então você entra na relação na lógica custo-benefício.

00H:27m:35s

Então isso daí me parece ser e aí, oferta, muita gente viajando, conhecendo pessoas, tendo outras oportunidades e aí você entra nessa, nessa digamos, nesse tipo de rede de relacionamento líquido, antes das redes sociais e aí me parece que as redes sociais ela vem otimizar isso.

00H:27m:55s

Willian Corrêa: Vamos Cauê Moura, que nosso tempo desse primeiro bloco está se esgotando mais uma pergunta aí. Tempo desse primeiro bloco está se esgotando mais uma pergunta aí tá ok aí

00H:28m:00s (Questão 07 - Cauê Moura)

Cauê Moura: Boa noite senhores, como o William disse no começo Umberto Eco as redes sociais deram voz para todo o mundo, as pessoas sentem necessidade de opinar sobre tudo. É basicamente essa minha carreira na internet, opinar sobre tudo mesmo sem saber muito bem sobre nada.

00H:28m:15s

E aí eu vejo que as opiniões contrárias ao tema proposto geralmente, elas geram muito interesse. As pessoas gostam muito de demonstrar que não gostaram, gostam muito de demonstrar que são contrárias e parece que o ódio engaja muita gente na internet. Queria saber se vocês concordam, e por que as pessoas se dispõem tanto amostrar nesses ambientes de redes sociais que elas não gostam das coisas?

00H:28m:38s (Resposta 07 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Essa semana eu e o Pondé estávamos no Jornal da Cultura, e eu falei da minha desconfiança da expressão, ele me representa, ou isso não me representa.

00H:28m:47s

Ele me representa ou significa que eu projetei narcisicamente, que o outro é parecido comigo, logo, ele é bom, esse candidato não pode crescer uma declaração errada sobre os cachorros, esse candidato não pode porque eu vi um vídeo da década de 80 que ele defende tal coisa.

00H:29m:01s

Então o único candidato que poderia, seria o meu eu tornando uma espécie de um “Übermensch”, um homem acima dos outros homens e tornando isso uma melhoria.

00H:29m:13s

Então hoje a opinião, a doxa opinião ela é fundamental gosto não gosto e decido isso que eu já reclamei. A opinião e a opinião livre elas são fundamentais no exercício da liberdade.

00H:29m:26s

Mas nós temos também um passo para aprender a escutar, a ler e aprender, antes de dar opinião.

00H:29m:34s

Mas uma pergunta que você traz a deixa para ela, a pergunta de todos nós aqui: é porque e que as pessoas prestam tanta atenção e algumas opiniões como a sua, ou como a minha?

00H:29m:45s

É um é um mistério, mistérios de onde vem essa atenção que ela vem de marcadores externos acadêmicos de titulação, se ela vem de convicção de fala, se ela vem de uma espécie de múnus de energia que paira sobre as pessoas.

00H:30m:03s

Mas na era de maior liberdade da espécie humana ocidental urbana, a busca de gurus é a mais forte de toda nossa história.

00H:30m:12s

Willian Corrêa: Muito bem, vamos para um rápido intervalo e voltamos já com Leandro carnal, Luiz Felipe Pondé e a bancada de influenciadores digitais.

2ª Bloco

00H:30m:32s

Willian Corrêa: Estamos de volta com o Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e a bancada de influenciadores digitais. Você também pode participar é só mandar sua pergunta ou comentário para *hashtag* Roda Viva no Twitter.

00H:30m:44s (Questão 08 – Internauta)

Eu vou aproveitar aqui então e abrir com uma pergunta do Twitter, a Rita Vicente: “Redes sociais se tornam uma Ilha da Fantasia. Porque só acessamos quem nos é semelhante, então elas nos iludem sobre o mundo real, ok? você é o que você compartilha?”

00H:31m:00s

A rede social, ela essa a coisa da internet, sofre influência da nossa moral e da cultura, na qual o nome estamos engajados ou lá todo mundo é um personagem?

00H:31m:08s (Resposta 08 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu vou responder por mediunidade o que o Ponde vai responder.

00H:31m:13s

Que ela está pressupondo que existe um mundo real e um mundo artificial, e que logo que os homens antes da internet viviam num mundo real. O que nós variamos é a dosagem e tipologia do ópio.

00H:31m:28s

Quando se ia a catedral medieval isso era o que tinha naquele momento, e ao ver canto gregoriano luz azul penetrando pelos vitrais era o que tinha naquele momento.

00H:31m:37s

Eu prefiro a frase de um focaltiano, isso já não é o Pondé, a frase um focaltiano, que diz nós inventamos os hospícios, não para colocar os loucos, mas para dizer com certeza que os que não estão lá dentro são normais.

00H:31m:51s

Logo, nós inventamos o parque de diversões nos Estados Unidos para dizer que quando eu estou fora dele é a vida é séria, e lá dentro a vida lúdica. Nós inventamos os hospícios pra tentar nos afastar dos loucos.

00H:32m:03s

A internet é uma Ilha da Fantasia, mas lembra a Ilha da Fantasia, quando o Tatu tocava o sino e gritava “é o avião”, vinha vindo ao mundo real para Ilha da Fantasia. A internet o espelho do nosso mundo inclusive nas suas fantasias.

00H:32m:17s

Willian Corrêa: Acho que a da turma que tá aqui não lembra desse negócio do Tatu.

00H:32m:20s

Leandro Karnal: Tatu, era uma personagem que tocava o sino quando vinham os que pagavam para ter uma fantasia na Ilha da Fantasia.

00H:32m:26s

Luiz F. Pondé: Nem eu lembro.

Leandro Karnal: Isso foi antes dos *Teletubes*, isso foi quase na época do pica-pau. Isso era um programa que falava da realização de fantasias, e as fantasias eram realizadas, mas as fantasias fazem parte da nossa vida nos fazem parte na relação de um casal. Como já foi definido: sexo sem fantasia é fricção.

00H:32m:48s

Então, isso antes da internet já era uma regra também. Imaginar que a internet inventou uma *Second Life*, que ela inventou, não, ela apenas tornou mais fácil o que antes era o romance “Madame Bovary”, o que antes era “Sinclair das ilhas”, hoje é navegar na rede.

00H:33m:05s (Questão 09 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: Pondé, nós somos um tipo de personagem na internet?

00H:33m:10s (Resposta 09 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Ah eu acho que os vínculos sociais sempre pressupõem uma certa dose de personagem.

00H:33m:14s

Tem gente por aí gente da literatura que diz que só a gente mal-educada não é um pouco um personagem no dia-a-dia. Imagine no chão no almoço de domingo, você faz um super regime, e você pergunta pra tua cunhada: eu emagreci e ela diz não.

00H:33m:30s

Quer dizer, só uma pessoa entregue a sua mais pura verdade, se é que isso existe alguma medida, ela parece um pouco obscena.

00H:33m:42s

Então eu digo isso para afirmar que acho que essa coisa do personagem ela está presente em algum nível nos veículos sociais.

00H:33m:49s

Agora, o que as redes sociais trazem é, ela potencializa a chance que você tem de produzir avatares e personagens no universo específico, que lhe dá algum tipo de proteção.

00H:34m:02s

Agora, eu dentro dessa coisa de personagens, ou seja, redes sociais dá para nós aquilo que a gente já tem, dá para nós em quantidade aquilo que agente que já tem, eu diria uma coisa sobre o ódio, né que o Cauê falou antes.

00H:34m:16s

Por que que as pessoas odeiam tanto, gostam de odiar? Na filosofia você tem gente que já dizia: odiar é muito mais fácil, odiar é uma coisa muito mais simples, você é muito mais fiel aquilo que você odeia ou a quem você odeia do que a quem você ama. E amar é muito mais complicado.

00H:34m:33s

Então, as redes sociais mais uma vez trazem à tona essa coisa de que eu, é muito mais fácil, eu me identificar e xingar e criticar e dá tesão fazer isso. É mais ou menos com relação *sadomasô*.

00H:34m:45s

Willian Corrêa: Tati Ferreira.

00H:34m:47s (Questão 10 - Tati Ferreira)

Tati Ferreira: Eu quero perguntar é, eu acho que a gente concorda que existe uma exigência para ser feliz né. O Karnal já falou disso algumas vezes inclusive. Eu queria saber se a exigência ela é imposta para a gente ser feliz ou para gente parecer feliz?

00H:35m:04s (Resposta 10 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: De novo nós tocamos num ponto que é muito importante, que é a diferença entre ser e parecer.

00H:35m:11s

No poema “Mal Secreto” se dizia que tem gente que só existe para aparecer para os outros, né, que diz tudo que punge, tudo que que morna na alma é só para poder aparecer.

00H:35m:24s

Nós temos que pensar que parecer pode ser parte da felicidade.

00H:35m:28s

Agora como eu interpreto felicidade, como se fosse o estado paradisíaco, permanente, então eu crio uma insatisfação permanente, que eu vou ficar desviando para os outros. Dizendo que meu marido, minha mulher, minha namorada, meu namorado não me torna o mais feliz quando estão tentando responder uma demanda que é impossível de ser respondida.

00H:35m:50s

A ideia de felicidade é uma ideia muito contemporânea, ela não existia na Idade Média, essa ideia de felicidade ser feliz, realizar-se profissionalmente, amar com quem a pessoa com quem você casa. Essa é uma ideia muito recente, ela é o fruto do individualismo burguês e do Romantismo ela cresceu e hoje ela se torna obrigatória.

00H:36m:12s

Nós perdemos aquilo que funciona seja para Nietzsche, ou para Unamuno, a dimensão trágica da existência, ou seja, de que a dor é tão nossa companheira quanto a felicidade, inclusive uma dialoga com a outra de forma muito clara.

00H:36m:27s

William Correa: Muito bem Danni. Você vai concluir, vai...

00H:36m:28s (Resposta 10 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Posso te dar uma resposta romântica, pra ela aqui.

00H:36m:32s

É, eu, há de fato uma dificuldade em saber o que é ser feliz ou parecer feliz, mas me parece que uma pessoa pode entrar em muita agonia se essa coisa de felicidade for só parecer feliz, aí eu acredito.

00H:36m:51s

É uma resposta romântica, porque os românticos entendiam que sempre há uma diferença entre aquilo que de fato você é, aquilo que você sente, e aquilo que você obrigado a sentir. Eu não tenho dúvida que a civilização é baseada numa certa dose de felicidade cotidiana. Mas eu acredito que algumas pessoas conseguem de alguma forma buscar um modo de vida ou uma pessoa que lhe diga mais, que seja mais verdadeira para você do que qualquer coisa banal.

00H:37m:20s

Willian Corrêa: vamos aqui com a Dani

00H:37m:23s (Questão 11 - Dani Noce)

Dani Noce: Karnal, você costuma citar Voltaire, com aquela maravilhosa frase “posso não concordar com uma palavra do que dizes, mas defenderei até a morte o direito de dizer”.

Então, sobre a democratização da opinião na internet sobre ódio, preconceito, e todas as coisas ruins que aparece na internet.

00H:37m:40s

Antigamente eu acho que as pessoas comentavam mais para os seus familiares, para os seus amigos o que elas sentiam, então elas estavam vendo ali alguma coisa, e elas comentaram para os familiares. As redes sociais foram uma resposta para garantir ou amplificar a realização desse direito?

00H:37m:55s (Resposta 11 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: A frase não é de Voltaire, é de uma biografia dele, mas ela é repetida bem acho que é feliz o pensamento de Voltaire, sua ideia sua tolerância. A tolerância é uma palavra difícil que significa sofrer em silêncio.

00H:38m:12s

Pode pegar o tratado sobre a tolerância de Locke que diz: que nós devemos ser tolerantes com todos, que a tolerância é fundamental, e logo em seguida, ele termina dizendo menos que os ateus que devem ser executados.

00H:38m:21s

Então, a tolerância é um é um desafio é um grande problema. Eu digo uma frase que é de inspiração tanto estoica como de Montaigne, que “eu só me ofendo seu nome conhecer”, tudo que disserem de mim é verdade ou mentira e nos dois casos não posso ficar ofendido não.

00H:38m:39s

Agora a exigência de hoje não apenas é que você não me ofenda, mas que você me ame. Nós queremos uma tolerância ativa que você não apenas não grite que eu sou careca, mas que você diga que nunca viu uma careca tão deslumbrante, é tão apaixonante. E que você perca tudo que você diz que se arrepende de ser uma menina com cabelo tão bonito, que se você pudesse você seria...

00H:39m:06s

Este é um mundo que exige que eu me identifique com tudo. Você não pode ter nenhuma crítica a ninguém, você não pode descurar o simplesmente dizer aquilo que eu digo, eu tenho que entender que o mundo é feito de pessoas distintas, porque a quem gosta de coentro, e esta é a minha norma de vida, se há quem gosta de coentro eu tenho que aceitar que as pessoas são muito estranhas são muito fora do padrão, pois é, apesar do coentro.

00H:39m:34s

Willian Correa: Hugo Gloss.

00H:39m:35s (Questão 12 - Hugo Gloss)

Hugo Gloss: Falando nisso, eu acho que muitas vezes quando a gente confronta as pessoas que trazem essa negatividade, acredito que todo mundo aqui passa por isso, muitas vezes quando você volta atenção para essa pessoa, a gente descobre que na verdade ela só queria realmente atenção.

Muitas vezes elas dizem as coisas não porque elas querem realmente dizer, mas por que elas tenham necessidade de serem ouvidas.

00H:39m:57s

Pensando nisso eu queria saber se existe uma diferença da nossa ética, na vida real para a vida online e onde, onde está essa mudança que às vezes a pessoa é uma coisa, pessoalmente ela vai te elogiar e quando ela sentar no computador ela vai te xingar.

00H:40m:12s (Resposta 12 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu acho que quando você senta no computador você retira a responsabilidade do seu eu e você torna mais seguro, você me xingar na rua há um risco, há um risco físico. Mas você me xingando a internet esse risco desaparece.

00H:40m:28s

Até um vídeo que eu gosto do Porta dos Fundos que ele começa a xingar um garçom, desculpe achei que estava na internet.

00H:40m:34s

Eu acho que é uma questão importante porque, retirando o sujeito dizendo de outra forma.

00H:40m:39s

Um playboy não bate ninguém, um grupo de playboys toca fogo no índio Galdino em Brasília, uma das tragédias da nossa vida brasileira.

00H:40m:49s

Então, eu, é muito mais fácil eu ser racista, homofóbico, misógino, se estou protegido na internet, do que ser ao vivo por exemplo.

00H:40m:59s

Então, de fato a internet dá vazão a um Anonimato na prática, em que diariamente deve acontecer e com você e acontece comigo, que perfis falsos, entram para me insultar. Quer dizer, é quase que uma liturgia né, entra, diz ofensa, e se retira.

00H:41m:18s (Questão 13 - Hugo Gloss)

Hugo Gloss: Eu tenho uma dúvida, as vezes as pessoas por exemplo, montam um perfil falso para falar isso aonde falar isso pessoalmente. Ela realmente acha e senti aquilo, ou ela falou isso só por uma válvula de escape da que eu tenho às vezes tá dura de pensar e realmente acha isso ou ela falou isso só porque ela quer.

00H:41m:35s (Resposta 13 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu não como responder o que passa nesse, nesse mundo da cabeça e algumas pessoas. Hoje, eu respondi alguém na minha página que dizia isso: você só responde quem lhe elogia, eu que lhe criticam você nunca me responde.

00H:41m:49s

Então, hoje dá vontade assim, daquele aluno que no canto fez um show, tem chega assim, passa a mão na cabeça: Não, eu também gosto de você, We Are the World, vamos comer queijo tofu.

00H:41m:58s

Eu acho que você toca no ponto importante. Todo mundo quer atenção as pessoas querem atenção. É muito comum as pessoas entrarem de madrugada, quando eu começo a postar, que “dá um oi para mim, me dá um bom dia Karnal, diz oi para mim” ...

00H:42m:18s

O que muda de um ser humano aqueles fótons enviados pela internet, que virem em letra chamando: Oi, um bom-dia, é uma maneira de eu criar essa intimidade. Essa proximidade em que eu suponho que o outro de fato está me dando atenção.

00H:42m:33s (Questão 14 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: Pondé, essa crítica que o Karnal comenta aí da internet, ela não tem relação também com a questão de a pessoa querer aparecer. Nós falamos isso aqui né. Que tem a crueldade do ser humano e todas as questões que emitem ódio geralmente têm destaque, né. Principalmente nas redes sociais, isso já não é uma visão da pessoa querer ter um lugar privilegiado está no centro das atenções?

00H:42m:56s (Resposta 14 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu acho que existem entre as duas coisas primeiro isso que você tá falando, você xingar uma pessoa ou você criticá-la ou você se agressivo, é um modo de você existir dramaticamente de forma rápida e atrair a atenção do outro, né.

00H:43m:14s

Agora, eu também acho que o Hugo ele tem, ele não deixa de ter razão, eu acho que atua a hipótese de que em alguns casos as pessoas agridem porque elas querem ser de alguma forma, compreendidas ou de alguma forma sabe. Se você falar com ela se você der atenção ela de repente ela se desarma.

E às vezes você consegue tirar de uma pessoa uma coisa simpática ou interessante se você falar com ela de uma forma desarmada e ela se desarma. E as vezes você consegue tirar de uma pessoa, uma coisa simpática, ou interessante, se você falar com ela de uma forma desarmada, e ela se desarma também.

00H:43m:50s

Nosso mundo é muito armado, todo mundo defende do tempo inteiro, todo mundo querendo dizer uma coisa mais legal do que a outra e aqui trazer uma coisa diferente da outra, é um mundo de vaidade.

00H:44m:03s

Então, eu acredito que em alguns casos é possível sim, que uma pessoa seja um tanto desagradável, ou agrida o outro porque na realidade ela está armada contra você.

00H:44m:17s

Se de repente você falar com ela de um jeito que ela perceba que você tá escutando ela, prestando atenção nela, ela pode de repente revelar uma fase menos agressiva e de repente não é tão ruim.

00H:44m:30s

William Correa: Paulo Cuenca.

00H:44m:31s (Questão 15 - Paulo Cuenca)

Paulo Coenca: Esse daí não poderia ser só uma faceta do homem cordial, que foi pego no pulo, ele está lá, ah!, Dai você fala não espera aí vamos conversar daí, ele é simpático como da paixão brasileira.

00H:44m:42s (Resposta 15 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Pode assim, no caso do homem cordial se a gente pensasse no sentido de categoria histórica né Ele é antes de tudo é alguém que ele privatiza o público. Então é aquele sujeito de carteirada, é aquele sujeito que a lei para os meus amigos tudo, para os meus inimigos a lei. É o sujeito que entende que a informalidade é o modo correto de conduzir as coisas, por que é informalidade guarda uma certa imprecisão né, nos conteúdos.

00H:45m:16s

Uma vez eu tive uma reunião de trabalho e que tinha um executivo estrangeiro, que falava bem em português, foi preparado para vir para o Brasil e tal. Ele dizia que era difícil no Brasil algumas reuniões, porque os brasileiros não eram muito precisos e formais na forma de se expressar e ele chegando no Brasil ele ficava um pouco perdido com isso.

00H:45m:35s

Fora essa caracterização mais que histórico social, dessa cordialidade, isso que você fala de que de repente você pegou o homem cordial no pulo, pode ser assim.

00H:45m:47s

Eu sempre acho que as hipóteses negativas sobre o mundo são mais fáceis de ser comprovadas. Hipóteses, suspeitas, de que na verdade existe alguma coisa que não é tão boa assim que está por detrás. Acredito que inclusive as experiências de vida levam muito a gente é isso certo desencanto.

00H:46m:07s

O desencanto é sempre bom companheiro para inteligência, né o desencanto. Mas, eu acredito que ainda sim pode haver, e aí eu peço por exemplo tem um trecho de um livro do Dostoiévski, “Irmãos Karamazov” que o Freud adorava, essa história do parricídio, cara arquiteto a morte do pai e o outro irmão lá e o povo mata. Ele tem um pai, e seus irmãos aí ele tem um pai terrível que eu Freud se refere como pai primevo.

Que é aquele pai que usa Freud imagina no texto chamado “Totem e Tabu” que era o cara que pegava todas as mulheres para ele, pegava toda comida e achava os filhos morrerem né E aí eles vão Matão ir aí te liberta desse pai.

00H:46m:47s

Esse pai terrível do “Irmãos Karamazov”, ele tem uma cena que ele vai adiante de um monge, que é a única cena do livro inteiro, em que ele disse olha na verdade eu tenho muito medo, na verdade eu sempre tive muito medo, por isso que eu me transformei nessa pessoa insuportável que eu sou.

00H:47m:04s

Então eu acredito que você pode sim peguei no pulo, a gente tá acostumado a fazer jogos de cena para sobreviver.

00H:47m:13s

É por isso que quando você de repente encontra alguém desarmado, ou você encontra alguém com quem você tem a sensação de tá tendo uma experiência verdadeira, parece um milagre. Mas eu acho que às vezes pode acontecer.

00H:47m:23s

Willian Corrêa: Mais uma pergunta desse bloco eu vou passar para o Cauê Moura e o PC Siqueira abre o próximo bloco está bem PC, vamos lá.

00H:47m:30s (Questão 16 - Cauê Moura)

Cauê Moura: Vamos lá, é o que é sobre a conclusão da pergunta que eu fiz o Pondé respondeu muito bem, falando que é muito mais fácil odiar do que amar e se mostra especificamente verdadeira ou quando o assunto é política. Hoje em dia na internet as redes sociais foram tomadas por uma animosidade uma briga de time que mais parece futebol um dia algumas eleições foram decididas inclusive, pensando nos candidatos que eu não gosto.

00H:47m:54s

No Rio de Janeiro eu vou votar para prefeito, no Bispo, ou não cara de direitos humanos, não porque eu gosto deles mas porque eu não gosto do outro, existe essa, essa briga.

00H:48m:04s

Mas eu vejo que, enfim, espero que um dia isso possa amadurecer, eu não sei se a gente pode considerar que de 2014 para cá dessas eleições, foi que a coisa começou a ficar muito mais online e talvez ainda somos adolescentes nessa discussão política, se a gente pode torcer para que o ódio, se assim saia de lado e a gente possa amadurecer nessa discussão dia.

00H:48m:25s

Você acha que é possível podemos ser otimistas?

00H:48m:27s (Descontração)

Leandro Karnal: O Ponde otimista?

00H:48m:31s

Luiz F. Pondé: Eu sou um cara otimista, eu levanto todo dia de manhã.

00H:48m:38s

Leandro Karnal: Mas a sua mulher, ele toca fora da cama.

00H:48m:40s

Luiz F. Pondé: Não, ela é amorosa, ela é amorosa.

00H:48m:43s (Resposta 16 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu diria assim, eu acredito que a democracia, as pessoas se envolvem com democracia, assim de debater e tal quando ela tem raiva.

00H:48m:54s

Eu não acredito na teoria da racionalidade na democracia. Não acho que, acho que é um mito.

00H:49m:00s

Ou você está ocupado, fazendo a janta, levando a criança para escola e no meio de disso você tem que votar.

00H:49m:07s

É muito mais fácil quando você tem alguma, posição que você detesta claramente, como o bom exemplo que você deu no Rio de Janeiro, né ou você voltar para o cara dos Direitos Humanos, ou você voltava no Bispo. Ou você odeia um deles e vota no outro né.

00H:49m:22s

Eu acredito que há de mais pessoas quando se envolvem, e muito quando eu bati o político e aí talvez seja uma opinião pouco estranha que eu tenho, eu não acho que as redes sociais criaram animosidade, eu acho que as redes sociais deram a chance das pessoas poderem manifestar animosidade. Que está implicada na participação democrática né.

00H:49m:44s

Quando eu me dou trabalho de discutir política, sair da empresa - Fora professor e aluno terá tempo discutindo política que inclusive faz parte do salário - fazer isso né, e do cara passar a matéria. Mas assim fora isso, quando eu me proponho a discutir política, é porque eu já estou sendo movido por algum tipo de tara.

00H:50m:03s

A ideia de que eu discuto política porque eu tô querendo fazer uma racionalidade na sociedade, eu não acredito nisso.

00H:50m:10s

Willian Corrêa: Muito bem, vamos fazer mais um ligeiro intervalo e voltamos já, já com Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e a bancada de influenciadores digitais.

3º Bloco

00H:50m:28s

Willian Corrêa: Estamos de volta para o terceiro bloco da entrevista com Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e a bancada de influenciadores digitais.

00H:50m:37s

Você também pode participar é só mandar sua pergunta ou comentário para #rodaviva no Twitter.

00H:50m:43s

Só informação para os senhores aqui, que são influenciadores digitais, somos o segundo lugar no mundo no Twitter e o primeiro no Brasil, Ok.

00H:50m:59s (Questão 17 - Internauta)

Vamos lá uma pergunta que é de um de uma pessoa que participa pelo Twitter, Ana Caruso: “De onde vem essa necessidade de imortalizar se que a internet tornou tão possível e acessível a qualquer um?”

00H:51m:14s (Resposta 17 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Na verdade todos animais buscam sobreviver e nós somos animais racionais nos tornamos mais mítica ainda essa luta né, se os leões fossem racionais pensariam no paraíso onde os leões tocam harpa por toda eternidade.

00H:51m:28s

Estão pegando essa ideia, que é do Renan do século 19, nós queremos sempre se imortalizar. O faraó que faz a pirâmide, a pessoa que escreve um livro e tem essa pretensão de atingir a imortalidade.

00H:51m:43s

Mas é, é sempre uma tentativa estúpida porque todos passaremos, todos são os condenados ao esquecimento é uma das coisas mais bonitas do mundo.

00H:51m:52s

A flor natural ela é bonita porque ela vai passar, a flor artificial é mais feia porque ela é mais permanente, a eternidade é um saco, e os vampiros são melancólicos, sempre são tristes, são depressivos.

00H:52m:03s

A família Cullen é sempre uma família depressiva, então quanto mais for efêmera mais importante uma questão, não é o estágio da felicidade do mundo que é orgasmo está determinado pelo seu caráter passageiro no qual eu suspendo a noção de tempo.

00H:52m:18s

Então essa ideia de sobreviver, é uma tentativa, mais uma tentativa sempre estranha. O bom mesmo é ser esquecido.

00H:52m:27s (Descontração)

Luiz F. Pondé: E eu que sou pessimista, ainda mais com a ideia de que orgasmo é sempre passageiro.

00H:52m:36s

Leandro Karnal: Ué, me conta a formula então.

00H:52m:42s (Resposta 17 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: O pensionista.

Eu acho que a gente busca a gente busca imortalidade. Apesar de que eu eu concordo plenamente com rosa artificial é mais feia do que a rosa que é mortal.

Apesar de que os vampiros são melancólicos, mas são chiques né, tem essa coisa, vampiro chique e elegante.

00H:53m:02s

Ah eu acho que a gente busca e mortalidade Por que a morte é doença é um horror. E nós vamos conseguir, já estamos conseguindo cada vez viver mais, né e vamos conseguir viver mais ainda.

00H:53m:15s

Isso vai criar uma série de problemas com um monte de gente longeva, deprimida, sem ter o que fazer, se vai ter que transformar um mudo no parque temático ridículo, pra todo mundo se ocupar, cada vez menos crianças no mundo que cada vez tem mais dinheiro, que estudar mais e ter menos filhos né.

00H:53m:31s

Mas assim a morte terrível, a doença é horrível. Então me parece absolutamente natural na condição humana que a gente busque imortalidade, não exatamente só no sentido de eternidade, mas o sentido de conseguir viver mais de ser lembrado pelos outros e ser reconhecido.

00H:53m:52s

É a questão de Aquiles, ele ia para Tróia ou ia ficar, se ele fosse ficar se ele é casar e ter filhos a mãe dele fala para ele e ele ser lembrado pelos netos, se ele for para Troia vai morrer lá, mas ele vai ter lembrado para sempre.

00H:54m:05s

Então, tem uma acho que tem uma a uma necessidade na gente e que mesmo que você morra parte da beleza é que os outros sofram e chorem porque você morreu e você continua lembrança deles.

00H:54m:20s (Questão 18 - PC Siqueira)

PC Siqueira: bom, complementando aquela pergunta que eu fiz no começo, você falou que, Pondé falou que, tem um mercado para as pessoas que super expõem na internet e para quem não se expõe, para quem tem que fugir. Eu gostaria de saber o que que é esse mercado que você tá dizendo? E qual lugar vocês que colocam nesse mercado?

00H:54m:42s

Luiz F. Pondé: o mercado você fala da superexposição, ou de fugir?

00H:54m:50s (Questão 18 - Continuação)

PC Siqueira: Desses dois?

Se há um para cada um, o que quer dizer esse mercado e também se você se vê nesse mercado e qual sua posição nele?

00H:54m:55s (Resposta 18 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Assim, olha, aí eu demorei um tempo para entrar nas redes sociais. Ainda de certa forma, eu estou, mas não estou, eu tenho uma empresa 4 ex alunas minhas da FAAP, que tem uma empresa e trabalham as minhas mídias sociais.

00H:55m:10s

E eu, uma vez eu tava no programa de televisão e o entrevistador, ele comentava e perguntava para mim uma coisa sobre a seção de comentários da Folha, as colunas do online, e eu falei assim: nunca vi.

00H:55m:26s

Você nunca viu um comentário sobre seu texto online, falei, não nunca entrei no online da Folha, eu leio a Folha no papel. Mas você não se interessa em saber o que que essas pessoas estão criticando você?

Isso gerou um monte de e-mails que foi inclusive para redação né de como eu tinha falado uma coisa como essa.

00H:55m:50s

Então a minha certa resistência inclusive por uma questão de tempo e negação de temperamento né. Acho que tem uma pessoa de temperamento em mim também. Eu sempre fui o mais resistente menos inserido nas redes sociais até hoje sou pouco inserido nas redes sociais eu não sou muito ativo nas redes sociais.

00H:56m:12s

E quando você pergunta onde eu estou, aquela minha atitude de dizer que eu nunca entrei no Online e não estava preocupado com que os leitores falavam mal de mim e isso por si só é um mercado, “Po o Pondé não tava nas redes sociais e não tá nem aí porque os caras comentam” isso gera demanda

00H:56m:31s

É claro que eu não tenho nenhuma dúvida de quem se dedica as redes sociais hoje seja lá e criatividade for a tendência que ele ganha mais dinheiro, a tendência que ele tenha mais resultado, porque às vezes sociável a ferramenta de marca e não só

00H:56m:45s

Pc Siqueira: Espero que você seja certo cara

00H:56m:48s

Luiz F. Pondé: Eu digo assim não tanto se você está bem eu não estava pensando a pessoa que eu acho que se aplica alguém que constrói sua vida nas redes sociais, mas qualquer tipo de profissional que está do lado de fora e usa as redes sociais como o marketing.

00H:57m:02s

Eu não tenho dúvida que as redes sociais sendo tão fundamentais como estão hoje, para o marketing para divulgação, quando você não atua nas redes sociais de forma agressiva, a tendência que você como produto seja menos vendido, menos visualizado, o que circule menos resultado, é um mercado.

00H:57m:20s

Pc Siqueira: Mas a gente pode ser mais valorizado se você se distanciar

00H:57m:24s

Luiz F. Pondé: eu acho que a um mercado também para uma relação mais conservadora, como se falaria economicamente, não politicamente, uma relação mais conservadora com as redes sociais também a mercado.

00H:57m:38s

E eu acredito como eu dizia para Tati, a pouco né sobre a resposta romântica, eu acredito que é porque existe sempre uma reserva de mercado formal estar romântico na modernidade. E essa reserva de mercado pode aparecer por exemplo, em temperamentos que tem uma relação com as redes sociais um pouco mais distanciada, e isso pode ser visto como um tipo de produto e com isso eu digo onde eu me coloco.

00H:58m:06s

Willian Corrêa: Vamos lá Hugo

00H:58m:14s (Questão 19)

Hugo Gloss: Você falou da Ilha da Fantasia que é um lugar onde, um seriado...

Leandro Karnal: você não lembra né.

Hugo Gloss: não, não lembro, tenho a referência, mas nunca assisti.

Leandro Karnal: Não se preocupe isso passa, a juventude passa.

00H:58m:14s (Questão 19 - Hugo Gloss)

Hugo Gloss: Mas isso me fez lembrar de uma série atual que tem agora na HBO chamada *Westworld*, que existe um mundo o que é real e ao mesmo tempo.

00H:58m:22s

Então que a gente iria, a gente pagaria, para viver experiências que a gente teoricamente não poderia viver na vida real: então essa série existe um mundo como se fosse um Faroste, que você paga uma quantia, você iria por uma experiência real, onde você pensa em sexo, mas você pode matar as pessoas, as pessoas não podem te matar.

00H:58m:38s

E fazendo um paralelo, comecei a pensar sobre essas experiências que a internet nos traz, da gente de repente ceder aos nossos instintos de uma forma anônima.

00H:58m:48s

E até que ponto isso pode passar a vir para nossa vida real, como eu já escutei gente dizendo: Fulano entrou na escola e matou, não tem quanto por que jogava muito videogame, que matava as pessoas.

00H:59m:00s (Resposta 19 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Ao contrário do passado onde não havia videogames ninguém matava ninguém. Na segunda Guerra Mundial ocorreu em quando não havia nenhuma internet nós conseguimos matar 55 milhões de pessoas. Esse número ainda não conseguimos superar.

00H:59m:13s

A ideia de que a nossa violência estimulada pelos videogames, é possível que ela seja o mesmo que estimulada seja controlado pelos videogames.

00H:59m:22s

A minha dificuldade a estabelecer não como disse o Pondé a pouco no lançamento livro, nós que Platão estava errado, que se faz cair a câmera na cabeça, e não se pode dizer uma heresia dessas.

00H:59m:32s (Descontração)

Luiz F. Pondé: eu sou um herese.

00H:59m:33s (Resposta 19 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Você é um herese platônico.

Na verdade não há uma distinção muito clara e entre o mundo real e o que que é mundo virtual, nós temos inúmeras maneiras de alterar a consciência: quando eu tomo café expresso, estou alterando minha consciência, quando eu bebo vinho, estou. Para ficar só nesses exemplos possíveis para um programa família como esse.

00H:59m:54s

Quando eu estou tentando entrar num campo em que você quando sai de casa, quando você viaja você também é outra pessoa.

01H:00m:07s

Jacques Le Goff, ao falar dos intelectuais na Idade Média da Universidade Paris, comenta como um estudante pacata do interior da Alemanha uma das partes mais subdesenvolvidos da Europa medieval, ia para Paris e virava um arruaceiro lá ele estava longe do controle da família.

01H:00m:23s

Como é que estudante se transforma. Essa ideia foi testada num livro e no filme maravilhoso, chamado “Senhor das Moscas” que é uma obra, uma reflexão maravilhosa, sobre como pessoas que estão no ambiente A e no ambiente B se transformam por completo então.

01H:00m:39s

Há que se pensar se a Internet traz uma novidade para as pessoas se os videogames trazem uma novidade, se óculos de realidade virtual trazem uma realidade, ou permitem que você enfim descubra quem você é e a sua realidade possa vir átona.

01H:00m:56s (Questão 20 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: Pondé, essa questão aí do mundo virtual se sobrepõe ao mundo real. Tem sempre alguma dúvida se as pessoas estão buscando isso porque estão sentindo muito solitárias, ou não.

01H:01m:10s

Então isso ameniza a solidão ou potencializa mais ainda solidão? Por que que tem tanta gente buscando as, as redes sociais? Toda essa essa conversa se manter contato com outro, esse pertencimento né, todo mundo quer se pertencer a este, e você falou que não tá nem aí né. Mas porque que as pessoas estão correndo mais atrás disso?

01H:01m:32s (Resposta 20 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu eu acredito que dá para dar duas respostas contrárias e a essa velha ambivalência né

01H:01m:39s

William Correa: Que gera a audiência, na internet.

01H:01m:44s (Resposta 20 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Então, vamos a ela, então assim eu acho que as redes sociais elas podem potencializar um certo grau de solidão, se você é uma pessoa que quase não tem vida.

01H:01m:57s

Eu alguns anos atrás participei de uma análise de uma pesquisa de uma grande empresa americana que tem canais aqui no Brasil de televisão, e a pesquisa de interessante que um dos dados ela mostrava que a partir de 30 anos, topo 50 anos as pessoas eram mais dependentes de likes do que alguém de 15 anos.

01H:02m:18s

A medida que a pessoa está com 50 anos, a profissão já pode ter dado errado o casamento pode ter dado errado, se não casou já viu que a solidão também não essa grande coisa, nem você é tão interessante que as pessoas queiram você a vida inteira. Os filhos já não são mais aquilo que você que achava que eles iam ser, ruim você não pode mostrar para um cachorro porque você optou pelos filhos.

01H:02m:40s

Então assim, você chega lá pelos 50 anos, você não é mais interessante e tal. Então o que a pesquisa mostrava que as pessoas mais velhas eram mais dependentes dos *likes*, do que as pessoas mais jovens, porque inclusive os mais jovens estavam usando as redes sociais inseridas na vida real delas.

01H:02m:59s

Elas tinham a maior parte das pessoas com quem ela, ela falava eh eh, são pessoas com que elas convivem na faculdade na escola, certo, ou na agência de trabalho falando de pessoas que fazem o uso das redes sociais são pessoas que trabalham nas redes sociais.

01H:03m:15s

Então por isso eu quero dizer o seguinte, William, eu acho que as redes sociais elas podem potencializar a solidão, mas nem sempre, pelo contrário ela pode facilitar com que você encontre pessoas que você não encontrava muito tempo.

01H:03m:30s

E aí tem uma coisa que alguns autores falam de era pós-digital, que é justamente uma era em que não tem uma diferença entre o real e virtual.

01H:03m:38s

Você pode tá usando redes sociais para um tipo de relacionamento, que ele vai se transformar em relacionamento real, ou ele tem momentos presenciais, momentos virtuais, e, no entanto, você não pode ser que esse relacionamento pessoal só acho que a gente já passou disso.

01H:03m:50s

William Corrêa: Bem vamos tomar só mais uma pessoa que nós temos Paulo Cuenca

01H:03m:50s (Questão 21 - Paulo Cuenca)

Paulo Cuenca: primeiro eu queria dizer que você virou youtuber e não sabe. O que você postou mais de um vídeo por semana esse ano, com 87 vídeos no seu canal é uma boa frequência.

01H:04m:02s (Descontração)

Leandro Karnal: Denuncia, que denuncia.

01H:04m:05s

Luiz F. Pondê: As meninas que trabalham, as meninas que fazem minhas redes sociais são muito boas, depois eu passo o contato.

01H:04m:13s

Paulo Cuenca: Você uso o charuto, faz [inaudível], tem toda uma persona ali também.

01H:04m:18s

William Correa: Quem manda matar vai pra cadeia também.

01H:04m:22s (Questão 21 - Paulo Cuenca)

Paulo Cuenca: Você fala muito sobre a falta né, o vazio, na vida das pessoas e como elas vêm no outro possibilidade é o de viver outra vida, o atacar falando sobre inveja e os momentos agora, teoricamente, essa representatividade de várias vozes construiria vários espelhos na sociedade, porque tem um cara que luta esgrima, que você pode identificar até o cara que fuma charuto, que você possa se identificar: o Conservador, o Progressista.

01H:04m:48s

Tem um nicho para tudo hoje em dia né, que desde o Orkut, agora no YouTube e as redes cada vez mais amplificadas.

01H:04m:56s

Mas essas pessoas que se destacam que as pessoas mais seguem, elas acabam fazendo uma edição mais pesada da vida, elas têm uma linha editorial muito mais precisa, e elas acabam sendo inatingíveis, também um pouco uma coisa que é difícil alcançar.

01H:05m:12s

A gente não daria então construindo em vez de espelhos, espelhos invertidos de Narciso em que a pessoa olha vê o que ela não tem e não o que ela tem?

01H:05m:20s (Resposta 21 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Uma questão interessante o mito de Narciso contém duas ideias a Primeira ideia é a maldição que ele não pode olhar sua própria imagem que ele não vai conseguir desviar dela.

01H:05m:32s

O segundo é que a Ninfa Eco apaixonada por ele, e que no momento que ele se fixar na sua imagem, o amor dela vai ser perdido, tanto que ela fala o nome dele, o nome dele: Narciso, Narciso, ele só vai ouvir sua própria voz, que ela se torna ninfa Eco “prenúncio de todas as relações humanas”.

01H:05m:49s

Então entre o nosso cercamento narcísico e a nossa incapacidade amorosa, flutua toda essa projeção.

01H:05m:57s

A inveja é uma reação natural automática, ela funciona como uma homenagem invertida. A inveja é minha incapacidade de me alegrar com a sua alegria e a minha dor em te ver feliz, que é diferente da cobiça, mas a inveja é natural no mundo que expôs tudo. E hoje nós temos mais crime por status o que crimes famélicos.

01H:06m:17s

Talvez a 100 anos se roubasse para comer, hoje eu roubo para ter o seu iPhone 6 Plus, em breve vou te roubar pelo iPhone 7. Ou seja, é uma capacidade de eu querer o status que você tem. Uma dificuldade em lidar com isso.

01H:06m:32s

Mas usando e desenvolvendo uma ideia que o Pondé tocou, antes nós íamos a casa das avós, como eu ia casa das minhas avós e a conversa era muito chata, então hoje os jovens têm a internet para se refugiarem daquela chatice.

01H:06m:46s

Gente mais velha fala de doença, fala de remédio, fala de uma vida que tem uma perspectiva de finitude. Então eu vou, e fico lá vendo qualquer bobagem que melhor do que aquilo, é um refúgio e uma defesa e antes nós não tínhamos isso, nós vamos obrigada a prestar atenção na conversa e hoje ela faz com que aquele silêncio do elevador seja preenchido tu foi lá consulta algum post na sua internet.

01H:07m:13s

Então, é narcísico, mas sempre foi narcísico, na tudo é sempre narcísico.

01H:07m:20s

Willian Corrêa: vamos para mais um rápido intervalo e voltamos a já para o Quarto e último bloco da entrevista com Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e a bancada de influenciadores digitais

4º Bloco

01H:07m:40s

Willian Corrêa: Estamos de volta para o quarto e último bloco da entrevista com Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e a bancada de influenciadores digitais. Você também pode participar é só mandar sua pergunta ou comentário para *hashtag* Roda Viva no Twitter.

01H:07m:53s

Só lembrando que a nossa transmissão aqui na TV Cultura, vai até às 11:30 da noite, de 11:30 à meia-noite estaremos juntos só com transmissão no YouTube.

É só você acessar [youtube.com.br](https://www.youtube.com.br), barra Roda Viva, que vai ter um link lá, clica que estaremos ao vivo aqui ainda, meia hora mais de programa.

01H:08m:12s (Questão 22 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: Vamos lá Pondé, essa nova geração, boa parte dessa nova geração, adquire com muita rapidez relevância na internet né, E muitos jovens e significa: dinheiro, sensação de poder, você vê algum perigo nisso?

01H:08m:30s (Resposta 22 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: O sucesso é sempre um perigo né.

01H:08m:32s

Eu tenho para mim com certeza que o sucesso desumaniza bastante, quando você facilmente, quando você começa a ter sucesso você começa a perder um pouco a noção das coisas. E aí é necessário um certo cuidado para isso.

01H:08m:47s

Isso em qualquer idade né, eu, eu sempre suspeito que uma certa dose de fracasso humaniza muito mais do que o sucesso.

01H:08m:56s

Se você falar de gente muito jovem então, em que de certa forma a quando você é mais jovem a sua própria fisiologia faz você tem a impressão de que a vida é um sucesso.

01H:09m:06s

Parte, a maior parte da vida você ainda não aconteceu, você tem uma sensação de que você vai conseguir fazer o que você quer, e principalmente porque você enche a cara e no dia seguinte levanta e vai fazer uma prova. uma hora de sono ou sem dormir nada, como já havia aluno fazer chegar para ir enfrentar uma situação com a maior cara de quem tava na maior balada do mundo.

01H:09m:27s

Então, essa fisiologia já dá ao Jovem eu acredito uma condição de ele achar que ele então, portanto é mais feliz tem mais controle das coisas.

01H:09m:37s

Se ele tem sucesso sendo jovem, acredito que o risco dele cair uma chave de se achar o máximo, e de repente fica mais arrogante, ou de repente não ter um pouco aqueles reparos que uma idade maior dá para você uma experiência de vida maior: fracassos né.

01H:09m:59s

Esse sofrimento de todos os tipos da você um certo o maior cuidado com as coisas, então acho que gente que atingiu sucesso muito rápido é muito jovem pode sem cair na experiência.

01H:10m:10s

Willian Corrêa: Qual é o seu conselho tio Karnal.

01H:10m:16s (Resposta 22 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu acho que tanto sucesso quanto fracassos são problemáticos.

01H:10m:20s

A grande questão é como você mede essas duas questões: o sucesso tem várias questões positivas.

01H:10m:29s

Enquanto jovens alunos, que eu e com de orientamos nas universidades lutam por publicar seu primeiro livro, as editoras correm atrás da gente para que a gente escreva livros, nós não conseguimos acompanhar tudo isso, esse é o lado bom das coisas.

01H:10m:42s

Muita gente facilita o trabalho das pessoas, mas naturalmente acho que é questão seja do fracassado da pessoa de sucesso é acreditar na personagem, você começa a acreditar na personagem fica um pouco escravo desse papel.

01H:10m:57s

A ideia como eu respondi uma vez uma entrevistadora que me disse: você se tornou se tornou vaidoso com essa exposição? não de jeito nenhum, eu já era antes, essa exposição apenas confirmou que eu sempre fui vaidosa, sempre cheio de mim, finalmente o mundo reconheceu essa minha vaidade.

01H:11m:16s

Essa resposta uma resposta honesta.

01H:11m:20s (Questão 23 - Tati Ferreira)

Taty Ferreira: eu quero que vocês tão muito complicado para mim que às vezes me dá uma luz agora: é o seguinte: é possível ter uma vida autoral em meio a tanta influência.

01H:11m:34s (Resposta 23 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu acho que se você seguir os autores corretos...

01H:11m:38s

A angústia da influência, é angústia tratada, tem livro, isto é o tema de um livro “A angústia da influência”.

01H:11m:45s

Eu acho que Shakespeare leu o Marlowe, eu acho que Milton, leu Shakespeare, Voltaire criticou a todos mas leu a todos eles, né. Eu acho que não existe Hegel sem Kant, não existe Einstein sem Newton.

01H:12m:00s

Então a questão não é você se deixar influenciar, de citar autores, mas é como você relatora reinventa e reescreve todas essas questões. Não dá para ser inteiramente original todo tempo.

01H:12m:16s

Quando Picasso repete a série das meninas de Velásquez e faz tantos quadros sobre o seu grande amado Velasquez, ele faz uma outra questão como a outra linguagem. Quando Francis Bacon repita o quadro de Velasquez sobre Inocência Décimo, ele também está fazendo uma outra questão.

01H:12m:33s

Eu não me preocupo com originalidade absoluta, eu me preocupo, que erudição é você citar as pessoas conhecimento e você interpretá-las dentro da sua realidade, resignificá-las, reproduzir um sentido novo e se eu acho bastante original pelo menos.

01H:12m:53s (Questão 24 - Cauê Moura)

Cauê Moura: queria voltar um pouco na discussão do real e virtual. Como eu estava falando que as pessoas ficaram indignadas quando souberam que não tem uma participação ativa na internet a nova geração nasce na internet hoje é absurdo pensar que uma pessoa de 14 anos de idade não tem participação nas redes sociais.

01H:13m:10s

Hugo Gloss falou do *westworld* que é uma série de ficção, onde as pessoas podem pagar para entrar no mundo virtual simulado, mas a verdade é que no mundo real, os óculos de realidade virtual começaram a crescer, e isso já passa a ser realidade, você pode fugir literalmente da realidade em todo mundo virtual e aparecer tipo de óculos já começou a ser criado pornografia, inclusive onde as pessoas estão desenvolvendo roupas que vão simular o tato das pessoas e tudo mais.

01H:13m:36s

Eu queria saber se a gente pode ter uma visão pessimista, talvez até um pouco apocalíptica, de que no futuro as pessoas vão abrir mão 100% do relacionamento offline e necessidades são básicas, como sexo por exemplo se está em extinção de alguma maneira.

01H:13m:52s (Resposta 24 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu assim eu acho que o sexo pode estar em extinção porque as pessoas são muito limpinhas. Quer dizer tem muito álcool gel, muita preocupada.

01H:14m:04s

Para você fazer sexo, tem que abrir mão de uma certa saúde.

01H:14m:09s

Então, não acredito que as redes sociais ou realidade virtual vão acabar com sexo, acho que a gente vai acabar com ele antes disso, pela preocupação com a saúde tal agora com relação.

01H:14m:18s

Agora com relação, eu lembro no começo dos anos 90 se debatia já isso inclusive com roupas que geram em você sensação, engana o cérebro e daí você tem a impressão de um ato sexual real ou qualquer outra coisa comeu a maçã né.

01H:14m:35s

Eu acredito o seguinte primeiro isso tudo será sustentado O que é economia de mercado tá rodando a toda.

Assim, o capitalismo é tão é tão poderoso que você pode ganhar dinheiro e ficar rico até falando mal dele, então assim se o capitalismo quebrar coisa que nunca aconteceu, apesar de um outro dizendo que aconteceu nunca aconteceu se a saudade não é pecado quebrar isso tudo acaba e a gente volta para pré-história em duas semanas.

01H:15m:01s

Então, toda essa coisa da realidade virtual da possibilidade de transar, e aí a gente vai até transar mais, porque na pré-história se transar mas que as pessoas eram um pouco menos limpas.

01H:15m:11s

Então assim, eu não acredito na verdade que a gente chega numa situação Apocalíptica como essa, né. Acho que a gente pode chegar numa situação Apocalíptica como essa se a gente associar obsessão por limpeza e narcisismo. A culpa não vai ser da realidade virtual, a empresa só vai oferecer o suporte técnico para que você consiga realizar um desejo anterior, que era o desejo de limpeza total de distanciamento total, e em uma dificuldade de investir no outro que aconteceu narcísica em psicanálise.

01H:15m:42s

Mas, por conta da técnica enquanto tal eu acho que não é não seria apocalíptico nesse nível.

Mesmo você dando iPads para crianças 1 ver se chamava as chamadas de “nativos digitais” por causa disso, não acredito que a gente chega no ponto como esse.

Porque nós somos uma espécie, pré-histórica que fisiologicamente podemos chegar até 100.000 anos idênticos para trás e não saber os últimos 100 anos foram muito atípicos na história da espécie, enquanto mais a era digital que acabou de acontecer, muito atípica.

01H:16m:15s

Cauê Moura: a tecnologia pode ser vista como um meio de repente, mas não como a causa...

01H:16m:18s

Luiz F. Pondé: eu acho que não, inclusive é isso que eu digo os últimos trinta anos a espécie é muito atípicos, se você olhar o arco completo da revolução né.

01H:16m:28s

Willlian Corrêa: Karnal pode responder essa... só os sujeitos que fazem sexo?

01H:16m:34s (Resposta 24 – Luiz F. Pondé)

Leandro Karnal: A ideia não sei se o Pondé concebeu, é você mesma está num livro: “Trilogia suja de Havana” do Gutierrez que ele disse que primeiro lugar, numa Cuba que não tinha nada para comprar o sexo era uma atividade gratuita e muito divertida. Segundo lugar para se dedicar ao sexo e não pode se importar muito com fluidos. E você tem que deixar fluir tudo isso.

01H:16m:57s

Então eu acho que a maior invenção antisssexual do mundo não foi exatamente a internet, mas o casamento. É a única maneira de você abolir o desejo e transformá-lo numa instituição sólida ocidental.

01H:17m:11s

Porque de fato quando você casa você foca na carreira, você passa beijar na testa, você foca na carreira. E agora momento que o torno o sexo proibido, sexo puritanos e o aumento muito desejo por esse sexo.

01H:17m:27s

Não é à toa que em sociedades muito reprimidas você explode o número de estupros, porque o sexo proibido se torna um grande desejo.

01H:17m:38s

Mas, como diz a Shirley Valentine no livro e no filme, o sexo é um pouquinho supervalorizado, e ela compara supermercado: é muito empurra, empurra, muito oferta, mas você sai de lá sempre insatisfeito com a compra.

01H:17m:50s (Descontração)

Luiz F. Pondé: E o pessimista sou eu, que fique anotado aí pra todo mundo.

01H:18m:02s (Questão 25 - Dani Noce)

Dani Noce: A inveja é um sentimento horrível, acho que todo mundo pode concordar com isso. Quando era pequena, se em algum momento eu falei isso para minha mãe, aí eu invejei a chuquinha do cabelo daquela menina da minha sala que eu lembro que eu levei um come, horrível da minha mãe eu não podia internalizar isso de forma alguma, porque a gente não podia sentir inveja dessa pessoa.

01H:18m:26s

Eu não sou perfeita obvio, eu sinto inveja de outras pessoas, mas eu não externaliso isso, eu guardo para mim, como a maioria das pessoas. Só que hoje em dia está cada vez mais comum você vem em redes sociais, as pessoas dizendo: invejei tal coisa, invejei não sei o que, invejo isso em você, e enfim.

01H:18m:47s

Porque essa palavra tá tão banalizada se antes ela era tão tímida?

01H:18m:55s (Resposta 25 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu acho também é lugar aqui são tanto em livro quanto no acho que nós temos distinguem entre cobiça e inveja cobiça é a vontade de ter o que você tem inveja e a tristeza que eu tenho pela sua alegria.

01H:19m:06s

A cobiça pode ser positiva, a inveja é sempre negativa, nunca existe inveja positiva.

A grande questão é de que todos os pecados capitais, inclusive a inveja, a ira, a avareza, a gula, eles são alvo de uma nobilitação pelo narciso, ou seja, a minha ira que eu não levo desaforo para casa, minhas avareza é que eu sou controlado, a minha Luxúria que eu sou uma pessoa realizada integrada.

01H:19m:31s

Então a inveja se torna também, apesar do seu único pecado envergonhado, ele se torna um pecado de condescendência do meu próprio Narciso.

01H:19m:40s

Então, hoje o fato de eu ser tolerante com a palavra inveja tem tanto da confusão com a palavra cobiça, mas vem também do fato que eu acho que o mundo está aí para me servir, que o mundo existe para me servir e eu tenho uma espécie de mimo diante desse mundo e quando eu não recebo tudo eu acho que foi uma injustiça, desse mundo.

01H:20m:03s

E nós estamos estimulando isso, por exemplo, por fazer um campeonato esportivo na escola e dando medalha até o último lugar, para que ninguém se sinta excluído, para que todos sejam felizes para que ninguém tenha inveja de ninguém.

01H:20m:16s

Willian Corrêa: Vamos Hugo Gloss e a resposta faz a pergunta para uma pessoa, é o tempo que nós temos ainda nesse bloco.

01H:20m:22s (Questão 26 - Hugo Gloss)

Hugo Gloss: Recentemente um caso de uma blogueira australiana, que ela se cansou de viver uma vida irreal no Instagram e ela resolveu isso por toda a sua realidade.

01H:20m:33s

Então ela começou a dizer foi paga tanto para postar essa foto, mudar esse vestido para ficar tanta dor tanta praia.

01H:20m:40s

Ao mesmo tempo ontem no Fantástico a gente teve a notícia de um senhor da Rússia, que ficou famoso porque ele criava cenários em que ele apareceu com um milionário na rede ele ganha um monte de lá e tinha um monte de seguidores.

01H:20m:52s

Pensando nisso eu acho que a gente tem claramente uma tendência do que você falou no começo de que a mentira mais atrativa, do que a realidade, o que me faz pensar se a gente está caminhando por uma tendência que todo mundo vai meio que se inventar de algum jeito, para ver se aquilo se transformem em realidade e a gente vai entrar nessa “neura” de um modo operante para agente aparecer de repente vi a ser aquilo que a gente tá postando.

01H:21m:21s

A mentira vai ficar mais forte do que a verdade no futuro?

01H:21m:26s

Willian Corrêa: Essa pergunta para quem?

01H:21m:28s

Hugo Gloss: Pra quem se se sentir à vontade em responder.

Willian Corrêa: Agora tem que ser breve.

01H:21m:30s (Resposta 26 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu acho assim, eu acho que, não acho que é mentira vai sim por absolutamente. Eu acho que não acho que é mentira vai se impor absolutamente mais uma brincadeira com a realidade as redes sociais pode causar.

01H:21m:39s

Eu não sei a história da australiana, mas talvez tem acontecido alguma coisa na vida dela e ela se cansou de fingir e resolveu expor o cansaço do fingimento, com tanto tudo que ela ganhou.

01H:21m:49s

De repente uma experiência que a levou a querer um tipo de redenção, porque como eu dizia a pouco, eu acho que muitos de nós tem uma seta um desejo por verdade na vida, não acho que essa “festa do Caqui”, que todo mundo sai mentindo e tá tudo muito bem porque é tudo relativo.

01H:22m:04s

Então, de repente ela teve um caso como esse. Mas ao mesmo tempo é possível você ficar famoso e ganhar dinheiro fingindo que é rico, porque todo mundo gosta de ver gente rica, gosta de sonhar. Talvez se ele finge que é morto, não ganhou tanto likes, mas fingir que é rico é legal porque as pessoas sonham em ser ricas então oferecem para elas uma imagem de sonho que pode ser divertido.

01H:22m:25s

Willian Corrêa: Muito obrigado eu agradeço a presença do Bruno Rocha, da Tati Ferreira, da Danielle Noce, do Paulo Cuenca, do PC Siqueira do Cauê Moura e do Carlos ruas Agradeço também a você que nos acompanhou até agora e especialmente ao Leandro Karnal e ao Luiz Felipe Pondé, pela entrevista de hoje infelizmente, Nosso Tempo Acabou para quem está nos acompanhando pela televisão mas você pode continuar acompanhando o programa ao vivo por mais meia hora pelo nosso canal no YouTube, é só acessar youtube.com.br, barra Roda Viva, espero você.

5º bloco (Só para Youtube)

01H:23m:18s

Willian Corrêa: Muito bem e você que continua nos acompanhando aqui no Roda Viva especial, falando sobre dilemas contemporâneos, com o centro tendo as duas cabeças brilhantes, Luiz Felipe Pondé e Leandro Karnal. Muito obrigado pela participação né pela permanência.

01H:23m:33s

E agora a gente vai inverter um pouquinho aqui o processo, vocês que estão em casa, que estão no YouTube e fazem as perguntas para qualquer um aqui dos influenciadores digitais ou dos que estão no centro do Roda. Tem uma pergunta aqui ó, para a Dani Noce e Paulo Cuenca, do Rick Doni.

01H:23m:52s (Questão 27 – Internauta)

Dani e Paulo, vocês acham que as redes sociais são as próximas multinacionais que empregarão milhares de pessoas?

01H:24m:00s (Resposta 27 – Paulo)

Paulo Cuenca: Já são né, eu acho que o Google é o valor de capital de mercado dele é maior do que todas as empresas brasileiras juntas.

01H:24m:10s

Willian Corrêa: E você acha que isso gera desemprego, vai gerar desemprego no país também?

01H:24m:14s

Dani Noce: Gerar mais emprego.

01H:24m:18s (Questão 28 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: tá diminuindo as estruturas das TVs na que vocês acham disso?

01H:24m:20s (Resposta 28 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Se vai diminuir não, não acho, quando apareceu o cinema disseram que o rádio ia desaparecer, coisas assim, não acho, acho que hoje é uma tendência.

Na verdade, para uma certa convergência das plataformas, como esse programa aqui hoje a prova disso.

01H:24m:39s

Na verdade, eu acredito que há uma tendência a convergência das plataformas, das Mídias e não necessariamente eliminação delas, ou de uma delas agora também concordo com eles.

01H:24m:49s

Não acredito que o surgimento dessas empresas de redes sociais e tecnologia vá fazer com que o desemprego acabe, sempre tem gente que começa: mas não vai acabar se vai sair a 3, não é vai gerando coisas que a gente nem imagina. Tem um monte de profissão que ela é importante daqui 100 anos que a gente nem sabe qual é hoje.

01H:25m:06s

Willian Corrêa: Você é um Hugo Gloss, vem da televisão né? Você é roteirista.

01H:25m:10s

Hugo Gloss: Na verdade eu fui trabalhar na televisão por conta da internet, por causa do Twitter, então por causa do Luciano Huck programa, conheceram e aí eu entrei no Caldeirão.

01H:25m:28s (Questão 29 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: Agora, como é que vocês explicam essa questão do influenciador digital né, do YouTuber. PC Siqueira, por exemplo, você saiu do YouTube foi para a TV também, vocês estão indo para TV e as pessoas da TV estão indo para o YouTube, como é que vocês explicam essa...

01H:25m:45s (Resposta 29 – PC Siqueira)

PC Siqueira: Eu acho que é uma coisa assim, eu acho que a forma que a gente vai que a gente vê tv vai mudar. As próximas gerações já estão fazendo isso, se você pegar qualquer pessoa que tem filho, ele não assiste, assiste TV, ele vê ali pelo iPad ou pelo celular. É sempre *on demand*.

01H:26m:02s

Eu acho que a única coisa que muda é o formato do *device*, que você vai usar.

01H:26m:08s

Você pode ter um aparelho aqui, isso aqui que é uma versão menor deles e a gente consome conteúdo igual em cada um deles, depende um pouco que muda um pouco a interface, alguma coisa do gênero. Mas há uma coisa que pode mudar um pouco são as grandes estruturas para se fazer as coisas. Quando você vê no caso do YouTube, e todo mundo aqui faz conteúdo que tem bastante acesso né, a gente ali até ganhamos nosso dinheiro e nem alguns ver muito.

01H:26m:34s

Mas a gente não tem mais estrutura dessa, não precisa, não precisa de tudo isso, fica tudo mais não o mais barato. Porém, por outro lado também tem um movimento de começar a um investimento maior das empresas, no caso, do conteúdo da internet que permite que as estruturas cresçam novamente.

01H:26m:52s

Dentro, dentro da produção da internet então eu acho que as emissoras não vão ficar vão ser uma malga. Mas a gente não sabe dizer exatamente que vai ser uma emissora de TV ou uma produtora de internet tudo vai ser internet.

01H:27m:10s

Dani Noce: No nosso caso mesmo, a gente já tem 14 pessoas trabalhando com a gente hoje, então é uma pequena emissora.

01H:27m:15s

Willian Corrêa: Vai mudar os empregados, vão mudar os empregadores.

01H:27m:20s

Paulo Cuenca: O que já está acontecendo, as corporações Times e Warner, enfim, etc. Estão comprando as MCNs, que eram as redes de curadoria, que solucionavam canais no Youtube estão virando *Media Company*, então tá nascendo um monte de estúdio já comprado por medias companhia já estabelecidas no mercado.

01H:27m:36s (Questão 30 – Internauta)

Willian Corrêa: Uma pergunta Pondé e Karnal, do Enio Torres: Na visão das Mentres Brilhantes: O que leva as pessoas a seguirem pessoas que falam mais do mesmo?

01H:27m:47s (Resposta 30 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu acho que segue pessoas que falam mais do mesmo, segue pessoas originais, cultas... Eu acho que sempre houve uma grande quantidade de seguidores, qualquer pessoa que diga mesmo uma frase *non sense*, com o Antônio Conselheiro dizer: o sertão vai virar mar e o mar vai virar Sertão, forma uma cidade no meio do nada e uma Aldeia Sagrada, entre outras propostas.

01H:28m:10s

Eu acho que por vezes escutar o bom senso organizado é bom e por vezes escutar alguma ideia que fuja do padrão, mas pra mim também é um mistério na também.

01H:28m:23s

É uma um mistério porquê que as pessoas seguem tanto as pessoas e quando elas me dizem, não eu gosto de me seguir, vá ler Shakespeare, vá lá Kant, isso é muito mais importante que me seguir, não tem gente muito melhor para você ler e se diz porque a mim. Mas é um mistério para mim e também.

01H:28m:41s (Resposta 30 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu acho que a maior parte do tempo a gente passa procurando um mesmo, mesmo.

01H:28m:48s

Então, você não necessariamente porque você faz essa opção, mas por que a vida te conduza um pouco a ela. A vida tem uma tendência a instituição certo se constituir, no hábito, numa rotina no sistema e, portanto, não me parece estranho que as pessoas na maior parte do tempo ou pelo menos grande parte delas, procure mais do mesmo. Porque aí você reforça a sua visão de mundo você resposta suas escolhas você reforça as estratégias de lidar com os medos que você tem e nesse sentido me parece uma escolha inclusive até racional, mesmo que pareça meio banal.

01H:29m:26s

É, a ideia de ruptura, a ideia de buscar uma vida autoral, como dizia a Tati, são ideias bem presentes no movimento romântico, né. De quere essa angústia bem nietzschiana, de querer uma vida autoral, queria uma vida, ainda que se alimente das coisas à sua volta, você consiga dar uma marca absolutamente pessoal para isso, é o que eu acho isso possível de acontecer, sim acho

isso impossível de acontecer, mas isso se encerra, citando o Karnal a pouco, tem muito ônus, para você ter uma vida autoral, tem muito risco. É mais fácil é você seguir mais do mesmo, e quando eu digo mais fácil não é ironicamente, não tô querendo sacanear ninguém, não fica mais fácil mesmo, você pode ter uma vida mais segura, mas vou te deixar mais tranquila e ter mais amigos assim.

01H:30m:12s (Questão 31 – Internauta)

Willian Corrêa: Olha que um tema para Tati Ferreira que a Michele da Silva, tá te fazendo a pergunta. É possível para os influenciadores digitais mudarem a forma de pensar das pessoas para as questões sociais?

01H:30m:24s (Resposta 31 – Tati Ferreira)

Tati Ferreira: Eu acho que aí a gente volta naquilo que eu falei que eu perguntei da vida autoral e que acabou que vocês responderem uma coisa que eu, ótimo. Por que confirmou o que eu achava, acho que a gente vai pegando um pouco de cada pessoa que a gente convive de cada pessoa que a gente vai sei lá tendo conhecimento ao longo da vida.

01H:30m:43s

E por causa disso Eu Acredito sim, que é possível que a gente vá se informar de alguma maneira relacionando os pontos e as pessoas que a gente convive.

01H:30m:55s

Mas, ao mesmo tempo eu fico com uma dúvida porque, eu também acho que as coisas que vão sendo externadas, na nossa personalidade, assim que vão sendo, que a gente dá uma vazão maior elas já estavam internalizadas na gente de alguma maneira, e às vezes o que acontece é que alguém chega para você e te fala uma coisa, que em algum momento já ia ter aquela sacada de qualquer maneira que muda é quem deu o pontapé entendeu.

01H:31m:25s

Não sei se eu me fiz compreendida, Por que é muito pensamento e minha língua não funciona de acordo com a minha mente. Espero que sim.

01H:31m:34s

Willian Corrêa: o Cauê, e essa essa pergunta aqui também eu vou fazer para os para as minhas mentes brilhantes que estão nesse centro aí, do Alan Lopes, ele tá dizendo aqui, ele tá fazendo uma pergunta:

01H:31m:47s (Questão 32 – Internauta)

“Hoje em dia as mídias sociais estão sendo utilizadas como ferramenta de movimentação política, até que ponto isso é benéfico?” Você falou desse tema que durante no Roda.

01H:31m:57s (Resposta 32 – Cauê Moura)

Cauê Moura: Ah eu acho que a Internet funciona como um meio sabe ela é legal porque democratiza e proporciona a oportunidade as pessoas se reunirem, discutirem.

01H:32m:07s

Foi o que causou a primavera árabe, as manifestações 2013, ela funciona como um meio no fim das contas as pessoas estão interessadas em discutir e é isso a internet nada mais é do que o meio mais democrático possível.

01H:32m:21s

Diferente dos outros meios que trabalham com uma curadoria, né o conteúdo é feito por quem tem o detém o poder ali da grade, a internet é feita pelo que as pessoas querem.

01H:32m:32s

Então, sem dúvida ela funciona como manifestação política, porque exatamente isso, mas com certeza os dois vão poder responder com muito mais competência do que eu.

01H:32m:39s

Willian Corrêa: Karnal.

01H:32m:40s (Resposta 32 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: eu acho que tem uma demonização da política que é equivocada.

01H:32m:43s

Quer dizer, a política não é um conceito negativo, a política é boa, ela pôde estar na internet, ela pode estar na opinião dos jornais como sempre está, nas opções que os jornais e as televisões fazem.

01H:32m:54s

A política tem que ser debatida, a política é uma instituição como dizia Aristóteles, da vida dentro da *polis*, não pode ser idealizada, nem abandonada, por que a omissão da política faz surgir uma coisa pior.

01H:33m:07s

Então, é preciso sempre de bater a política, e sempre será em perfeita, sempre será humana, sempre será limitada inclusive de bater lá nas escolas, debate-la na internet, para que é crítica cresça a política e eu sinto como um dos tantos pontos positivos que essa geração atual é mais politizada que a geração anterior, pelo menos briga muito mais.

01H:33m:30s

Aprendeu a brigar, tá faltando aprender a pensar, mas já é um começo, a tão brigando bastante por política e por posição política.

01H:33m:40s (Resposta 32 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Eu não vejo como nenhum grande drama as redes sociais estarem envolvidas em políticas, que é um desenvolvimento natural. Assim, como a televisão também serviu para política, como rádio serviu para política, e as redes sociais como ferramenta de mídia, também serve para política.

01H:33m:57s

Willian Corrêa: Mas e essa intolerância, polarização?

01H:33m:59s

Luiz F. Pondé: Mas, e aí que tá, assim quando você dá voz às pessoas, as pessoas falam que elas pensam. Inclusive isso é uma discordância entre o Karnal, aqui essa, com correlação a politização dos jovens. Eu não acho que, eu não acho que a politização dita dos jovens seja necessariamente uma ponte com a polícia ação racional eu acho que muitos jovens invadem as escolas que é tão afim de ficar lá mesmo, que não estavam afim de ver aulas, estão preocupados com outra coisa que é mais importante. Não acho que a aja esse crescimento porque a gente porque briga significa que tem uma consciência política mais acertada.

01H:34m:30s

Então, eu, eu vejo a intolerância que aparece nas redes sociais a pergunta falava de perigo, é é é perigo, é porque as multidões são perigosas e as redes sociais elas têm uma certa estética de multidão. Quer dizer você tem aquele movimento de boiada, você tem aquela coisa imediata de você conseguir mobilizar muita gente, de modo rápido, apesar de que muita gente fala que vai não vai.

01H:35m:00s

Então, o medo que dá na verdade, eu acho que o medo e horror e o nojo que algumas pessoas têm como na frase de Umberto Eco pelas redes sociais, é na realidade um nojo, horror, e o medo que existem, do Povo, da multidão, das pessoas quando aparecem quando se manifestam as pessoas têm medo porque parece que vai passar por cima dela.

01H:35m:17s

Então, como não discutir política sem carregar um tanto tom de intolerância. Eu acho que você é um péssimo candidato, você acha que eu sou um péssimo candidato e assim se produz a polarização.

01H:35m:28s

Quem sabe me dizer que você vai xingando falando mal e discutindo você vai envelhecendo um pouco e depois você merece um pouco você perde a vontade de brigar.

01H:35m:37s (Questão 33 – Internauta)

Willian Corrêa: Olha aqui ó vem a pergunta ainda referente é aquela questão da televisão e convergência, será que, a pergunta do Soares Neto de Aracaju.

“Será que a geração de gestores que cuidam da TV tradicional ainda pensa como o passado e por isso tem medo de integrar as mídias.

01H:35m:52s

Hoje a cultura provou que é possível fazer uma convergência estão de parabéns”, E aí Dani e Paulo.

01H:36m:02s (Resposta 33 – Paulo Cuenca)

Paulo Cuenca: eu acho que já estou fazendo algumas, com plataformas próprias não é porque elas querem de ter a possibilidade de monetização dentro de várias telas diferentes, é o que se mostrou muito errado em alguns casos e outros tão usando plataforma de terceiros como vocês estão usando YouTube agora. Então você vai buscar, porque a TV precisa de dinheiro para

sobreviver então se você usando outra tela você não ganha nessa da mente o dinheiro da sua grade, você vai ter que monetizar de outras maneiras como a gente descobriu que nas outras maneiras de monetizar criação de conteúdo, então eu não lembro que eu quero a pergunta.

01H:36m:39s (Questão 34 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: O pensando dos gestores de TVs são tão ultrapassados que eles não conseguem enxergar uma oportunidade de negócio e convergência?

01H:36m:48s (Resposta 34 – Dani Noce)

Dani Noce: é muito mais fácil você produziu uma pessoa, ou seja, pegar uma pessoa do zero e alavancar e controlar toda a carreira dela com o contrato lá que vai dizer o que que ela pode falar, do quê que ela não pode falar do que pegar uma pessoa que já tem uma carreira sólida na internet que já tá anos na internet falando sobre algum determinado assunto e da maneira que quer falar. E daí pegar e ter que tolir, ou não é lapidar, tolir como um diamante essa, essa pessoa. É muito mais difícil ela é muito mais difícil uma pessoa na internet se encaixar e se adequar ao a TV no geral.

01H:37m:26s (Resposta 34 – Tati Ferreira)

Tati Ferreira: e aí eu não acho que nem mais fácil, eu acho que nesse caso sim tentando enxergar pela visão de um gestor de TV. Talvez seja mais cômodo você pegar uma pessoa que não vem com uma carga exata e não vem com um público que já vieram *hate* ou já já era uma adoração então é mais cômodo só.

01H:37m:44s (Questão 35 - Willian Corrêa)

Willian Corrêa: Por que vocês foram para as redes sociais para as mídias digitais?

01H:37m:48s (Resposta 35 descontraída Tati Ferreira)

Tati Ferreira: falta do que fazer eu acho, muito ócio.

01H:37m:56s (Resposta 35 – Cauê Moura)

Cauê Moura: Era a vontade de produzir, qualquer tipo de coisa com uma estrutura zero. Internet foi a única que me permitiu isso entendeu eu não tinha nenhum tipo de estrutura nenhum tipo de Formação técnica em vídeo ou coisa do tipo foi uma câmera e algumas ideias no quarto, foi a única plataforma que permitiu que isso acontecesse.

01H:38m:16s (Questão 36 – Internauta)

Willian Corrêa: Olha aqui, estão perguntante, vale para o centro aí o ponto é a pergunta do Mateus Mizumoto é doença do Matheus dos outros vou fazer daqui a pouco é a pergunta para o bonde aqui do Breno Alencar.

Pondé, será que os influenciadores digitais são os futuros políticos? Como estão sendo artistas e jogadores de futebol?

01H:38m:36s (Resposta 36 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: não acho necessariamente, nem porque, nem todo jogador de futebol virou político, nem todo artista de televisão virou político, não acho que de que dê para fazer essa analogia.

01H:38m:50s

Willian Corrêa: Será que eles têm estômago para isso?

01H:38m:51s

Luiz F. Pondé: Inclusive porque como eu disse nem todo jogador de futebol virou político, nem todo artista viu político.

Apesar de que o influenciador digital ele tem uma pegada, entre digamos assim, alguém que está produzindo análises políticas, críticas, mesmo que não faça de forma objetiva, isso ou de forma intencional.

01H:39m:11s

Mas, também tá ali na fronteira com o marketing ali né porque tem que produzir a sobrevivência. Então, isso talvez de alguns influenciadores digitais uma maior cancha para se transformar num político do que o jogador de futebol ou um artista que não está fazendo isso o tempo inteiro. Mas não acho que seja uma questão de vocação, né.

01H:39m:30s

Eu imagino por exemplo aqui se eu, a resposta que o Cauê deu que eu entrasse na nas redes sociais com a questão de plataforma disponível e a liberdade que ela dá, de repente vira político pode ser um p*** bode, você entrar nesse jogo de política, nesta liturgia que a política tem aí eu acredito que temperamento é destino.

01H:39m:52s (Resposta 36 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: Eu acho que é a fama é um produto. A fama era uma deusa para os gregos e aquela é um produto e sendo um produto colocado na praça ela pode resultar em *merchandising*, pode resultar em projeção pessoal e pode resultar também numa carreira política, onde você quer estender essa fama um certo projeto que associe poder.

01H:40m:15s

Mas, talvez hoje A que se refletir se o domínio dessa fama, o domínio da internet não são poderes maiores do que um cargo de vereador ou de deputado, ou seja, de que ter dois milhões ou seis milhões seguidores não sejam muito mais poderoso do que 220 mil eleitores, por exemplo.

01H:40m:35s

Talvez isso seja uma reflexão curiosa, nós estamos deslocando da política tradicional que já não é uma grande coisa hoje, para esse mercado que envolve essa fama.

01H:40m:45s (Questão 37 – Internauta)

Willian Corrêa: uma pergunta para o Bruno, para o Hugo Gloss e também para o PC Siqueira aqui, enviada pela Renata Oliveira: a internet não está formando uma legião de pessoas que só leem as chamadas e não se aprofundam.

01H:41m:00s (Resposta 37 – Bruno Rocha)

Hugo Gloss: Com certeza como toda certeza absoluta... E hoje em dia existe até uma técnica que alguns veículos adotam que é exatamente de fazer colocar um título que às vezes é meio dubio para que a pessoa tem o trabalho de repente clicar lá. E é engraçado porque às vezes as pessoas que seguem e já tem a sua própria técnica de burlar essa técnica quer pegar copiar o conteúdo e colocar no comentário para pessoa não ter o trabalho de lá olhar.

01H:41m:29s

As pessoas com certeza, é o que eu falei assim, que acaba se acaba se tornando verdade estou repetindo muitas vezes tem realmente aferição que entra um pouco nessa da questão da ética na internet e tudo porque as pessoas realmente têm preguiça. Elas querem que você de tudo ali esmiuçado para elas vão assumir pela sua interpretação.

01H:41m:49s

Então realmente tem o poder de manipulação que se você quiser passar uma inverdade, uma mentira como eu falei a gente pode entendeu.

O que é muito louco, obvio que até o momento alguém vai vir me desmentir. Mas até esse momento aconteceu posso causar grandes danos, o que é bem preocupante a gente saber que as pessoas realmente não estão preocupadas em realmente temos que informar, elas querem que você já mastiga e dê na boca delas.

01H:42m:14s (Resposta 37 – PC Siqueira)

PC Siqueira: Então, eu acho que é uma boa ferramenta de manipulação de mídia nesse caso, é muito usado aí nos grandes jornais fazer em algumas manchetes, que fazem as pessoas da que dá um *retweet* ou dar um *share*, nas que naquelas coisas, como se aquilo fosse uma verdade às vezes você lê é exatamente o oposto né tem aquela discussão sobre p*** senão você não vai checar o conteúdo antes de compartilhar e também por um outro lado existe um negócio chamado *clickbait*, o que é a quando coloca uma notícia que parece muito muito real e na verdade ou mentira.

01H:42m:50s

É o caminho ao contrário sem que a inveja de você compartilhar e obriga você entrar e ler, e você fica frustrado nesse sentido, que é para ganhar clicks para ganhar a ganhar com o celular banners ou qualquer coisa do gênero.

01H:43m:03s

Então tem esses dois tipos de mentira, o que o que engano você tá compartilhar e o que engano você para entrar e ver o conteúdo.

01H:43m:13s

E é engraçado que a gente geralmente sempre cai nos dois, ao invés de você ir lá e checar notícia de fato a você compartilha ela como se fosse verdade, e nas nos links que você acaba entrando para ler, ele geralmente são mentirosos porque o marketing é uma coisa muito poderosa, consegue realmente te enganar em vários sentidos.

01H:43m:34s (Resposta 37 – Paulo Cuenca)

Paulo Cuenca: Isso daí é só uma replicação do que acontece no mundo offline, porque a manchete de jornal é um título com uma foto que não tem a ver com o título, mas te induz a ter uma interpretação dúbia daquilo ali e a tiragem jornal que um por cento da população nacional, o resto compartilha na voz “se viu que aconteceu”. Isso aconteceu antes da era online que o

compartilhar era né, a catequese do negócio lá que você falava que tinha acontecido no dia e na verdade ninguém abriu para ler o *clickbait* offline.

01H:44m:07s (Questão 38 – Internauta)

Willian Corrêa: olha pra gente encerrar, uma última pergunta do Meio mensagem que esta aqui na plateia a um minuto é influenciador escreveu a 1 minuto: influenciadores digitais são os novos filósofos?

01H:44m:23s

Tati Ferreira: Com bem menos estudo e com bem mais senso comum?

01H:44m:26

Willian Corrêa: o que é preciso para ser um filósofo?

01H:44m:28s (Resposta 38 – Luiz F. Pondé)

Luiz F. Pondé: Quem é a figura do filósofo hoje, que é associado alguém que tem diploma estuda faz faculdade mestrado, phd, doutorado, pós-doutorado certo digamos assim, alguém que tem um diploma de Filosofia. E ao mesmo tempo tem a figura do filósofo que tem na verdade mais a ver com a sua fonte na que é alguém que tem um dom e o interesse por organizar o conhecimento e olhar o mundo como a gente fala e filosofia fora do senso comum distante do senso comum.

01H:44m:59s

Significa olhar o mundo de um modo não tão comum e não tão banal como cotidiano.

01H:45m:06s

Eu tenho muitos colegas que estudar a filosofia comigo e se transformar em profissionais de Kant, profissionais Descartes, profissionais de Platão e passam a vida inteira lendo esses autores interpretando e analisando e, portanto, não estão fazendo filosofia no sentido de uma ferramenta que de alguma forma dialoga com o mundo, e tenta entender o mundo esses complicar o mundo.

01H:45m:31s

Então, nesse sentido de novo, acho que você pode ter de repente alguém que tá na nas mídias sociais e por temperamento. Porque é muito difícil fazer filosofia se você não andar em algum repertório, é muito difícil, independente do diploma ou não, você tem que ter alguma disciplina para angariar o repertório para produzir algum tipo de olhar pelo mundo que não seja um olhar banal, de senso comum, como se fala em filosofia.

01H:45m:57s

Você pode alguma forma conseguir isso fora da faculdade, se você tiver alguma disciplina e o certo outra é temperamento, então não acho que os influenciadores de mídia serão os futuros filósofos, né mas acho que você pode ter em prestadora de mídia que num dado momento se diferenciam em termos de repertório se interessam por um olhar um pouco mais sofisticado pelo mundo pouco mais complexo, de repente podem fazer a função de um filósofo sim, porque não.

01H:46m:22s (Resposta 38 – Leandro Karnal)

Leandro Karnal: acho que é pesado dizer que somos novos filósofos. Mas seria talvez mais correto dizer que no nosso mundo, líquido contemporâneo, pós-moderno, existem muitas fontes de pensamento e uma dessas fontes são esses influenciadores de mídia. Se não merecem o título de filósofos profissionais, como o fato de receitar um chá não me torna médico, mas fazem parte de um processo de elaboração social de si mesmo de representação desse mesmo então são pensadores do mundo contemporâneo bastante influentes fortes e importantes.

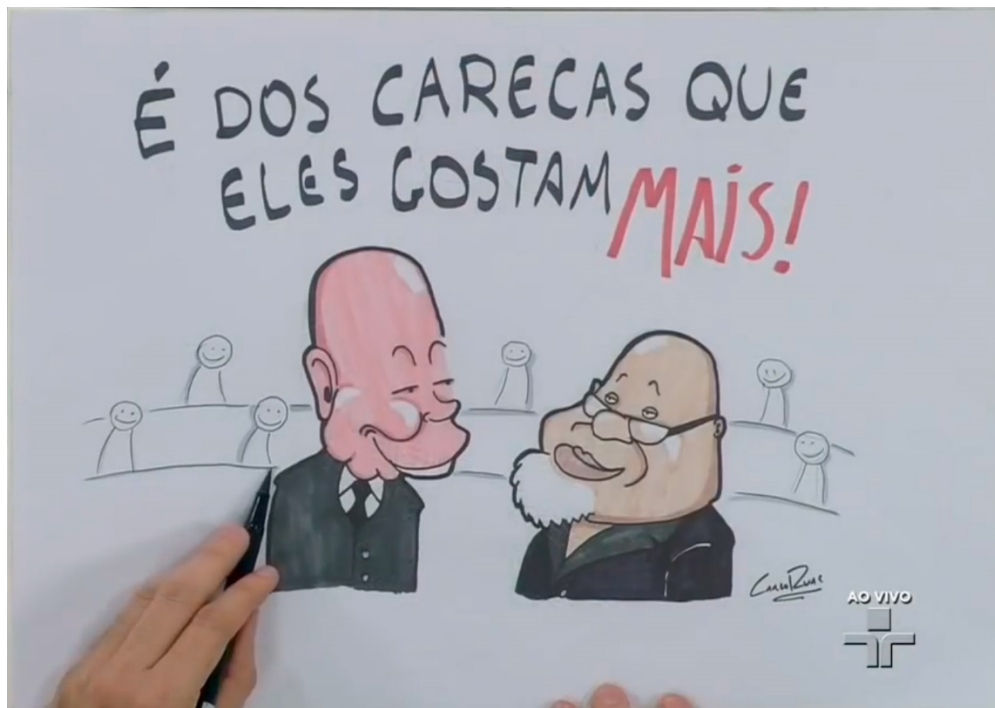
01H:46m:57s

Willian Corrêa: Muito bem eu agradeço a presença do Bruno Rocha da Taty Ferreira, Danielle Noce do Paulo Cuenca do PC Siqueira do Cauê Moura e do Carlos Ruas.

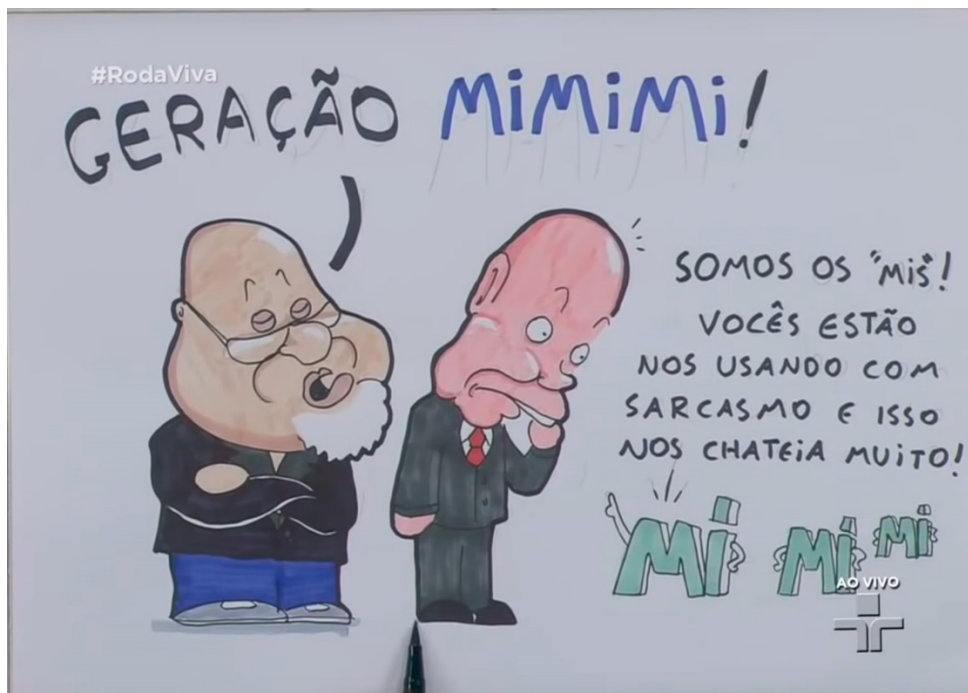
Agradeço também a você que nos acompanhou até agora aqui pelo YouTube também o centro aqui o Leandro Karnal e Luiz Felipe Pondé. Muito obrigado pela participação até o próximo encontro com os dilemas contemporâneos, a experiência valeu, agradeço a presença de todos e você que nos acompanhou até o próximo Roda Viva, tchau.

Participações passivas
Cartoons de Carlos Ruas

00H:03m:13s



00H13m:28s



00H:41m:43s



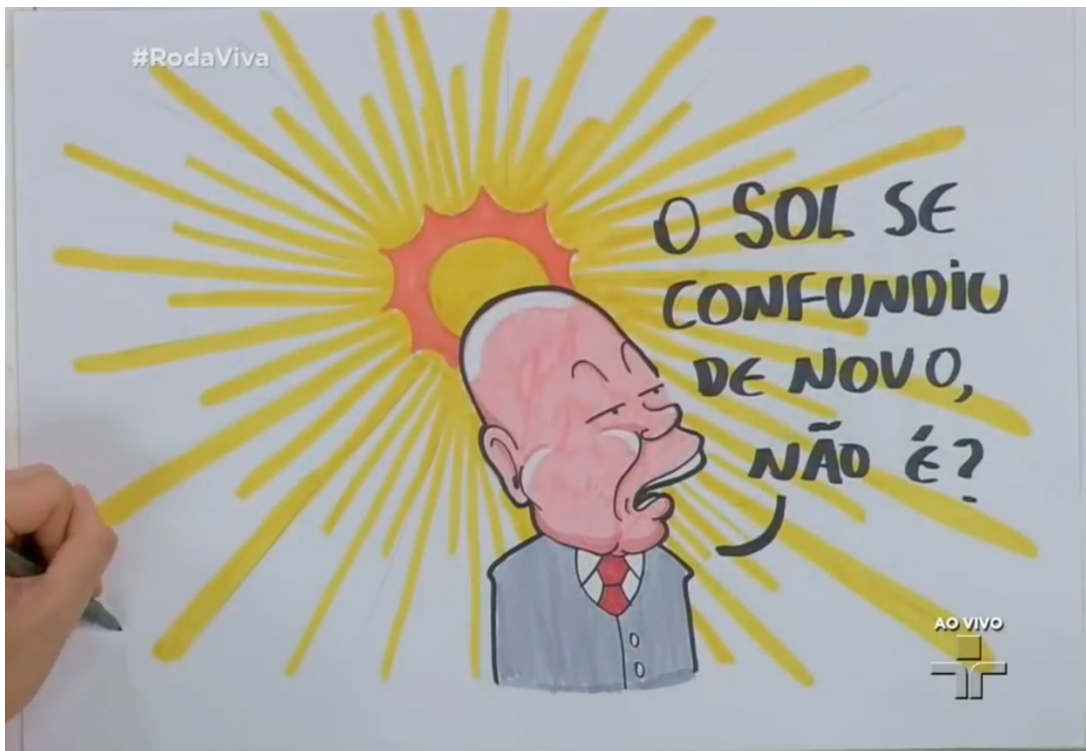
00H:56m:30s



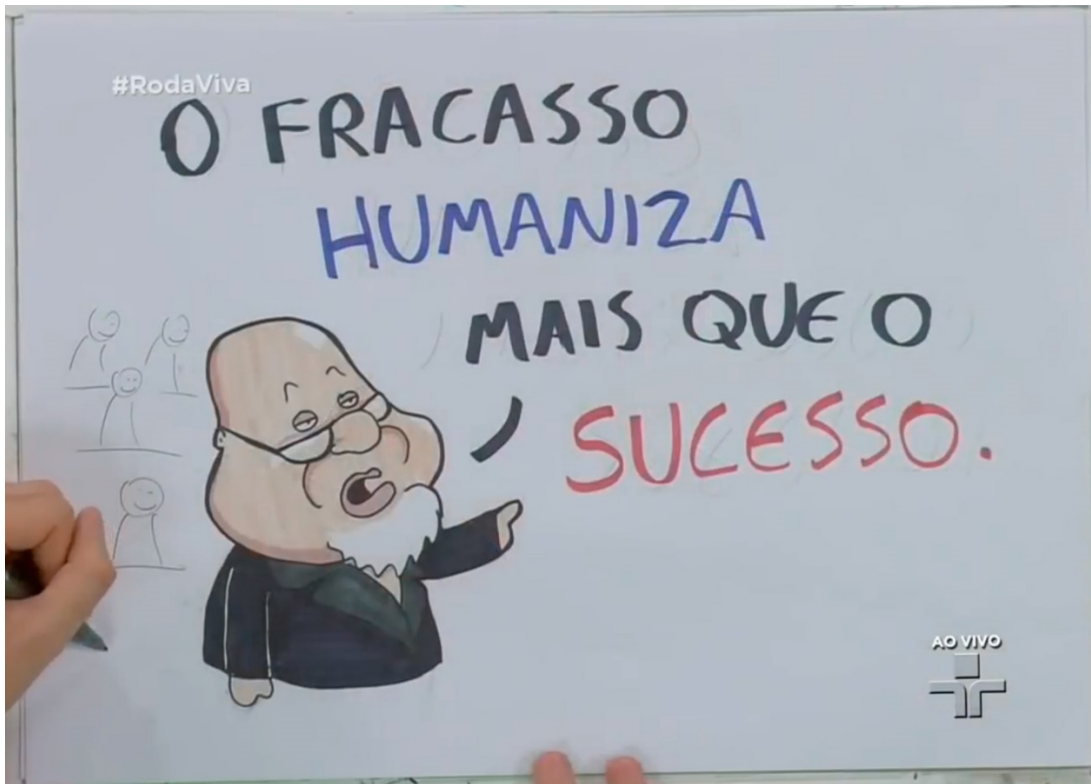
01H:05m:54s



01H:10m:55s



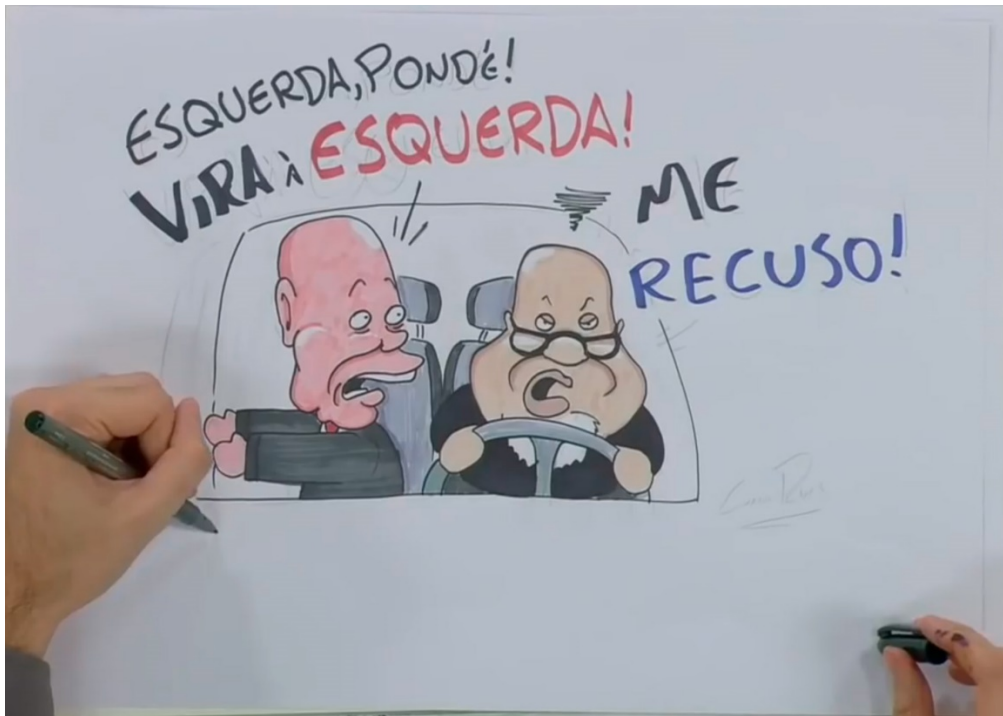
01H:14m:43s



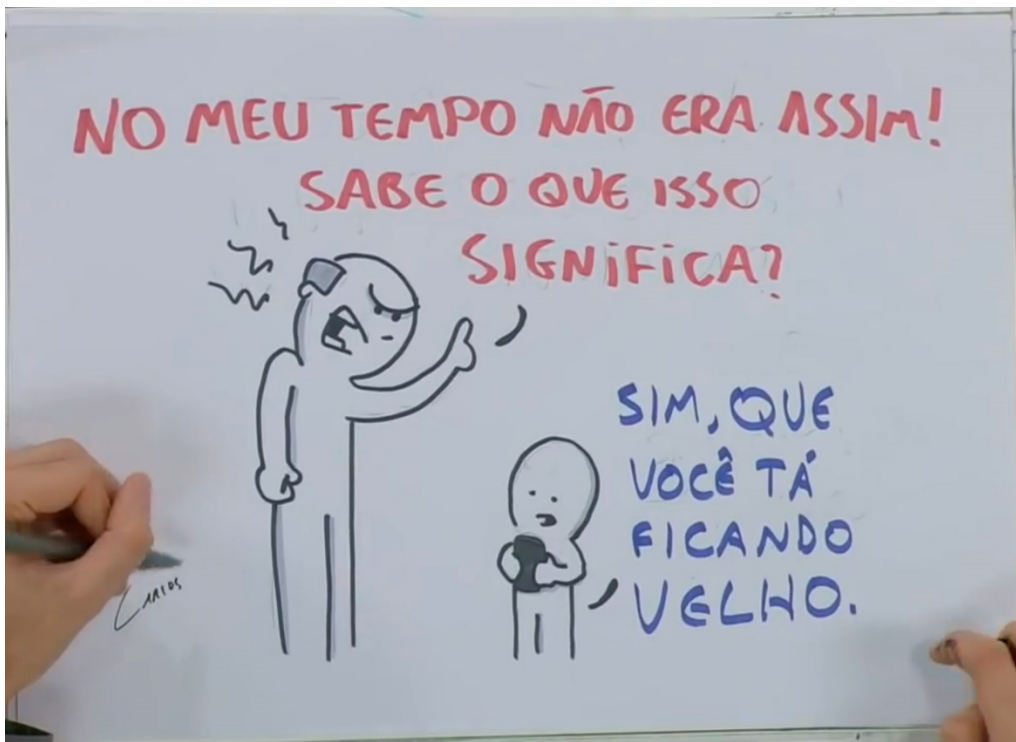
01H:19m:15s



01H:28m:29s



01H:38m:08s



Mensagens enviadas pelo Twitter (tuítes)

00H:05m:25s

QUE TUDO ESSE #Rodaviva DE HOJE (@vendomonza)

00H:07m:59s

As entrevistas no @rodaviva geralmente são ótimas, o programa de hoje promete ser bastante interessante também. #RodaViva (@vendomonza)

00H:10m:01s

Fantástico esse #RodaViva de hoje (@lucasholand4)

00H:14m:05s

@cauemoura @Leandro__Karnal só fera no #RodaViva (@lucasholand4)

00H:26m:45s

@rodaviva de hoje a cada resposta uma aula (@si_britto)

00H:27m:00s

Karnal adoro o modo como ele diz as coisas. #RodaViva (@nayduai)

00H:27m:10s

E o #RodaViva tá em terceiro!!! (@wordlay)

00H:29m:59s

Sou fã do Pondé. #RodaViva (@O_Aita)

00H:30m:07s

Que programa sensacional #RodaViva (@hugomcz)

00H:30m:15s

gente vamo assistir #RodaViva que hoje ta histórico (@luaemcancer)

00H:32m:22s

Esse programa me representa @rodaviva #RodaViva (@orodrigocruzz)

00H:32m:29s

#RodaViva esse programa é uma piscina de sabedoria, maravilhoso sempre. (@francisfabuloso)

00H:32m:35s

#RodaViva é muito bom, trazendo filosofia para qualquer um! (@PedroGazzolaO)

00H:32m:43s

O #RodaViva tá demais! Muito aprendizado hoje! (@MaggotMoraes)

00H:32m:49s

Assistindo #RodaViva prof Leandro sempre coerente em suas colocações (@janine_holmes)

00H:34m:29s

As falas de Karnal são um alívio para as minhas inquietações #RodaViva (@anunes14)

00H:35m:12s

#RodaViva tá uma lindeza hoje! (@lumacсарine)

00H:35m:50s

#RodaViva cada palavra eu me indentifico mais (@lumacсарine)

00H:38m:27s

Troca de ideias ta muito interessante no #RodaViva. Showw (@jefjbzl)

00H:52m:06s

Eu tô adorando esse #RodaViva com influenciadores digitais. Acho uma maneira tão interessante de levar um assunto sério para os jovens. (@MatheusFerreira)

00H:52m:15s

Tá rolando uma vibe muito legal nas discussões no #RodaViva hoje :) (@matheusmisumoto)

00H:53m:05s

O #RodaViva tá demais. (@abayuguassu)

00H:53m:13s

Uma aula de conhecimento #RodaViva (@VanessaSalzedas)

00H:54m:43s

#RodaViva Parabéns TV Cultura, Roda Viva e todos os participantes do programa de hoje!!! (@josecarlosleme)

00H:55m:33s

Tá todo mundo assistindo e se sentindo mais inteligente #RodaViva (@Reginaceca)

00H:55m:43s

#RodaViva essa edição está muito mais que sensacional. (@Marcellasaime_)

00H:55m:49s

Se divertindo e aprendendo muito #RodaViva (@rafa_marq5)

00H:57m:29s

#RodaViva, fazendo que a luz da #Filosofia continue a nunca se apagar a 30 anos... Parabéns!!! (@Luiznaves)

00H:59m:38s

Excelente o #RodaViva hoje. Desde o apresentador, entrevistados e esse novo ponto de vista que está sendo abordado. (@fabiotreis)

00H:59m:56s

#RodaViva hoje está uma verdadeira lição ao vivo sobre o que é viver online. Aprendendo muito! (@allegzerra)

01H:00m:13s

Trending topics porque temos sede por conhecimento. Obrigado Cultura, obrigado #RodaViva! (@_sandromoreira)

01H:00m:46s

Hugo gloss, pc Siqueira, caue moura, #RodaViva está colocando uma galera muito boa hoje (@jvorfao)

01H:02m:21s

Preciso assistir a reprise no Youtube para anotar todos livros, autores e filmes citados. Kkkk #RodaViva (@_tv_series_)

01H:02m:42s

Muito bom o programa. A turma das redes sociais fazendo um bom papel. #RodaViva (@helviofalleiros)

01H:04m:59s

Excelente o programa de hoje no #RodaViva, um novo olhar sobre o Online... Parabéns!!! (@Fabriciomandrak)

01H:07m:16s

Nunca mais vou enxergar as redes sociais do mesmo jeito! Aprendendo muito! #RodaViva (@LaureanaDias)

01H:08m:43s

Hoje o Brasil parou para assistir o #RodaViva (@pierck_)

01H:08m:50s

@rodaviva ótimo trabalho reunindo @Leandro__Karnal e @lf_ponde os integrantes da roda tbm são fantásticos. #RodaViva (@medeirosguii)

01H:11m:05s

Não quero que acabe #RodaViva (@BugdaLe)

01H:11m:13s

Eu vou atrás desse episódio na internet depois e mostrar pra Deus e o Mundo! #RodaViva (@_vampheart)

01H:13m:26s

Pena que meia hora a mais será pouco! #RodaViva (@juliogb)

01H:13m:33s

#RodaViva hoje tá demais (@glockloves)

01H:16m:16s

Vamos todos pro YouTube quando acabar! #RodaViva (@TaynanBrandao)

4 Anexo 02: Transcrição da entrevista com Rachel Vieira Belo de Azevedo

3. <https://goo.gl/hKNf3L>

Entrevistada: Rachel Vieira Belo de Azevedo

Entrevistador: Adeilson Toledo Torres

Data da entrevista: 23 de julho de 2018.

Local: Redação do Jornalismo da TV Cultura.

00H:00m:00s

Adeilson T. Torres: Eu queria que você só falasse assim, que você autoriza a divulgação desse vídeo para pesquisa. Falasse seu nome, e tal...

00H:00m:17s

Rachel V. Belo: O meu nome é Raquel Belo com “ch”, e eu sou produtora na TV Cultura e autorizo que você use o vídeo para o seu trabalho acadêmico.

00H:00m:30s

Adeilson T. Torres: Dai, eu vou começar as perguntas, então. Você não precisa ficar pausando, pois depois eu edito, na verdade, a ideia, é que eu só vou transcrever as respostas no trabalho.

Rachel V. Belo: Tá bom.

00H:00m:50s

Adeilson T. Torres: Então, a primeira pergunta é mais sobre o programa especial de 30 anos.

Rachel V. Belo: É verdade, você falou que era sobre os 30 anos, e se a minha memória já... Eu vou tentar lembrar tudo.

00H:01m:05s

Adeilson T. Torres: Eu que eu queria saber, sobre como foi o processo de escolha deste tema, pois ele fala de: Dilemas contemporâneos, o tema fala: quais são os conflitos vividos pelas novas gerações, como as mídias afetam as vidas e os relacionamento das pessoas. Como vocês chegaram nesse tema?

00H:01m:25s

Rachel V. Belo: O programa de 30 anos especificamente como ele teve um formato diferente, né, até o centro foi diferente. Assim, ele foi pensado junto com o pessoal do as novas mídias, né, da TV então a pessoa que cuida de redes sociais, e o diretor de jornalismo na época que era o William Correia. E aí ele foi meio que um *collab*, assim, então, não sei nem te dizer em que momento a gente chegou especificamente num tema, porque foi uma coisa que foi criada um tempo, já tipo um processo. Acho que a gente começou, se eu não me engano, em abril, talvez.

00H:02m:05s

Adeilson T. Torres: O programa foi gravado em outubro, 31 de outubro.

00H:02m:07s

Rachel V. Belo: Em outubro, isso, a gente começou a planejar ele, em abril. Então foi muito tempo assim, de pensamentos, de ideias, né, de troca de ideias e afins, assim.

Eu acho que, eu vou te falar sem muita certeza, sempre que eu não sei te dizer “ah foi nessa hora que foi decidido” sabe?! Que, como, finalmente foi um processo que envolveu muitas pessoas. Eu acho que a ideia sempre foi: já que a gente estava trazendo pensadores e *influencer*, não era uma entrevista sobre o que você pensa, ou o agora que estamos falando do presenciável. É uma coisa muito mais específica era realmente uma discussão mais, do que as pessoas que seriam nosso público ali, que seria um público talvez um pouco diferente também, passam hoje em dia, né.

Então, qual é as dúvidas e anseios digamos assim desse público um pouquinho diferente do que normalmente no Roda Viva. Então eu acho que foi mais ou menos essa ideia sim, mas ela foi pensada por um tempo por muita gente, né, então você dizer especificamente em que momento foi decidido digamos, assim sabe.

00H:03m:17s

Adeilson T. Torres: Então de certa forma, foi uma ideia de chamar a atenção de um público mais jovem.

00H:03m:22s

Rachel V. Belo: É, o programa inteiro ele foi ele foi pensando nisso, né. Não, chamar a atenção porque assim, o Roda Viva já tem, ele já tem, ele tem também uma audiência bem ampla ne.

Ele não fica tão, acho muitas pessoas pensam ele fica num público de idade um pouco mais alta, quando não. A gente tem, é bem ampla.

Então, era um pessoal que já estava ali, de certa forma né. Ele não foi repensado só para isso ele foi pensado mesmo porque ficou para marcar a idade, para marcar que era um ano redondo, digamos, assim.

Então que a gente queria fazer uma coisa diferente, e aí veio mais dessa ideia, vamos fazer uma coisa diferente, com uma linguagem diferente. Sabe, acho que era muito mais a linguagem ser diferente, do que eu sei do que eu público talvez.

00H:04m:10s

Adeilson T. Torres: Dai no caso, a escolha dos dois professores, o Karnal e o Pondé, teve algum motivo especial? Qual foi o critério, você consegue imaginar?

00H:04m:20s

Rachel V. Belo: Não, não sei te dizer mesmo, o William que tava aqui que participou bem ativamente, ele não tá mais aqui na TV hoje então nem sei, nem sei te dizer exatamente assim, ele não tá aí para te ajudar também, né nessa assim pra poder te ajudar.

Mas eu acho que ele era isso mesmo, eram pessoas, que porquê...

Primeiro foi pensado realmente o formato dos entrevistadores né. Então, precisava estar no centro uma pessoa que de repente, você conseguisse conversar com o conteúdo de uma forma clara, também, né. Que as vezes as pessoas são super pensadores e super inteligentes e não tem...

E o Karnal e o Pondé, os dois têm um linguajar, (o Pondé, né, foi?) Eh, eles têm um linguajar que consegue conversar com todo mundo, né. Não é uma coisa burocrática, então eu imagino que tenham sido os motivos da escolha, mesmo.

E não ser um só, isso eu posso te falar, não ser um só para não ficar marcado com fosse uma entrevista daquela pessoa, entendeu, diferenciado era uma pessoa no centro sendo entrevistado era realmente mais uma troca, dois quebravam um pouco essa dinâmica de ter um entrevistado muito focal.

00H:05m:29s

Adeilson T. Torres: Engraçado que você comentou, que a pauta veio desde Abril. Então, por exemplo, o fato de ter acontecido o *impeachment* da Dilma, no caso, será que a relação política, não teve nenhum viés político, você acha que teria alguma coisa nesse sentido? Pelo fato de serem dois, e de certa forma eles representam alguma forma linha ideológica?

00H:06m:00s

Rachel V. Belo: Não, na verdade esse programa foi pensado realmente, sem... Sem envolver político hoje em dia é meio difícil, mas não era, a ideia em nenhum momento, ele... Nada do que aconteceu, a não ser que no dia anterior acontecesse uma coisa, muito grande, ele não tinha esse objetivo, ele realmente era uma coisa, mas de poder fazer uma coisa diferente, até mais leve também, do que a gente faz, para poder comemorar, marcar, essa data não tinha nenhum viés, mais “escondido”, digamos aí.

00H:06m:33s

Adeilson T. Torres: É que assim, normalmente como são um, e no fato de ter sido dois, não, passou também por alguma facilidade de relacionamento que a emissora tem, com esses dois professores?

00H:06m:49s

Rachel V. Belo: Ah não, sim claro!

O fato, deles serem duas pessoas que já estão aqui na casa, acaba influenciando não na escolha, tipo de lá não vamos escolher eles porque eles tão aqui para propaganda deles, não é isso, mas óbvio que são pessoas que estariam mais dispostas a topar esse formato diferente, entendeu. Que curtem, e que tem essa abertura com a gente de aceitar fazer um formato, que a gente não tinha feito antes, então. Então, era uma aposta digamos né, então é muito mais difícil você chegar numa pessoa que nunca esteve aqui ou que não tem esse relacionamento tão aberto, e fazer uma proposta dessa.

Então isso pesou, pesou na conversa né, “na negociação”, (não teve muita negociação) pois como eu disse eles são da casa, então também, foi uma conversa fácil, eles toparam fácil, mas pesa isso mas não somente o viés político ou ideológico deles, pesa assim o que eles entenderam com eram a proposta. Então eles também vieram sem querer militar ao se propagar de uma forma tão não era tipo ah, estou lançando um livro então eu quero também falar daquele livro né, eles dois estavam muito abertos a fazer esse formato Mais diferente mesmo, assim ninguém “tava vendendo” nada ali, estavam “ok” topar uma coisa que a gente não sabia como ia ser no final das contas né.

Então essa sim, essa facilidade desde estarei aqui interesse relacionamento mais aberto da gente consigo conversar, mas é bom postar isso vamos tentar fazer isso? Sim.

00H:08m:19s

Adeilson T. Torres: Já respondeu boa parte... porque assim, uma das propostas que eu tinha pensado num primeiro momento é que de repente, como sei lá, a polarização estava muito forte, tinha acabado de acontecer o impeachment, eu achei que a pauta tinha começado, mas foi antes...

00H:08m:40s

Rachel V. Belo: E assim se você for ver as perguntas você não vê que são perguntas muito mais disso sociais assim, de ciências sociais do que necessariamente de atualidades mais, até a ver com tecnologia, mesmo então estou com dois pensadores com pessoas que trabalham com tecnologia para fazer essa conversa mesmo né, de como as mídias sociais influenciam onde como esse espaço que existe hoje nas pessoas poderem conversar mais abertamente influencia as questões sociais e afins, então, não.

00H:09m:13s

Adeilson T. Torres: O pessoal das mídias, a equipe de mídias, eles acabaram escolhendo essa bancada mais por facilidade de...?

00H:09m:23s

Rachel V. Belo: Na verdade assim, tinha uma lista sendo trabalhada junta, assim... Eles obviamente como estão mais em contato com esse pessoal conhecem, trouxeram nomes, e a gente também viu o nome daqui sugeriu e foi conversando junto. Eles obviamente como disso eles têm um contato maior, eles vêm quem são esses influenciados que as vezes a gente perde, eu por exemplo, consumo como consumidora. Então (estava vendo meu e-mail) eu sou consumidora não sou especialista, entendeu então acabou que eles acabaram que tiveram bastante voz nessas escolhas porque eles são pessoas que estavam ali, entendeu muito mais do que a gente.

00H:10m:05s

Adeilson T. Torres: Em relação, no caso, como funciona a curadoria dos entrevistadores da bancada?

Rachel V. Belo: Neste programa, ou no geral?

Adeilson T. Torres: Neste programa especificamente. Quando vocês vão convidar eles, vocês têm algum método eles? Porque nos notamos que têm especialistas, jornalistas.

00H:10m:32s

Rachel V. Belo: Dos 30 anos especificamente, eu ousou dizer que vou dizer, eu não lembro muitos detalhes de te ver de outubro de 2016, né. Eu acho que a gente fechou a bancada inteira antes da gente ter fechado o centro. Então foi muito mais e de querer aquelas pessoas ali do que necessariamente a temática ou quem é seu centro né. Então, todos queriam pessoas que tivessem influências diferente então a gente tinha a Dani por exemplo que é de culinária, ooo, o nome dele não é Hugo Gloss, até mais do que ele trabalha ele é muito mais light digamos assim. Então se eu tinha muitas vertentes diferentes né. Mais pelo nome daquelas pessoas e pela “importância delas” no mercado, então foi fechado muito mais nesse sentido, mesmo de entender quem era os nomes fortes do mercado, quem eram os *influencers* fortes e de que eles poderiam trazer de diferente, e de perguntas que nós não imaginava, né então a gente tem até um certo preconceito se você for pensar na grande mídia dessas pessoas, veem eles como, “ah é só influenciadora só de internet” e eles na minha opinião, assim foram super bem. Trouxeram coisas que talvez a gente não imaginasse que fazer a parte da vertente deles assim, então foi muito mais tentar achar pessoas fortes mesmo e trazer eles para conversar com a gente.

00H:12m:05s

Adeilson T. Torres: Em relação a eles encararem no caso, dois intelectuais e entenderem que eles estão num programa que tem uma cultura intelectual, você acha que meio que intimidou eles? Até porque as perguntas foram inteligentes, né?

00H:12m:18s

Rachel V. Belo: Foram, então é por isso que eu falo, acho que quebrou um pouco de paradigmas, foi uma das coisas que eu lembro de ter pensado enquanto nós estávamos fazendo o programa. Eu acho que muita gente talvez achou que eles iam se

sentir intimidados, ou que eles não iam estar a “altura”, e pra mim, na minha opinião, pessoalmente, eu acho que pelo que a gente conversou aqui, quebrou essa ideia, de que é só pra fazer propaganda, só pra falar de novela, tivemos perguntas muito legais mesmo, eu não acho de forma alguma, até tínhamos que perguntar pra eles, mas a gente não teve esse feedback sabe de ninguém sente intimidado e de ninguém chega aqui nervoso até eu não falo, mas eles comentarem sabe acho que somos bem à vontade assim até o menino, que fez o cartoon, especial pra gente eu esqueci o nome dele agora Ele já voltou para entrevistar o Zivaldo, programa que não no ar ainda.

Então teria que perguntar pra eles, mas assim, oficialmente ninguém se sentiu intimidado.

Adeilson T. Torres: Então, ele tomou o lugar do Paulo Caruso, e as caricaturas são bem conhecidas, então é bem intimidante, ter que expressar.

00H:13m:35s

Rachel V. Belo: Então, assim nervoso, você sempre sente, mas eu acho que a gente quebrou essa ideia de que eles não estariam a “altura” sabe, pelo menos essa é sensação que eu tive, vou dizer que me surpreendi positivamente inclusive.

00H:13m:48s

Adeilson T. Torres: Deixa eu te perguntar, tenho uma outra relação de perguntar que estão um pouco mais no espectro político, você que a gente pode continuar?

00H:14m:00s

Rachel V. Belo: Pode, é que eu posso talvez não ter como te responder algumas coisas, mas...

00H:14m:05s

Adeilson T. Torres: Eu queria saber de vocês enquanto produção, como vocês conversam com a bancada pra criar uma consciência de etiqueta, pra que eles não, não sejam mal-educados, porque eu assisti alguns programas bem antigos, que aconteceu umas coisas bem interessantes, como o convidado ou alguém da bancada ficando irritado, perdendo a compostura.

00H:14m:35s

Rachel V. Belo: É assim, vou te dizer que desde que eu estou aqui não tem mais isso, porque tipo os jornalistas hoje já tem um nome, é, um jornalismo de forma geral, ele está muito mais, eu ia falar “mellow”, no sentido de polido, talvez seja a palavra, estou falando de forma geral. Está mais polido, as pessoas entendem que... Antigamente, acho que as coisas eram mais escancaradas, talvez, isso batia mais talvez, mas ai agente está falando de anos 80, talvez anos 90, nos anos 2000 você já não tem mais muito isso assim. Então, a gente não precisa ter essa conversa, talvez, não precisamos até hoje, não é uma coisa que passa pela nossa cabeça. Até porque nós convidamos pessoas que a gente conhece, na sua maioria, não conhece pessoalmente, você vê o trabalho e o tipo de índole que a pessoa tem. Então, não chega e fala “não pode chamar o coleguinha de feio” agente parte do princípio que eles sabem.

00H:15m:53s

Adeilson T. Torres: Ainda sobre essa questão das políticas do programa, como você veem essa questão de vocês se posicionarem como um programa que é neutro, imparcialmente mesmo, como é que vocês fazem pra conseguir se manter com essa imagem? Na sua opinião

00H:16m:15s

Rachel V. Belo: Eu acho que o, o joguete ai é você tentar trazer pessoas com opiniões diferentes e deixar que elas façam o papel de todos os lados. Agente não precisa se posicionar, acho que seria bem ridículo agente trazer uma bancada inteira pra um lado, contra ou a favor disso, então a ideia é que a gente tenha... Até quando vamos fazer os temáticos por exemplo, vamos fazer um temático sobre a cor branca, um exemplo bem idiota, assim, eu vou ter que ter pessoas que gostem da cor branca, e pessoas que não gostem, diferente da minha opinião, eu Raquel. Então, a ideia é sempre partir disso, como temos cinco pessoas, as vezes talvez você três e dois, e afim, mas...

00H:17m:02s

Adeilson T. Torres: Mas vocês chegam a fazer uma pesquisa sobre o caráter, por exemplo, mais ideológico da pessoa?

00H:17m:08s

Rachel V. Belo: Eu acho que sim, como agente convida muito jornalista, e as pessoas tem pessoas e afins, agente...

Adeilson T. Torres: Dá uma lida?

00H:17m:15s

Rachel V. Belo: Conhece pelo menos de nome, e sabe um pouco como é cada um, e quanto traz só jornalista, jornalista que não é um colunista, agente também espera que ele seja neutro, que é o que a gente espera de um jornalista. Então, é mais quando nos temas uma temática, juízes por exemplo, terão juízes que serão partidários de uma soltura, ou não, ou contra uma soltura, ou quando a gente fala sobre. Ah, nós fizemos alguns temáticos, mas eu acho que são coisa mais pontuais. Porque você vai trazer especialistas que vão ter opiniões divergentes. Quando você traz jornalistas pra fazer perguntas, você espera que ele mantenha seu viés político dele, obvio que a forma que você existe ultrapasse alguma coisa, mas não que a pessoa vá chegar aqui e cuspir a opinião dela, porque eu acho que esse não é o papel do jornalista.

Mas se ele é um colunista, por exemplo, eu acho que pela coluna dá pra se ter uma ideia da linha da pessoa, e ai não vamos colocar todo mundo de uma linha igual, seja pra qual lado seja.

00H:18m:30s

Adeilson T. Torres: Então, eu estava olhando os números principalmente do Youtube, eu percebi que hoje assim, igual você falou o vídeo que tem mais visualizações é por exemplo, o vídeo de entrevista com o Sergio Moro, e depois tem um linha varia entre os candidatos e também no caso o programa de 30 anos e também o próprio Leandro Karnal, acho que ele está como terceiro programa mais assistido no Youtube. Você acha que essa é mais ou menos um direcionamento de linha para vocês irem, falar sobre questões intelectuais e políticas, olhando pelos números de audiência.

00H:19m:18s

Rachel V. Belo: Não, a gente não toma decisões muito pautadas nisso, então não. É mais atualidades, é mais o que está acontecendo, então por exemplo, agora tem sido um momento muito político, pelo momento que vive. Mas, quando o Mauricio de Souza, por exemplo, lançou, foi lançar um filme, ele veio, porque também Mauricio de Souza, o cara é um ícone no Brasil, então também não pode passar despercebido algumas coisas só porque é não é política. Então, também é mais atualidade, e uma “importância” que tenha naquele momento.

Porque se a gente ficar pensando em audiência, assim, a audiência da TV é muito diferente da audiência da rede social, que é muito diferente do Youtube, já é diferente do Facebook, assim por diante a gente ia ficar meio esquizofrênico.

00H:20m:12s

Adeilson T. Torres: Uma coisa muito interessante também, que eu estava notando, é que assim: senão me engano é só a Cultura e o SBT que acabaram optando por não investir numa plataforma própria, on demand, pelo jeito vocês investem muito no Youtube, os programas estão todos na íntegra. O que você acha dessa política. Você acha que valeria a pena investir pra tentar controlar também os direitos de audiências, como por exemplo?

00H:20m:49s

Rachel V. Belo: Aí eu acho que você teria que conversar com os meninos de Novas mídias. Assim, não é muito minha especialidade, posso até chamar eles, se tiver alguma dúvida, se tiver alguém lá. Eu acredito que deve ter sido feito um estudo, eu não te dizer mesmo. Eu não sei se foi uma escolha técnica, se foi uma escolha financeira, se foi uma escolha editorial, acho que eles lá, eles tem um setor inteiro que trabalha com novas mídias, e eles que tem parcerias com o Twitter, tem parceria com o Youtube, trabalha bastante com o Facebook. Talvez eles entendem que não tenha audiência suficiente, pra ter um (plataforma) específica, porque querendo eu não, se você está no Youtube, no Facebook, você está muito mais público. Porque qualquer pessoa que está jogando ele, pode te achar sem querer, porque não precisa de uma senha, pra entrar num lugar e afins. Então, talvez seja uma decisão de estar mais visível, mas eu não sei te dizer com certeza.

00H:21m:45s

Adeilson T. Torres: No programa do Roda Viva 30 anos, o hashtag do programa Roda Vida, alcançou o topo mundial.

00H:21m:50s

Rachel V. Belo: Sim é, a gente tem ficado sempre no Brasil e aí dependendo do assunto no mundial, assim vem é uma constante assim no Twitter, o que acontece assim. Então eu acho talvez seja isso, a ideia de você tá mais público, mesmo né tanto por retrato de uma TV pública. Então também não faria sentido eu exigir que a pessoa tenha uma conta no *ondemand* mas eu não sei se foi eu não sei exatamente qual a linha de plano de negócios deles, você teria que ver.

Rachel: Vou mandar mensagem para os meninos, também aí qualquer coisa se eles tiver aí deixa eu ver.

00H:22m:34s

Adeilson T. Torres: Ah, deixa eu fazer uma pergunta mais polêmica. No caso eu estava acompanhando, não sei se assim, a rede social, nós acabamos customizando ela meio que de acordo com nossos interesses, eu notei, a impressão que eu tive no o programa da Manuela D’ávila, recebeu muita crítica de quem foi a bancada. No caso o fato, dela ter deixada para vocês escolherem, como vocês acabaram, no caso ela fez uma crítica a produção, a sensação que eu tive, o que você acha disso?

00H:23m:10s

Rachel V. Belo: Eu acho que tem que criticar mesmo, se as pessoas sentem que tem alguma coisa a falar, tem que falar.

00H:23m:19s

Adeilson T. Torres: Porque ela falou, deixo na mão da produção.

00H:23m:25s

Rachel V. Belo: Todos os presidenciáveis e governadores que vieram até agora, deixam em aberto, e eu acho isso muito legal. Porque senão, não vai ser debatido nunca, vai ser palanque político, e então acho eles devem deixar aberto mesmo. E eu acho que se as pessoas se sentem é desmerecidas de alguma forma, elas têm que reclamar também.

00H:23m:56s

Adeilson T. Torres: É engraçado, que eu acho que no caso dela, ela é única que fez questão de mencionar.

00H:24m:05s

Rachel V. Belo: Eu acho que ela que só, ela reafirmou isso algumas vezes Para justamente esclarecer que tipo estou aqui para tomar também aqui vim, e conversar de peito aberto né, mas a gente fala com todos os programas na abertura.

Ele fala isso no comecinho, gostaríamos de ressaltar que todos os entrevistados não fizeram nenhuma oposição em relação aos convidados.

Adeilson T. Torres: É o Lessa que fala?

00H:25m:45s

Rachel V. Belo: Sim, ele sempre fala. Aqui queremos ressaltar que o nosso convidado não fez em qual não fez qualquer exigência ou restrição em relação à bancada de entrevistadores escolhidas livremente pela produção do programa”. Então é sempre falado.

00H:26m:00s

Adeilson T. Torres: Em relação, a esses cortes que são tendenciosos, que vai aproveitar que sei lá, falar, que o jornalista foi mal-educado, ficou interrompendo, e essas “ediçõeszinhas” que acabam repercutindo nas redes sociais.

00H:26m:17s

Rachel V. Belo: Esse corte todo mundo faz, não eu acho que ela fez errado, não acho que ela fez diferente do que outras pessoas fazem. Então, é isso você tem um programa de uma hora e meia qualquer coisa que eu cortar, minha opinião vai estar inserida nela.

(Pausa na entrevista)

00H:27m:27s

Adeilson T. Torres: A última pergunta, em relação ao Augusto Nunes, a saída dele se deu por conta de um encerramento de contrato, ou ele quis sair.

00H:27m:40s

Rachel V. Belo: Isso eu já não sei. Assim, o contrato acabou, e na negociação, que é feita com a diretoria e afins, não foi renovado. Agora se foi uma vontade deles, se foi um acordo comum, se foi... Aí já não, não chega nessa alçada. Foi uma decisão dele junto com a diretoria, e eles entraram num acordo, agora, de quem veio a proposta de sair, ou quem bateu mais o pé, eu não sei mesmo te dizer.

5 Anexo 03: Transcrição da entrevista com Luiz Felipe Pondé

4. <https://goo.gl/mfyFfh>

Entrevistado: Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé

Entrevistador: Adeilson Toledo Torres

Data da entrevista: 10 de setembro de 2018.

Local: DOCA (produtora de conteúdos e gestora do canal de Pondé no Youtube)

00H:00m:00s

Adeilson T. Torres: Bom, então pra começar, eu gostaria que o professor falasse um pouco, como foi essa questão de ter sido convidado, pra participar do Programa Roda Viva 30 anos, que era 30 anos uma data muito emblemática. E o fato de ter sido um formato diferente, que tinha ali os Youtubers, como bancada. E como foi aceitar esse convite, como a produção conduziu esse convite?

00H:00m:26s

Luiz F. Pondé: Olha foi na realidade, um processo meio natural porque, isso foi em 2016, ou 2017, acho que em outubro por aí. Eu então já fazia jornal a seis anos, mais ou menos, 2016 ou 7, então eu já conheci toda a equipe daquele jornal. E o Roda Viva, é do departamento de jornalismo, da Cultura como você sabe. E eu já tinha participado, já estado no centro do Roda viva duas vezes, uma vez em 2011 com a Marília Gabriel, e depois em 2016, no começo do ano com o Augusto Nunes e aquela participação quem entrevistava era o Willian Correa, então era o chefe do jornal. Eu estava junto com o Karnal, isso foi um formato pra mim e pra ele novo, que a gente nunca estado juntos.

00H:01m:19s

O caso dos Youtubers foi conduzido tranquilamente, havia na verdade na equipe de produção uma preocupação que o nível do programa caísse, por conta dos entrevistadores. E eu diria que ficou melhor do que a produção previa, o nível ficou melhor. Claro que como eram influenciadores e não propriamente jornalistas, de prática de mídia de fato, então uma parte parecia um pouco fofoca, um pouco uma coisa mais “solta”, mas eu achei ótimo, e a condução foi muito tranquila.

00H:01m:56s

Adeilson T. Torres: A conversa com a produção e com o professor, eles dirigiam de alguma forma, falaram por exemplo, para poder elevar o nível intelectual?

00H:02m:10s

Luiz F. Pondé: Não, foi completamente livre. A TV Cultura é completamente livre. A única condução foi isso que eu falei, eram uma certa preocupação de que as perguntas não virem no mesmo nível que o Roda Vida está acostumado a ter. E que a gente não ficasse aborrecido por conta disso. No caso acontecesse isso, tanto eu e quanto o Karnal. Uma vez que ali a ideia era testar um outro formato, uma conversa com as mídias sociais.

00H:02m:40s

Adeilson T. Torres: Você acredita que o fato de terem sido convidados tanto o professor quanto o Karnal, tem algum motivo de terem sido os dois, ou mais por conta da parceria mesmo?

00H:02m:48s

Não, acho que eram por serem duas figuras famosas, presentes no mundo digital e na mídia, dois fazedores de opinião, com currículo acadêmico sólido. E, eu e ele nos somos amigos, mas não tem nada a ver com isso, foi só por essa questão mesmo.

00H:03m:05s

Adeilson T. Torres: Esses dias eu estava pensando, como o professor tem um curso de filosofia, que fala principalmente da Filosofia greco romana, passando por todo esse cenário. E eu estava pensando, de como o professor poderia propor por exemplo, uma comparação, uma analogia, de comparar os sofistas, com os Youtubers, ou os acadêmicos da academia de Platão mesmo, os platônicos, com os professores acadêmicos. Você acha que esse tipo de comparação, porque no caso os acadêmicos têm a essa questão da figura de autoridade enquanto figura, que circula dentro desse meio já tão consagrado. E os Youtubers, por outro lado, parecem que estão mais próximos da figura pública.

00H:03m:55s

Luiz F. Pondé: Entendi a analogia. Olha acho que num certo sentido sim. Mas os sofistas eram filósofos, no sentido que eles tinham um compromisso com o pensamento ali naquele ambiente maior que um Youtuber tem. A maior parte dos Youtubers pode estar querendo vender uma marca, entendi.

00H:04m:16s

Assim, eu entendo a analogia de que quando você fala de Platão, e dois filósofos, digamos, classicamente compreendidos como filósofos da Grécia, eles estavam na busca da verdade. Enquanto os sofistas diziam que a verdade não existe, e eram um ponto de vista, e que o homem é a medida de todas as coisas, e eram bastante próximos da democracia, enquanto que Platão e companhia era críticos da democracia. Eu entendo sua analogia por aí. Agora acho que digamos, que Youtubers, vão muito mais além do que os sofistas, porque as mídias sociais como um todo, não tem nenhum parâmetro do que você pode chamar no jornalismo com objetividade. Nenhum parâmetro, nenhuma preocupação coma a objetividade. É claro que não todos, uns são, eu mesmo e colegas estamos nas mídias sociais, e nós temos a preocupação com a objetividade, porque a gente tem uma formação um nome e uma credibilidade, que não foi construída ai, foi construída anteriormente. Mas eu acho que um sofista diante de um Youtuber diria: que ai está a prova de que o homem é a medida de todas as coisas e que a verdade é relativa.

00H:05m:24s

Adeilson T. Torres: Uma questão interessante é que assim, a gente nota, olhando por exemplo, as pesquisas dos Youtube Insights, é, que a 96% dos jovens de 18 a 34 anos, acessam o Youtube, então é predominantemente a geração Y e Z. Você acredita que com o tempo, por exemplo, com o passar do tempo, conforme os jovens forem amadurecendo, assumindo responsabilidades, tendo que pagar os boletos e esse tipo de coisa, ou na necessidade de uma maior fundamentação política, vai acabar diminuindo o foco de Youtube enquanto figura de entretenimento, ao ponto de eles consumirem mais, por exemplo, o canal do professor ou de intelectuais?

00H:06m:16s

Luiz F. Pondé: Eu acho que o Youtube ele tem, ele oferece de tudo. Quase ninguém compete com ninguém nesse sentido. Então, você tem vários conteúdos que circulam, que é meio que uma plataforma infinita, certo que o tempo das pessoas é finito. O infinito quando se bate com o tempo finito, normalmente vira fragmentação, do ponto de vista de quem recebe a mensagem. Mas assim eu não acredito em uma maior fundamentação política, acho que é um fetiche. A maior parte das pessoas não está interessada numa fundamentação política, nem tem tempo pra isso. Acho que o Youtube como outras ferramentas digitais, acabam oferecendo mais as pessoas aquilo que elas querem. E é mais ou menos o que as pesquisas empíricas em política revelam. Agora, os “boleto” quando você fala. Você tem por exemplo, jovens, homens hoje de 35, 36 anos, que estão casados e continuam jogando Magic, certo? Ou estão casados tem filho e continuam jogando jogos interativos na internet, e as vezes a mulher fica puta com isso, inclusive. Porque o cara larga ela na cama e fica jogando na internet, e o cara está com 37 anos de idade. Acho que o cara pode assumir “boleto” e ainda assim continuar sendo consumidor de Youtube, entendeu? Eu acredito que assim, é claro que você pode trabalhar em termos de poder diminuir o tempo de acesso de alguma forma dependendo do que você faz, mas não acredito que isso significa que as pessoas vão parar. Inclusive talvez até porque depois que se tem que pagar boletos a vida as vezes fica meio sem graça e aí você vai querer se divertir com essas coisas.

Então essa geração Y, ou Millenials, geração Z, está mais perto do que os americanos chamam de geração I, mais jovens. Os I e os Z, agente ainda precisa ter tempo pra ver no que vai dar, mas os Ys na medida que vão crescendo e assumindo compromisso, ainda que mantenham essa característica mais digital eles têm que enfrentar o que todo mundo enfrenta.

00H:08m:15s

Adeilson T. Torres: Ainda dentro dessa questão do professor, ao mesmo tempo, ser uma personalidade, ter uma representatividade na academia. E como o professor vê essa questão de ser um influenciador digital, de estar buscando ali um espaço?

00H:08m:31s

Luiz F. Pondé: Eu acho algo contínuo. Inclusive eu acabei indo pras mídias digitais, porque um colega meu professor que mexe com isso me convenceu. E daí tinha as meninas da DOCA que tinham sido minhas alunas a poucos anos atrás, mexiam com isso, e estavam trabalhando com ele. E isso foi um processo, digamos assim, contínuo. Eu no princípio não imaginava que fosse para as mídias digitais, mas com a presença de perfis falsos no Facebook, e textos “meus” em grupos ligados ao PT de alguma forma, que falsificavam minhas colunas na Folha, que colocavam frases falsas no lugar das originais. Então eu fui para as mídias sociais, um pouco convencido do fato de que “ou você está nas mídias sociais ou alguém estará no seu lugar”, e foi isso mesmo que aconteceu. E de lá pra cá isso só reforçou, a digamos, assim, a minha plataforma de recepção de conteúdo. Isso interage a própria coluna da Folha, interage com a TV Cultura, interage com a Bandeirantes. E como já se sabe as plataformas convergem uma com a outra. E aí textos que na coluna da Folha, que antes só assinantes liam de classe média alta e alta, agora você tem gente que tem acesso com 15 anos e 16 anos, e eu verifico isso no cotidiano nos lugares onde eu vou. Então só tem coisas positivas.

Com relação ao mundo acadêmico, quem tem problema com isso é o mundo acadêmico, e não o contrário. O mundo digamos assim, “mais aberto” normalmente recebe muito bem a credibilidade que vem do mundo acadêmico. É que o mundo acadêmico normalmente, a maior parte das pessoas que está no mundo acadêmico tem invisibilidade social, quase irrelevância total no debate público, e morre de inveja e raiva. E por isso, atavicamente falam mal de mídia, e quando você está na academia da mídia ao mesmo tempo. E aí tem uma questão de temperamento, de jeito, de saber se comunicar, e ter gosto em se comunicar fora da academia. Porque a academia acaba protegendo você no mal sentido.

00H:10m:40s

Adeilson T. Torres: Inclusive assim, uma coisa interessante que agente nota, é que depois por exemplo, que o professor colocou um, criou um canal, os outros professores que estão hoje, por exemplo, com parceria com a Cultura, ou participam do jornal da Cultura por exemplo. O próprio Karnal, o Cortela, eles também estão criando canais no Youtube. Então, isso demonstra uma tendência, né?

00H:11m:03s

Luiz F. Pondé: Na verdade o canal do Youtube foi criado pela DOCA, elas que tiveram a ideia elas, que botaram tudo em marcha, elas que me convenceram. Então foi fruto de digamos assim, de um conhecimento de marketing digital que elas têm, certo? Porque é isso, agente da academia, não pensava nisso. Por mais que a gente está na mídia, jornal, revista, ou televisão ou rádio, entrar para as mídias digitais não é uma coisa que normalmente você pensava nisso. E eles vendo o resultado o sucesso com o trabalho, com a DOCA e com o canal, eles notaram que eram um veio a ser seguido.

00H:11m:47s

Adeilson T. Torres: Sobre essa questão dos acadêmicos, que eles muitas vezes, a sensação que a gente tem, é que eles não reconhecem o Youtube como uma mídia erudita. Você acha que esse tipo de coisa também desestimula outros a participar?

00H:12m:04s

Luiz F. Pondé: Você sabe a famosa regra que “meio é a mensagem”, então o Youtube, ainda mais porque imagem. E tem essa característica dispersa, então a erudição se sente melhor num ambiente mais restrito. E se você ficar citando fonte no Youtube o cara vai embora, assim, normalmente que está no Youtube ele até pode ser a mesma pessoa que vai assistir uma aula na pós, na PUC, ou na USP. Mas quando ele está no Youtube, ele não está fazendo isso, mesmo quando ele está seguindo um curso, como o meu de história antiga, ele está muito, ele está não no Youtube, está na plataforma EAD, então ele está ali em casa, comendo pizza, sei lá, tomando Coca-Cola, como ele quiser, na cama, sei lá onde está.

00H:12m:44s

Então não é mesmo tipo de recepção, de disposição para recepção de quando se está num ambiente erudito. Então não acho que cursos e conteúdo de Youtube ou mesmo de plataforma EAD pode ter digamos assim, uma diminuição do caráter erudito, acho isso normal. Existem formas de conhecimento que são mais eruditas, ou menos eruditas.

00H:13m:05s

Agora, é claro que a fundamentação em erudição é um tipo de capacidade instalada. Eu posso não citar a fonte, mas eu sei do que estou falando. Então na medida que eu cito a fonte, ou não cito a fonte, mas falo “x”, quem conhece sabe que eu estou falando corretamente, que conhece não a fonte especificamente, mas a origem do conteúdo.

00H:13m:27s

Então assim, fica de uma forma um pouco mais implícita a erudição. Mas é claro que o tipo de recepção é outro. Se você for ficar falando 3 horas e meia como um curso de Doutorado da PUC, citando todas as fontes, nem na PUC mais os alunos têm mais suportado esse tipo de coisa.

00H:13m:44s

Porque isso tem um refluxo, tipo de práticas em mídias sociais, tem um refluxo, como a mídia toda tem sobre a própria a produção de conteúdo. Eu escrevo hoje muito mais objetivamente e falo muito mais objetivamente, graças a jornal, revista e mídias digitais.

00H:14m:00s

Adeilson T. Torres: Eu noto assim, que com recentemente com o avanço dos *fact checking*, ou seja, com essa indústria que assiste o vídeo com um olhar crítico, avaliando os dados que são postos. Você acha que de alguma forma que, os professores que seguem uma linha mais “marxistas” principalmente os mais marxistas ortodoxos. Você que de alguma forma eles também acabam não se expondo no Youtube, por medo de repente sofrer algum tipo de represaria, ou perderem a credibilidade por eles estarem sofrendo muitas críticas intelectuais?

00H:14m:40s

Luiz F. Pondé: Acho que podem sim, acadêmicos normalmente. Na área de humanas os acadêmicos se acham seres super normais, assim, paranormais, superiores. Então não gostam muito de gente, na verdade não gostam, falam que gostam do povo, mas não gostam, fingem que gostam, essa moçada, principalmente os marxistas que falam muito em nome da revolução não sei o que, normalmente falam da revolução tomando queijos e vinhos. Não ir pro lugar “onde o povo está” como eles gostam de falar. Agora, é claro que exposição, quando você fechado numa teoria, a não ser que a sua recepção seja só daquele grupo, é claro que você está aberto a todo tipo de crítica. Então, se você quer fazer o mundo caber dentro da teoria do Marx, vai ser muito fácil te criticar, como qualquer outra teoria que você quer fazer com que o mundo caiba dentro dela. Então acho que o caso dos marxistas, é o caso de todo obsessivo, todo obsessivo sofre no mundo real, porque nem tudo cabe no ritual dele.

00H:15m:40s

Adeilson T. Torres: O professor estava comentando sobre essa questão da constitucionalidade, digamos assim, ou o fato de você impor alguma lei que de certa forma, acaba prejudicando a liberdade de expressão. A gente tem um caso do professor canadense Jordan Peterson, que é bem emblemático, porque ele tentou lutar ali de alguma forma lutar contra o modelo de identidade de gênero que está sendo lutado, estava sendo imposto no Canadá, só que ao mesmo tempo, se a gente for comparar ele com o professor, as vezes o professor acaba sendo um pouco mais objetivo, pra alguns acaba sendo meio pessimista também e também politicamente incorreto.

Luiz F. Pondé: Como o Peterson também é. O Jordan Peterson.

00H:16m:53s

Adeilson T. Torres: Você acha que de certa forma esse lance dele “pegar leve”, essa questão de as vezes ele tentar, digamos assim “pegar leve”, de alguma forma. Você acha que de certa que algumas vezes você fala as coisas muitas objetivas, inclusive te comparam muitas vezes com Arthur Shopenhauer.

Luiz F. Pondé: É o Kernal que me compara com o Arthur Shopenhauer

Adeilson T. Torres: Você acredita que de certa forma, principalmente com a esquerda, você sofre alguma pressão para “pegar leve” com a esquerda?

00H:17m:00s

Luiz F. Pondé: Não, eu não sou pressão nenhuma, em nenhum canal, em nenhum veículo que eu trabalho sou pressão. De forma nenhuma, nem TV, nem rádio, nem jornal. E eu... A única pressão que eu sou é a pressão de educação doméstica. Então, tem temas que você tem que pegar mais leve, você sabe, que eu acho que muitas coisas dependem do temperamento, do jeito que elas têm, e as vezes a gente tenta transformar tudo em lei. Então assim, eu nunca, fui chegado a ofender pessoas no dia a dia, né, no sentido cotidiano de vida, nem em sala de aula, nem alunos. Sempre gostei muito de dar aula, mesmo que tivesse tratando de um tema delicado. Então eu não sou pressão nenhuma, então agora, o Jordan Peterson, ele está ficando milionário, porque ele enfrentou um tema importante, que foi o tema do chamado nome social e de gênero, que é uma coisa que no Canadá é muito forte, acho que a gente tem que levar em conta isso. O Brasil não chega aos pés do Canadá, o Canadá é um país totalitário em censura, extremamente repressor, caríssimo com qualquer tipo de forma de liberdade de expressão. Então nesse sentido, eu quero dizer que o Jordan Peterson enfrenta no dia a dia seguramente pressões muito maiores que eu enfrento. O Brasil é muito mais livre neste aspecto. Apesar de aqui também existir essa temática, lá no Canadá o nível de judicialização dessas discussões é muito mais radical que no Brasil. Talvez a gente chegue lá um dia, mas comparando o *status quo* de lá com o *status quo* de cá, acho que lá é bem pior nesse aspecto. Agora, eu não sou nenhuma pressão, assim, é claro que você tem que tomar cuidado com as expressões que você usa no jornal, porque você tem uma marca associada. Quando eu estou escrevendo uma coisa na Folha não só eu, é a Folha e eu, então é uma responsabilidade com isso, mesma coisa com a TV Cultura, ou Rádio Bandeirantes, ou qualquer outra mídia, Sulamérica Paraisópolis no Rio, a rádio. Quer dizer, então tem aí uma questão de profissionalismo, de você tomar cuidado, e manuais da redação que a gente tem sempre, não pode xingar o leitor, não pode mandar ele ir tomar naquele lugar, é uma questão de formação básica de relação com a mídia.

6 Anexo 04: Depoimento de Augusto Nunes (ex apresentador) sobre o Roda Viva

5. <https://goo.gl/m2U8nf>

Orador: Augusto Nunes

Data da publicação: 31 de julho de 2018.

Local: Programa “Os pingos nos Is” da rádio Jovem Pan.

00H:00m:00s

Vou fazer algumas revelações, e eu de saída peço “vênia” né, diria no tribunal, no supremo tribunal Federal, para me estender um pouquinho, pra essas que são informações importantes que eu vou fornecer agora.

00H:00m:15s

E que eu não revelei antes por motivo muito simples, eu não costumo fazer comentários sobre o que se passa em empresas em que trabalhei. Até porque por ocupar cargos de chefia, e tal eu tenho acesso a informações, que informações sigilosas e que eu só obtivi por ocupar um cargo de confiança, então, não uso essas informações depois, para não parecer sobretudo “viúvo” de alguma empresa, eu nunca fui.

00H:00m:45s

Eu acho lamentável a figura de quem passa a vida falando dos lugares em que trabalhou, de algum lugar em que trabalhou a 40 anos, acho tudo bobagem. Eu gosto de olhar para os lados e para frente.

00H:01m:00s

Mas agora, eu, eu resolvi falar algumas coisas sobre o Roda Viva, e comentar o programa, porque eu acho necessário que os contribuintes saibam o que se passa numa empresa pública.

00H:01m:19s

Eu não comentaria nada não teria nada a dizer, sobre a condução do Roda Viva sobre os rumos do Roda Viva se fosse um programa de qualquer empresa particular, faça o que quiser, essas é a Globo, a Record, faz o que quiser, quem vai assisti ou não.

00H:01m:39s

Mas, a TV Cultura depende do nosso dinheiro, ela é financiada por nós, e, portanto, eu tenho direito de me declarar preocupado com os rumos que as coisas estão tomando.

00H:01m:50s

Numa entrevista e começou a ser divulgada ontem, o Felipe Moura Brasil replicou no Twitter dele, então está fazendo algum barulho, eu quero esclarecer coisa dessa entrevista, ao Youtuber Marcelo Bonfá, e num trecho da entrevista eu revelei as razões que levaram à sair do Roda Viva.

00H:02m:11s

Eu saí em março, quando terminou meu contrato, resolvi que não renovaria, em consequência de pressões políticas que vinham se intensificando, envolvendo a presidência da TV Cultura e o conselho, no momento controlado por dois de seus integrantes, são: o Jorge Cunha Lima, conselheiro a muitos anos e o Augusto Rodrigues que é presidente do conselho.

00H:02m:43s

A alguns meses eles vinham dizendo que o Roda Viva tinha um viés direitista, que não trazia pessoas de esquerda, o que é falso. É falso porque primeiro, entrevistei vários militantes da esquerda, dirigentes de partidos de esquerda, ministro dos governos do PT, que foram recebidos, educadamente, como se recebe alguém que vai a tua casa e que puderam falar a vontade sobre o que pretendiam.

00H:03m:17s

E todos os meses eu fazia questão de mandar o convite protocolado, para a presidente Dilma Rousseff e para o já ex-presidente, porque eu assumi em 2013, o ex-presidente Lula.

00H:03m:33s

E eles nunca aceitaram o convite. A composição [dos ah] da bancada de entrevistadores, a única recomendação que eu dava, era que convidasse jornalistas que fizessem objetividade perguntas sobre o que quisessem. Mas perguntas que evitassem o discurso exposição das próprias ideias.

00H:03m:57s

Aí eu faço uma viagem no tempo ligeira. Eu vi o nascimento Roda Viva, porque eu sou amigo do Roberto de Oliveira que criou, e é um grande homem de televisão. E isso aconteceu na gestão do Roberto Muylaert, de quem também eu tenho o privilégio de ser amiga, eu vi nascer, o Roda Vida do qual eu fui o segundo apresentador.

00H:04m:19s

Eu não comecei apresentando, foi Rodolfo Gamberini, também até eu estava trabalhando no jornal do Brasil e ia pro Rio.

00H:04m:27s

O Roda Viva basicamente é o seguinte: estrela é o entrevistado. Quem tem que ser conhecido é o entrevistado, quem tem que expor ideias é o entrevistado. Os jornalistas são coadjuvantes, muito importantes, que devem fazer com que o entrevistado se revele, diga o que pensa e diga o que acha. Sobretudo, você deve pressionar ele sempre com elegância, como fazem os jornalistas do mundo inteiro.

00H:05m:02s

Agora, quem decide se o que ele falou, tá certo, tá errado, é bom, é uma bobagem, e tal, é o espectador, esse o juiz final. Cabe ao entrevistador o que é o papel do juiz de futebol, quanto menos aparece num jogo, melhor atuação do juiz.

00H:05m:21s

E no caso apresentador do Roda Viva, ele deve garantir tempo igual para todos os presentes e deve garantir, sobretudo, que o entrevistado exponha o que pensa, e claro tem de tratar de assuntos [semelhantes] e te interessem – pelo menos ainda opinião do moderador – a quem está assistindo.

00H:05m:46s

No meu caso foi o seguinte, se alguém tá falando demais no passado, eu a cada pergunta que fazia eu tratava do presente, não ficava obrigando alguém a me seguir.

00H:05m:58s

Mas eu sempre falava nos intervalos, acho bom a gente “fazer isso” perto eu conheço o Roda Viva e sei como é que é. Você não pode deixar por exemplo: entrevistado faça – eu avisava isso antes – três perguntas sucessivas sobre assuntos diferentes, a indicar, porque tá tomando tempo do outro.

00H:06m:16s

E você não pode ser rude e nem tratar como inimigo ninguém, não se trata de ganhar a discussão. Você tem que informar ao telespectador, quem é aquele. A tua opinião não interessa ao espectador, a opinião dos jornalistas não interessa.

00H:06m:38s

E claro, o Roda Viva como tem mostrado a 32 anos, é um programa que mostra quem é importante na vida brasileira. Lá estão todos.

Só não foram entrevistados de gente bem importante, que eu adoraria ver no Roda Viva: o Pelé, o Roberto Carlos e o Chico Buarque. Não por motivos políticos, o Chico Buarque como se propaga por aí, ele disse que é tímido para esse tipo de entrevista, desde sempre.

00H:07m:08s

Eu digo isso com segurança, ele foi os primeiros convidados e ele é amigo do Roberto de Oliveira que produziu todos os musicais de Chico Buarque. Portanto, não tem nenhum problema político não, não tem nada a ver.

00H:07m:23s

O Roberto Carlos alega que a Globo não deixa, e o Pelé diz que não dá nem todo mundo vai querer. Bom, voltando agora ao que mais importa.

00H:07m:34s

De uns 6 meses, 7 para cá, começaram as pressões para, com base nessas suspeitas de que era um programa de direita era, temos que trazer mais gente de esquerda. Convidava, todos.

00H:07m:50s

Começaram a interferir na montagem da bancada, o que nunca tinha acontecido. Precisa convidar fulano, precisar convidar fulano, e aí começava, precisa convidar agora um conselheiro, os conselheiros, o amigo do conselheiro, não sei o que, bom.

00H:08m:06s

Em março no fim das férias do Roda Viva, eu voltei e tive uma conversa com Marcos Mendonça, presidente, dizendo basicamente o seguinte: a gente vai continuar, ou vai voltar o comando para as mãos dos jornalistas.

00H:08m:21s

Olha esse ano eleitoral vai ser mais complicado ainda, ele disse que teremos entrevistar três ministros que estavam de saída, do governo Temer, que nós já tínhamos entrevistado, foi a ponderação que eu fiz, e eu disse que eles viriam para falar bem deles mesmos, em seguida se desincompatibiliza e começa a campanha eleitoral.

00H:08m:46s

Foi o que aconteceu. Diante da inevitabilidade dessas entrevistas, eu fiz, e pedi que me fosse reservada a última data, que foi 26 de março, que eu levei o juiz Sergio Moro.

00H:09m:00s

Esse é o resumo da ópera. No final do programa eu disse: que o Roda Viva deveria continuar trilhando, percorrendo a rota do jornalismo independente. Que é uma rota muito difícil, mas é a única que leva ao porto seguro, do estado democrático de direito.

00H:09m:20s

Pelos rumos que as coisas estão tomando, por determinação de conselheiros, que estão abusando de suas funções, eu temo que o programa esteja se desviando da rota da independência, e é por isso que a reação ao programa de ontem foi tão intensa.